

**CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE JUIZ DE FORA
MARIA CLAUDIA DE OLIVEIRA**

**UMA IDENTIDADE DE MUITAS CORES NA ESCRITA DE ANA MARIA
MACHADO E DE EDIMILSON DE ALMEIDA PEREIRA**

Juiz de Fora
2018

MARIA CLAUDIA DE OLIVEIRA

**UMA IDENTIDADE DE MUITAS CORES NA ESCRITA DE ANA MARIA
MACHADO E DE EDIMILSON DE ALMEIDA PEREIRA**

Dissertação apresentada ao Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, CES/JF, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, área de concentração: Literatura Brasileira. Linha de pesquisa: Literatura Brasileira: tradição e ruptura.

Orientador: Prof. Dr. Édimo de Almeida
Pereira

Juiz de Fora
2018

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca CES/JF – CES/JF

O48

Oliveira, Maria Claudia de,

Uma identidade de muitas cores na escrita de Ana Maria Machado e de Edimilson de Almeida Pereira / Maria Claudia de Oliveira, orientador Édimo de Almeida Pereira. – Juiz de Fora: 2018.

126 p., il. color.

Dissertação (Mestrado – Mestrado em Letras: Literatura brasileira) – Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, 2018.

1. Afrodescendência. 2. Identidade. 3. Literatura Brasileira. 4. Ana Maria Machado 5. Edimilson de Almeida Pereira. I. Pereira, Édimo de Almeida, orient. II. Título.

OLIVEIRA, Maria Claudia de. **UMA IDENTIDADE DE MUITAS CORES NA ESCRITA DE ANA MARIA MACHADO E DE EDIMILSON DE ALMEIDA PEREIRA.**

Dissertação apresentada ao Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, CES/JF, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, área de concentração: Literatura Brasileira. Linha de pesquisa: Literatura Brasileira: tradição e ruptura realizada no 2.º semestre de 2018.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Edimo de Almeida Pereira (CESJF)


Prof.^a Dra. Maria Aparecida Nogueira Schmitt (CESJF)


Prof.^a Dra. Gislene Teixeira Coelho (IFSUDESTE/MG)

Dedico este trabalho a todas as pessoas que compartilham comigo o encantamento pela Literatura, em especial ao Prof. Dr. Édimo de Almeida Pereira (CESJF).

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, presença majoritária em todos os momentos da minha vida.

Ao Professor Dr. Édimo de Almeida Pereira, que aceitou o desafio de me orientar, sempre acolhedor e comprometido, ensinou-me a ver os problemas com os olhos da ciência.

Ao meu esposo Paulo César e aos meus familiares, pelo apoio, compreensão e carinho durante minha trajetória acadêmica.

Às amigas: Ana Maria de Oliveira, Beatriz de Souza Guimarães, Elicélia C. Paula Paiva, Elisangela Guimarães Honório, Flávia Santos, Maura Fonseca e Maria das Graças Miranda Furtado, que estiveram a meu lado, sempre me apoiando, incentivando-me ao desafio da realização desta pesquisa e à aplicação dos conhecimentos dela decorrentes em nossa prática pedagógica.

Às Professoras Doutoras Maria Aparecida Nogueira Schmitt (CESJF), Mara Conceição Vieira de Oliveira (Centro Universitário Estácio/JF) e Gislene Teixeira Coelho (IFSUDESTE/MG) por sua participação na banca de qualificação e defesa deste trabalho.

Aos colegas da turma do Mestrado, Cláudia Cristina de Sant'Anna, Elayne Luciana Leite de Melo, Estela Máris Medeiros Jardim, Jennifer da Silva Gramiani Celeste, José Tadeu Júlio da Silva, Juliana Pinto de Oliveira Causin Alves, Letícia Cristina Pereira, Paloma Silva Mendes, Revelino Leonardo Pires de Mattos e Silvana de Fátima Costa Pereira, percorremos um longo trajeto juntos e neste momento de despedida, fica a certeza que cada um de nós contribuiu muito para o crescimento do outro. Sentiremos saudades!

A todos que contribuíram para que eu chegasse até aqui.

Encontrei minhas origens

Encontrei minhas origens
em velhos arquivos
..... livros
encontrei
em malditos objetos
troncos e grilhetas
encontrei minhas origens
no leste
no mar em imundos tumbeiros
encontrei
em doces palavras
..... cantos
em furiosos tambores
..... ritos
encontrei minhas origens
na cor de minha pele
nos lanhos de minha alma
em mim
em minha gente escura
em meus heróis altivos
encontrei
encontrei-as enfim
me encontrei

Oliveira Silveira

RESUMO

OLIVEIRA, Maria Claudia de. **Uma identidade de muitas cores na escrita de Ana Maria Machado e de Edimilson de Almeida Pereira**. 126 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado em Letras). Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018.

Este trabalho de dissertação, desenvolvido no âmbito da Linha de Pesquisa Literatura Brasileira: tradição e ruptura, do Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF), pauta-se na realização de uma análise crítica dos livros **Menina bonita do laço de fita** (2011), da jornalista e escritora carioca Ana Maria Machado, e **Histórias trazidas por um cavalo-marinho** (2005), do poeta e ensaísta mineiro Edimilson de Almeida Pereira, investigando a forma como cada um dos autores aborda a construção do discurso identitário afrodescendente a partir da elaboração estética de suas respectivas escritas. As obras mencionadas estão inseridas no campo da Literatura Infantojuvenil brasileira e suscitam reflexões que fazem parte de diferenciadas áreas do conhecimento – tais como a Antropologia, a Sociologia, a História, os estudos Multiculturais, dentre outras –, servindo também como meio capaz de suscitar a busca de uma compreensão acerca da diversidade presente nos modos de representação do afrodescendente na cultura brasileira. Dessa maneira, observado o viés transdisciplinar das questões levantadas nesta dissertação, utilizamos como referencial teórico as reflexões e críticas anunciadas nas contribuições de autores como Fúlvia Rosemberg, Maria Cristina Soares Gouveia, Michel Foucault, Nelly Novaes Coelho, Stuart Hall, além de outros.

Palavras-chave: Afrodescendência. Identidade. Literatura Brasileira. Ana Maria Machado. Edimilson de Almeida Pereira.

ABSTRACT

This dissertation, developed within the scope of the Brazilian Literature Research Line: tradition and rupture of the Graduate Program – *Mestrado em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES / JF)*, is a critical analysis of the books **Menina Bonita do Laço de Fita** (2011), by the journalist and writer Ana Maria Machado, and **Histórias trazidas por um cavalo-marinho** (2005), by the poet and essayist Edimilson de Almeida Pereira, born in Minas Gerais State. It is investigated how each one of the authors approaches the construction of the Afrodescendant. The mentioned works are inserted in the field of Brazilian Literature for Children and give rise to reflections that are part of different areas of knowledge - such as Anthropology, Sociology, History, Multicultural studies, among others - and also serve as a means of eliciting the search for an understanding of the diversity present in the representation ways of Afrodescendants in Brazilian culture. Thus, observing the transdisciplinary bias of the questions raised in this dissertation, we use as theoretical references, the reflections and critics announced in the contributions of authors like Fúlvia Rosemberg, Maria Cristina Soares Gouveia, Michel Foucault, Nelly Novaes Coelho, Stuart Hall, among others.

Keywords: Afrodescendence. Identity. Brazilian Literature. Ana Maria Machado. Edimilson de Almeida Pereira.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NA LITERATURA BRASILEIRA.....	13
2.1 O NEGRO NA LITERATURA BRASILEIRA.....	19
2.2 A LITERATURA BRASILEIRA NEGRA.....	31
2.3 ASPECTOS SOBRE A AFRODESCENDÊNCIA NA LITERATURA INFANTOJU- VENIL BRASILEIRA.....	38
2.4 A IMPORTÂNCIA DAS IMAGENS: ilustração e representação da afrodescendên- cia nos livros para crianças.....	47
3 A MENINA DO LAÇO DE FITA E O CAVALO-MARINHO: era uma vez dois contos e dois autores.....	56
3.1 ANA MARIA MACHADO: notas sobre a autora.....	82
3.2 O CONTO A MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA.....	83
3.3 EDIMILSON DE ALMEIDA PEREIRA: notas sobre o autor.....	86
3.4 ADENTRANDO HISTÓRIAS VINDAS OUTRO LADO DO OCEANO	90
4 AS MUITAS CORES DA AFRODESCENDÊNCIA NA ESCRITA DE ANA MARIA MACHADO E DE EDIMILSON DE ALMEIDA PEREIRA.....	94
4.1 O COELHO E A DESCOBERTA DA NEGRITUDE.....	95
4.2 ONDE A AFRODESCENDÊNCIA NAS HISTÓRIAS DO CAVALO- MARINHO?.....	99
5 CONCLUSÃO.....	108
REFERÊNCIAS.....	111
ANEXOS.....	120

1 INTRODUÇÃO

Livro só existe no plural.
De modo que não há como abrir um único, sem
com isso outro, e assim acionar a espiral que, par
em par, outros abrirá;

Fernando Fábio Fiorese Furtado

Este trabalho de dissertação apresenta à comunidade acadêmica e à crítica literária especializada uma análise crítica dos livros **Menina bonita do laço de fita**, da jornalista e escritora carioca Ana Maria Machado (2011), e **Histórias trazidas por um cavalo-marinho**, do professor, poeta e ensaísta mineiro Edimilson de Almeida Pereira (2005), abordando as formas de inserção e a relevância da literatura afro-brasileira para o público infantojuvenil, não apenas no contexto escolar, mas social como um todo. Considerando a estética desenvolvida por ambos os autores em suas respectivas escritas, verificamos a possibilidade de investigar como a temática da afrodescendência é abordada na obra de cada um dos escritores, além de investigarmos como referidas escritas literárias se mostram capazes de viabilizar a articulação de um percurso teórico em torno da questão da efetiva manifestação do discurso afrodescendente no campo da Literatura Brasileira, em específico da Literatura Brasileira para crianças.

A análise do *corpus* literário escolhido e a articulação com os diversos textos teóricos fizeram-se necessárias em busca da compreensão do exposto por cada um dos autores, tendo sido observada uma maior ênfase na discussão acerca da literatura afro-brasileira e a inserção da mesma nos espaços acadêmicos, considerando-se a necessidade de fortalecimento dos estudos voltados para as africanidades, como instrumento que contribua para a erradicação de um discurso sociocultural excludente e historicamente aplicado em desfavor de uma parcela de indivíduos que atuaram e atuam com significativa contribuição para a formação histórica, social e cultural brasileiras.

Inserido no âmbito da Linha de Pesquisa Literatura Brasileira: tradição e ruptura, do Programa de Pós-graduação, Mestrado em Letras, área de concentração em Literatura Brasileira, do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF), a presente dissertação, por intermédio de um enfoque teórico transdisciplinar baseado

nos aportes teóricos de autores diversos, tais como, Nelly Novaes Coelho (2000) – **Literatura infantil**, Edimilson de Almeida Pereira e Núbia Pereira de Magalhães Gomes (2001) – **Ardis da imagem**: exclusão étnica e violência nos discursos da cultura brasileira, Stuart Hall (2015) – **A identidade cultural na pós-modernidade**, Fúlvia Rosemberg (1985) – **Literatura infantil e ideologia**, Michel Foucault (1970) – **A ordem do discurso**, dentre outros, voltou-se também para a análise crítica do quadro estético oferecido pelo *corpus* literário da lavra de Ana Maria Machado e de Edimilson de Almeida Pereira, já mencionado, valendo ressaltar que ambas as obras rompem paradigmas excludentes experienciados por muitos brasileiros que trazem na sua constituição como indivíduos a identidade afrodescendente.

Dessa maneira, seguem-se a essa **INTRODUÇÃO**, a seção de número 2, intitulada **A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NA LITERATURA BRASILEIRA**, na qual realizou-se um apanhado acerca da trajetória do negro no Brasil nos diversos espaços da sociedade, destacando as formas como ocorreram a sua presença nos textos literários. A subseção 2.1, O NEGRO NA LITERATURA BRASILEIRA, abordou as questões relacionadas aos padrões de representação do negro na Literatura Brasileira. A subseção 2.2, intitulada A LITERATURA BRASILEIRA NEGRA, destinou-se a reflexões acerca da formação e da afirmação de uma Literatura Brasileira Negra no âmbito da Literatura Brasileira, dedicando-se ao estudo dos elementos caracterizadores daquela. A subseção 2.3, ASPECTOS SOBRE A AFRODESCENDÊNCIA NA LITERATURA INFANTOJUVENIL BRASILEIRA, abordou a representação do negro na literatura voltada para o público infantojuvenil, considerado o passado e o cenário criado pela legislação educacional vigente.

A seção 3, intitulada **A MENINA DO LAÇO DE FITA E O CAVALO-MARINHO**: era uma vez dois contos e dois autores, cuidou da apresentação dos dois autores que contribuíram com o *corpus* literário e todo o percurso feito acerca da Literatura Brasileira. A referida seção subdividiu-se nas seguintes subseções: 3.1 ANA MARIA MACHADO: notas sobre a autora, apresentou o percurso literário e pessoal da autora em questão e toda sua trajetória de luta em diferentes épocas políticas, sociais e culturais que o Brasil viveu; 3.2 O CONTO A MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA, nesta subseção tratou de apresentar um conto que foi publicado pela primeira vez em 1986 e que, posteriormente, veio a público até a nona edição,

perpassando pela temática de valorização da identidade afrodescendente, em razão das características dos personagens; 3.3 EDIMILSON DE ALMEIDA PEREIRA: notas sobre o autor, destinou-se a apresentar o escritor mineiro que é um dos mais premiados da Literatura Brasileira, bem como todo seu histórico de ininterruptas publicações e premiações. A subseção 3.4, ADENTRANDO HISTÓRIAS VINDAS OUTRO LADO DO OCEANO, apresentou o encantamento e a delicadeza na escrita das narrativas, as quais abordam a diversidade e remetem, pela via da sutileza, à temática da identidade afrodescendente.

Na seção de número 4, intitulada **AS MUITAS CORES DA AFRODESCENDÊNCIA NA ESCRITA DE ANA MARIA MACHADO E DE EDIMILSON DE ALMEIDA PEREIRA**, cuidou-se de uma análise pormenorizada dos aspectos teóricos em torno da questão étnica e a detecção dessa temática nas obras que constituem o *corpus* literário deste trabalho de dissertação. Na subseção 4.1, O COELHO E A DESCOBERTA DA NEGRITUDE, analisou-se como a autora tematizou a diversidade étnica brasileira por meio da criação de personagens como um coelho branco e uma menina negra, a qual, por diversas vezes ao longo da narrativa, tem ressaltada a sua beleza. Na subseção 4.2, ONDE A AFRODESCENDÊNCIA NAS HISTÓRIAS DO CAVALO-MARINHO?, tratou-se da análise crítica dos aspectos em torno da questão étnica e de sua representação estética nas linhas ficcionais da obra **Histórias trazidas por um cavalo-marinho** (2005), de Edimilson de Almeida Pereira, problematizando como esta temática se apresenta na obra em questão – aliada aos aspectos presentes no trabalho de ilustração da designer gráfica Denise Nascimento –, por meio de uma perceptível ligação com a herança da oralidade africana.

Finalmente, apresenta-se a **CONCLUSÃO** na quinta e última seção, a qual se faz seguida das **REFERÊNCIAS** e dos **ANEXOS**.

2 A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NA LITERATURA BRASILEIRA

Brasil e seu pecado original: a ditadura da
brancura e vasto repertório de disfarces.
Pra quem é visivelmente afro, sobrou este
presente cheio de fratura exposta.
Nossa resposta: consciência e militância.
Ousamos reinventar espaços de comunicação e
aqui redefinimo-nos em textos, temas, leituras,
personagens e histórias de transformação.

Jamu Minka

Ao se verificar em arquivos da literatura nacional, é possível observar que, antes da Abolição da Escravatura, a presença do negro nos espaços literários e sociais da época correspondia à quase total invisibilidade. Neste período histórico brasileiro, os negros africanos e seus descendentes eram vistos apenas como seres que estavam à disposição para servir a seus senhores escravocratas. Observa-se, neste caso, portanto, que a mudança na lei relativa ao regime escravista não implicou a mudança imediata dos parâmetros de conformação da sociedade.

A professora Lilia Moritz Schwarcz (2012), em sua obra **Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociedade brasileira**, traz reflexões significativas acerca da literatura para crianças. A produção apresenta um panorama, de forma sutil, ao abordar as questões históricas raciais brasileiras.

Schwarcz (2012) afirma que,

[...] desde que o Brasil é Brasil, ou melhor, quando era ainda uma América portuguesa, o tema da cor nos distinguiu. Os primeiros viajantes destacavam sempre a existência de uma natureza paradisíaca, mas lamentavam a “estranheza de nossas gentes”. Muito se comentou sobre essas novas gentes desse igualmente novo mundo, mas do lado dos relatos ibéricos o mais famoso é talvez o do viajante português Gândavo, que deu forma canônica ao debate que, desde Caminha e Vespúcio, mencionava a ambivalência entre a existência do éden ou da barbárie nessas terras perdidas (SCHWARCZ, 2012, p. 11, grifos da autora).

A autora desenvolve uma abordagem sobre a estranheza, por parte dos visitantes, com o Novo Mundo. Ao se depararem com a diversidade étnica existente na terra visitada, os estrangeiros faziam relatos sobre a passagem pelo território descoberto. A beleza natural local encantava e causava admiração, mas ao se referirem a **nossas gentes**, o sentimento era de estranheza e decepção por parte dos hóspedes europeus que não valorizaram outras etnias por aqui encontradas.

Schwarcz (2012) ainda se refere ao fato de que a literatura reflete a rejeição europeia aos grupos étnicos que formam a identidade da sociedade brasileira.

A partir desta reflexão, a professora Schwarcz (2012) tece considerações sobre,

O livro *Contos para crianças*, publicado no Brasil em 1912 e na Inglaterra em 1937, [que] contém uma série de histórias cujo tema central é, muitas vezes, o mesmo [...]. Esse é, também, o núcleo narrativo do conto “A princesa negrinha”. [...] a figura do bebê escuro causou tal “comoção” em todo o reino que a fada não teve outro remédio senão alterar sua primeira dádiva: não podendo transformar “a cor preta na mimosa cor de leite”, prometeu que, se a menina permanecesse no castelo até seu aniversário de dezesseis anos, teria sua cor subitamente transformada “na cor branca que seus pais tanto almejavam”. Contudo, se desobedecessem à ordem, a profecia não se realizaria e o futuro dela “não seria negro só na cor” (SCHWARCZ, 2012, p. 10, grifos da autora).

Mediante as afirmações da professora em questão, observa-se que o branqueamento foi incisivo desde o descobrimento do Novo Mundo e, presente nos textos literários, a “[...] cor branca, poucas vezes explicitada, é sempre uma alusão, quase uma bênção; um símbolo dos mais operantes e significativos, até os dias de hoje” (Schwarcz, 2012, p. 11).

As pesquisas apresentadas por Florentina Souza e Maria Nazaré Lima (2006), na obra **Literatura afro-brasileira**, abordam a forma como ocorreu a inserção de personagens negros no contexto literário brasileiro, no início do século XX. Neste sentido, Souza e Lima (2006) afirmam que

[...] personagens negros só aparecem a partir do final da década de 20 e início da década de 30, no século XX. É preciso lembrar que o contexto histórico em que as primeiras histórias com personagens negros foram publicadas era de uma sociedade recém-saída de um longo período de escravidão. As histórias dessa época buscavam evidenciar a condição subalterna do negro. Não existiam histórias, nesse período, nas quais os povos negros, seus conhecimentos, sua cultura, enfim, sua história, fossem retratados de modo positivo (SOUZA; LIMA, 2006, p. 187).

Nota-se que as estudiosas tocam em uma questão importante que é o fato de surgirem no Brasil aquelas que foram “[...] as primeiras publicações com a presença de personagens negros em uma sociedade após longo período de escravidão” (SOUZA; LIMA, 2006, p. 187). Cabe, portanto, ao leitor atual fazer uma análise com olhares voltados para a percepção do contexto social e histórico em que o personagem negro aparece na sociedade e na literatura. Nos anos 20 e 30 do

século XX os personagens negros apareciam ocupando papéis secundários dentro de um contexto de submissão, com funções subalternas e servidão em relação aos brancos e donos da casa.

As pesquisadoras, ainda destacam que,

Os personagens negros não sabiam ler nem escrever, apenas repetiam o que ouviam, ou seja, não possuíam o conhecimento considerado erudito e eram representados de um modo estereotipado e depreciativo (SOUZA; LIMA, 2006, p. 187).

Para o estudioso David Brookshaw (1983), na obra intitulada **Raça e cor na literatura**, torna-se surpreendente a anulação da presença do negro nos textos, sendo que os mesmos desempenhavam funções diárias e estavam em ação, desempenhando atividades costumeiras nos cenários e para os protagonistas dos escritos literários.

No período anterior ao da Abolição da Escravatura, os escritores brasileiros tinham uma visão que vinha do reflexo das ideologias predominantes no interior de uma sociedade escravocrata. Não consideravam o escravizado como ser humano e o negro, dessa maneira, não tinha espaço na literatura produzida nesta época como protagonista, mas apenas como personagem secundário, coadjuvante ou figurante, dentre outros. Até então, pode-se afirmar que esse protagonismo continua sendo objeto de reivindicação por parte de escritores negros.

Nesta perspectiva, pode-se notar que no princípio do século XX a representação do negro na Literatura Brasileira era reflexo de uma sociedade que não tinha a preocupação com a ocorrência de preconceito e com a discriminação racial.

Souza e Lima (2006) ainda fazem considerações a respeito da especificidade que se configura em torno da representação da mulher negra na Literatura Brasileira, afirmando que,

[...] até a década de 30, a personagem feminina negra é invariavelmente representada como a empregada doméstica, retratada com um lenço na cabeça, um avental cobrindo o corpo gordo: a eterna cozinheira e babá. Como empregada de uma família branca, passa a maior parte do tempo confinada em uma cozinha. Certamente, aqui, podemos nos lembrar da Tia Nastácia, personagem de Monteiro Lobato (SOUZA; LIMA, 2006, p. 188).

Considerando a evolução nas questões literárias em relação às representações étnicas, após a década de mil novecentos e setenta, Souza e Lima (2006) – tomando por base, agora, o universo da Literatura Infantil – asseveram que somente,

[...] a partir de 1975 é que vamos encontrar uma produção de literatura infantil mais comprometida com uma outra representação da vida social brasileira; por isso, podemos conhecer nesse período obras em que a cultura e os personagens negros figurem com mais frequência (SOUZA; LIMA, 2006, p. 187).

Nota-se que, de acordo com Souza e Lima (2006), a partir da década de mil novecentos e setenta, os textos literários brasileiros começam a apresentar interesse não apenas pela temática da valorização das classes sociais mas também pelo reconhecimento de uma sociedade etnicamente plurifacetada, tornando-se tais textos um elemento importante para a luta em favor de uma sociedade democrática e igualitária.

Nessa perspectiva, observa-se o início de uma produção literária a respeito dos contextos socioculturais e históricos do período pós-escravidão brasileira. Percebe-se que começavam a aparecer, com maior intensidade inquietações e denúncias contra o preconceito e a discriminação racial. A presença de personagens negros em algumas imagens nas quais vivenciavam determinadas situações demonstrava velhos aspectos com os quais alguns escritores pretendiam romper, visto que, historicamente, as “[...] histórias terminavam por criar uma hierarquia de exposição dos personagens e das culturas negras, fixando-os em um lugar desprestigiado do ponto de vista racial, social e estético” (SOUZA; LIMA, 2006, p. 187).

No que concerne a uma visão contemporânea sobre representação do negro na Literatura Infantil, é interessante destacar as ponderações de Souza e Lima (2006), ao afirmarem que,

[...] alguns dos textos dirigidos ao público infantil e juvenil buscam uma linha de ruptura com modelos de representação que inferiorizam, depreciem os negros e suas culturas. São obras que apresentam personagens negros em situações do cotidiano, resistindo e enfrentando, de diversas formas, o preconceito e a discriminação, resgatando sua identidade racial, representando papéis e funções sociais diferentes, valorizando as mitologias, as religiões e a tradição oral africana (SOUZA; LIMA, 2006, p. 188).

Para ampliar as reflexões a respeito da representação do negro nos textos literários, Souza e Lima (2006) apresentam um percurso que se inicia antes da década de mil novecentos e trinta, quando se pode evidenciar que, na maioria das vezes, os negros eram descritos no exercício de atividades braçais, com vestimentas descaracterizadas de suas culturas, roupas destinadas a empregados domésticos. Os afrodescendentes eram sempre segregados nos espaços por onde circulavam, e nos quesitos sociais e culturais vivenciavam uma constante invisibilidade em relação a sua identidade. A partir da década de mil novecentos e setenta, era comum observar a representação dos personagens negros com características sociais, culturais e físicas associadas aos personagens brancos. Tal expediente também era uma forma de reprodução de preconceitos direcionados aos personagens negros na Literatura Brasileira e uma tentativa de apagamento de sua ancestralidade africana.

Na década de mil novecentos e oitenta, inaugura-se uma fase de rompimento com as consagradas representações do personagem negro e da cultura afro-brasileira atribuídas às personagens brancas. Nesta época já começa a circular uma literatura que busca valorizar o berço étnico e cultural africano e fortalecer o resgate da sua identidade (SOUZA; LIMA, 2006, p. 187).

Segundo as estudiosas em questão, parte da pesquisa por elas realizada “[...] destinou-se ao estudo de livros de literatura infantil e juvenil com personagens negras, escritos na década de 1990” (SOUZA; LIMA, 2006, p. 2012).

Muitos autores e obras surgem no final dos anos mil novecentos e oitenta e estendem seu posicionamento até o presente momento, por meio de textos que trazem a valorização dos personagens negros e afrodescendentes como protagonistas, apresentados e representados em suas próprias características físicas, étnicas e culturais, com o emprego de ilustrações voltadas para o enaltecimento da beleza e para a inserção dos negros ou afrodescendentes em todas as esferas do contexto social.

Verifica-se que Souza e Lima (2006) trazem importantes contribuições sobre a representação do negro na Literatura Brasileira, ao afirmarem que, nos “[...] meados da década de 80 em diante, encontramos alguns livros que rompem um pouco com as consagradas formas de representação da personagem feminina negra e também da cultura afro-brasileira” (SOUZA; LIMA, 2006, p. 189).

Souza e Lima (2006) afirmam que no Brasil, tornou-se possível

[...] encontrar obras mostrando personagens negras na sua resistência ao enfrentar os preconceitos, resgatando sua identidade racial, desempenhando papéis e funções sociais diferentes [...], rompendo, assim, com o modelo de desqualificação presente nas narrativas dos períodos anteriores.

Nas obras infanto-juvenis contemporâneas, podemos encontrar textos oriundos da tradição oral africana, por exemplo, adaptações feitas a partir dos mitos, das lendas e de contos. É também comum encontrar histórias que nos permitem ver uma ressignificação da personagem negra. [...] narrativas aparecem e passam por faixas etárias diferentes: crianças, adolescentes, mulheres negras. Um outro traço relevante é a ênfase na importância da figura da avó e da mãe na vida das personagens. Podemos notar uma valorização de um outro tipo de beleza e estética, diferentemente do segundo período em que se valorizava a beleza com traços brancos (SOUZA; LIMA, 2006, p. 189).

De acordo com as pesquisadoras em questão, alterando velhos paradigmas, as obras literárias começaram a registrar a figura do negro de forma respeitosa, a partir do final dos anos mil novecentos e oitenta até a atualidade.

Contemporaneamente, passou-se a se tratar de uma Literatura Brasileira que comunga, entre outras propostas políticas sancionadas pelo Governo Federal, com os ditames da Lei n.º 10.639/2003¹, a qual, além de alterar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei n.º 9.394/06², institui que sejam ministrados conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira, nas instituições educacionais do Brasil.

Esses e outros aspectos relacionados à representação do negro na Literatura Brasileira são objeto de abordagem nas subseções que se seguem.

¹ A Lei n.º 10.639, de 9 de janeiro de 2003 altera a Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996 – que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional – para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-brasileira, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 18 fev. 2018.

² A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB 9.394/96) é a legislação que regulamenta o sistema educacional (público ou privado) do Brasil (da educação básica ao ensino superior). Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=Lei+de+Diretrizes+e+Bases+da+Educa%C3%A7%C3%A3o+Nacional+9.394%2F06&oq=Lei+de+Diretrizes+e+Bases+da+Educa%C3%A7%C3%A3o+Nacional+9.394%2F06&aqs=chrome..69i57.1230j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>>. Acesso em: 18 fev. 2018.

2.1 O NEGRO NA LITERATURA BRASILEIRA

Eu vim para cuidar de jardins
 Plantar coloridas flores
 Regá-las ao sair do sol
 Fazer lindos buquês
 E ofertá-los aos deuses
 E às mulheres
 Mas há ameaça de guerra
 E os jardins não sobreviverão ao fogo
 Então não cuidarei de jardins
 Não levarei flores aos deuses Nem às mulheres
 Pregarei a paz.

Solano Trindade

A maioria dos escritores brasileiros no período que antecedeu a Abolição da Escravatura no Brasil dependia do amparo das instituições escravocratas e do apoio financeiro dos senhores para o patrocínio de suas publicações. Naquele contexto, eram influenciados pela maneira de pensar a realidade própria de uma sociedade opressora do negro e, em razão de interesses distintos, alguns autores eram motivados a apoiar os opressores, não podendo dar atenção aos oprimidos. Tal aspecto influenciava-lhes diretamente a escrita por meio da qual desenvolviam uma visão opaca sobre a realidade experimentada pelos negros.

Por sua vez, a professora e pesquisadora Suely Dulce de Castilho (2004), no artigo **A representação do negro na literatura brasileira: novas perspectivas**, afirma que:

A abolição do tráfico [negreiro], ocorrida em 1850, forçou os escritores brasileiros a voltarem sua atenção aos escravos, em particular à maneira como eram tratados. Nos textos literários desse período, os escravos eram descritos com desgosto, piedade e de forma desumana (CASTILHO, 2004, p. 104).

Diante do contexto histórico-social vivenciado pelo negro no Brasil, no qual este foi submetido à condição de alvo de preconceitos diversos, verificou-se, no final do tráfico negreiro, que o escravizado passou a ser tomado como personagem de romances brasileiros, o que se deu, todavia, ainda de maneira a representá-lo sempre de forma negativa e desumana.

Anos mais tarde, quando se passou a almejar a criação de uma identidade nacional para o território, evidenciou-se a composição pluriétnica da população

brasileira, fato que refletiu diretamente na literatura da época, que buscou desqualificar o negro e exaltar o índio.

Frantz Fanon (1968), ideólogo da negritude, poeta, dramaturgo e ensaísta, em sua obra **Os condenados da terra**, desenvolve, em um contexto colonial franco-argelino, uma discussão sobre a busca de uma identidade nacional para uma colônia que procura incansavelmente a negação da cultura negro-africana dos colonizados, afirmando que:

Envidam-se todos os esforços para levar o colonizado a confessar a inferioridade de sua cultura transformada em condutas instintivas, a reconhecer a irrealidade de sua nação e, finalmente, o caráter inorganizado e inacabado de sua própria estrutura biológica.

Em face dessa situação, a reação do colonizado não é unívoca. Enquanto as massas mantêm intactas as tradições mais heterogêneas para a situação colonial, enquanto o estilo artesanal se solidifica num formalismo cada vez mais estereotipado, o intelectual lança-se freneticamente na aquisição furiosa da cultura do ocupante, tendo o cuidado de caracterizar pejorativamente sua cultura nacional, ou encastela-se na enumeração circunstanciada, metódica, passional e rapidamente estéril dessa cultura (FANON, 1968, p.198).

No Brasil, em pleno período do Romantismo (1836 – 1881), buscou-se a construção de uma identidade nacional para o país, fortalecendo os discursos dominantes que tinham por alvo inferiorizar e, até mesmo, apagar a cultura dos colonizados africanos. As culturas africanas eram, contudo, e ainda se apresentam, sólidas e os seus representantes e descendentes se negam a admitir a total submissão e o apagamento dos conhecimentos trazidos do continente negro pelos seus ancestrais.

Nesse sentido, vale a pena remontar às reflexões de Fanon (1968), nas quais o estudioso tece considerações sobre a representação de luta, resistência, libertação e recusa por parte dos povos africanos contra as culturas impostas pelo colonialismo e suas ideias hegemônicas, pois:

A adesão à cultura negro africana, unidade cultural da África, passa primeiramente pelo apoio incondicional à luta de libertação dos povos. Não se pode querer o esplendor da cultura africana se não se contribui concretamente para a existência das condições dessa cultura, isto é, para a libertação do continente (FANON, 1968, p. 196).

O percurso histórico e cultural dos negros nos espaços coloniais sempre pareceu incomodar a classe dominante. Os escravocratas reconhecem a resistência

e a determinação que os africanos têm ao formarem uma população em determinado lugar, que não seja seu país de origem, mesmo diante de tantos desafios impostos a partir da transplantação desses indivíduos. Esses aspectos, de certa maneira, remetem às reflexões do geógrafo francês Michel Bruneau (1995), que, em ensaio intitulado **Histórias e territórios de diásporas**, propõe-se a analisar os efeitos do deslocamento territorial de pessoas em movimentos diaspóricos de diversas naturezas. Nessa perspectiva, é notório que novas identidades se formem a partir da migração de um grupo de pessoas da mesma região, em outro continente, ou seja, agrupados em um novo território formando uma diáspora, mas com reflexos culturais dos seus ancestrais (BRUNEAU, 1995, p. 7).

Para Bruneau (1995), o termo

[...]“diáspora” designa os fenômenos resultantes das migrações de populações para vários países, a partir de um país ou foco emissor. Mas se qualquer grupo de migrantes, se qualquer minoria étnica dispersa são qualificados de diáspora, essa noção se torna imprecisa e, por falta de rigor, perde todo interesse científico (BRUNEAU, 1995, p. 5, grifo do autor).

O processo histórico e a diáspora vivenciada pela população de imigrantes africanos fortalecem as identidades culturais nos espaços minoritários distintos, contemplando a diversidade na construção de toda a sociedade em que são imersos. Tendo em vista o panorama de descontinuidade encontrado nos discursos identitário, sempre presente na sociedade em relação aos negros africanos e aos afrodescendentes, não se pode deixar de considerar as contribuições do teórico jamaicano Stuart Hall (2003) para conceituar a diáspora, abordada na obra a que deu o título de **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Conforme o mencionado teórico,

O conceito fechado de diáspora se apoia sobre uma concepção binária de diferença. Está fundado sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um "Outro" e de uma oposição rígida entre o dentro e o fora. Porém, as configurações sincretizadas da identidade cultural caribenha requerem a noção derridiana de *différance* – uma diferença que não funciona através de binarismos, fronteiras veladas que não separam finalmente, mas são também *places de passage*, e significados que são posicionais e relacionais, sempre em deslize ao longo de um espectro sem começo nem fim. A diferença, sabemos, é essencial ao significado, e o significado é crucial à cultura. Mas num movimento profundamente contra-intuitivo, a linguística moderna pós-saussuriana insiste que o significado não pode ser fixado definitivamente. Sempre há o "deslize" inevitável do significado na semiose aberta de uma cultura, enquanto aquilo que parece fixo continua a ser dialogicamente reapropriado. A fantasia de um

significado final continua assombrada pela "falta" ou "excesso", mas nunca é apreensível na plenitude de sua presença a si mesma (HALL, 2003, p. 33, grifos do autor).

Os negros, por meio de um processo de resistência, por muitas vezes vivenciado de forma silenciosa, formam uma diáspora marcada por lutas, empreendidas em busca do restabelecimento de sua identidade, em diversos territórios do Novo Mundo, inclusive o brasileiro.

A respeito desse processo de restabelecimento de uma identidade por meio da resistência à ação do colonizador, Fanon (1968) considera que

[...] uma redistribuição fundamental das relações entre os homens não pode deixar intactas as formas nem os conteúdos culturais desse povo. Após a luta não há apenas desaparecimento do colonialismo; há também desaparecimento do colonizado (FANON, 1968, p. 205).

Na perspectiva de Fanon (1968), considerada a partir da experiência colonial francesa nas Antilhas, para onde o regime escravocrata europeu no passado também conduziu forçadamente muitos africanos, a opressão era uma constante, pois é perceptível que o domínio colonial buscava ampliar seu controle, ao fazer intervenções culturais e tentar criar uma cultura nacional única, imposta a todas as etnias que não pertenciam ao grupo dominador (FANON, 1968, p. 205).

No campo da criação literária, durante o período do Romantismo (1836 – 1881), já anteriormente mencionado, os escritores brasileiros se mostraram motivados para a construção de uma identidade nacional que enfatizasse a presença do indígena nos textos da época, período conhecido como fase do Indianismo³. O índio passou, assim, a ser apresentado como um sujeito corajoso, independente e detentor de uma cultura própria, tornando-se um personagem a ser objeto do trabalho desenvolvido pelos autores da época, dentre os quais destaca-se José de Alencar.

³ A pesquisadora Luzia Aparecida Oliva dos Santos (2009), em sua obra **O percurso da indianidade na Literatura Brasileira**: matizes da figuração, conceitua o termo indianismo como um movimento literário que reuniu aspectos históricos e culturais essencialmente brasileiros, alicerçado no indígena como herói e na natureza exuberante, na tentativa de libertação das formas cristalizadas nos movimentos literários anteriores, em especial, as do racionalismo clássico. Tais configurações afirmaram a liberdade do indivíduo e a supremacia da natureza, fatores fulcrais para o desenvolvimento estético e ideológico do romantismo.

Neste período em que os literatos buscavam representar o indígena, em suas obras, os mesmos também procuravam desqualificar o negro.

Castilho (2004), no artigo **A representação do negro na Literatura Brasileira: novas perspectivas**, escreve a respeito da maneira como o movimento literário começou a protagonizar e a descrever o escravo em suas obras.

Destaca-se, nesse sentido, o romance **A escrava Isaura**, de Bernardo Guimarães (1875), sendo esta a primeira heroína escrava. Conforme Castilho (2004), Isaura

[...] foi descrita com características brancas, o que mostra a dificuldade dos escritores brancos em verem positivamente as personagens negras: “A tez era como o marfim do teclado, alva que não deslumbra, embaçada por uma nuança delicada, que não sabereis dizer se é leve palidez ou cor-de-rosa desmaiada [...]” (CASTILHO, 2004, p. 105, grifo da autora).

Ao descreverem a personagem afrodescendente, os autores conferem a tais indivíduos a condição de escravo, humilde, obediente sem presença relevante ou de destaque (CASTILHO, 2004, p. 105).

As culturas do continente africano, mesmo oprimidas, silenciadas e submetidas a constantes tentativas de apagamento pelos opressores, mostram-se fortes e resistentes ao domínio ambicioso, escravocrata e cruel dos colonizadores europeus.

O crítico literário, jornalista e pesquisador Sérgio Buarque de Holanda (1995), desenvolve, na obra **Raízes do Brasil**, uma análise do contexto histórico, cultural e identitário do Brasil desde o descobrimento. Com efeito, Holanda (1995) discorre sobre a tentativa de imposição cultural no Brasil, afirmando que:

A tentativa de implantação da cultura européia em extenso território, dotado de condições naturais, se não adversas, largamente estranhas à sua tradição milenar, é, nas origens da sociedade brasileira, o fato dominante e mais rico em conseqüências. Trazendo de países distantes nossas formas de convívio, nossas instituições, nossas idéias, e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra (HOLANDA, 1995, p. 31).

Percebe-se que a imposição cultural desenvolvida no Brasil, ao longo de seu percurso histórico, buscou, de maneira árdua, minimizar o negro e todas as suas manifestações identitárias, o que se pode constatar nas publicações literárias em que o africano e o afrodescendente aparecem de forma negativa, mediante a

anulação e o apagamento de seu conhecimento. Tais indivíduos são retratados como sujeitos segregados, que recebem a hostilidade e os constantes maus tratos por parte da ação hegemônica dos senhores de escravos.

Conforme assevera Jorge Fernando Barbosa do Amaral (2015), em Tese de Doutorado intitulada **A literatura brasileira e a monstruosidade negra nos portões da diferença**, o escritor Pinheiro Guimarães escreve o primeiro romance com personagem negro, intitulado **O comendador**⁴. A Literatura Brasileira na segunda metade do século XIX começa a agregar valores ao regime abolicionista e teve uma importante contribuição nos ideais de liberdade, uma vez que denunciava as crueldades do regime escravocrata em razão dos inúmeros maus-tratos que os negros recebiam do regime escravista, representado pelos personagens descritos pelos autores.

Amaral (2015) também tece considerações sobre a representação do negro na Literatura Brasileira, representação esta associada a fatores negativos. Isso pode ser observado, por exemplo, quando o autor discorre sobre Juliana, mãe de Isaura, que “[...] acabou morrendo em função dos maus-tratos que recebera do seu senhor, o comendador Almeida, proprietário da fazenda. A crueldade de Almeida tem origem na recusa de Juliana em ceder aos seus desejos” (AMARAL, 2015, p. 103).

Pode-se depreender, a partir das análises de Amaral (2015), que a mulher negra não era respeitada, já que era vista como objeto de desejo dos seus senhores, e caso não atendesse aos caprichos senhoris era submetida a crueldades. Assim, as mulheres negras eram representadas nos textos literários do período romântico brasileiro (1836 –1881) (AMARAL, 2015, p. 103).

Ainda segundo Amaral (2015), no romance em questão,

[...] a beleza e a grandeza de caráter de Isaura estão ligadas à sua brancura e à forma senhorial pois não há referências à sua origem étnica. O autor não apresenta as características e os estereótipos de Isaura, normalmente atribuídos às mulheres negras. Destaca apenas a sua condição de escrava,

⁴ Paulo de Freitas Gomes (2017) em sua dissertação de mestrado pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), intitulada **A representação de Zumbi e a resistência do negro brasileiro na poesia de Solano Trindade**, aponta que o romance *O comendador* (1856), de Pinheiro Guimarães, traz uma abordagem ao personagem negro, não enfatizando sua vivência e sim evidenciar o homem que até pouco tempo vivia encarcerado pelos estigmas da escravidão. Reforçando a sua posição de subalternização, já que, apesar de liberto, não era visto como cidadão que goza de seus plenos direitos.

valorizando, contudo, as características da mulher branca bem-sucedida e com qualidades atribuídas a uma senhora da corte (AMARAL, 2015, p. 106).

Amaral (2015) acrescenta que, nas linhas de **A escrava Isaura**, o negro não tem uma representação de liberdade e emancipação, visto que a protagonista tinha a pele branca e a educação destinada a filhos de fazendeiros. Por ser uma escrava, contudo, tinha sangue de negro e era de propriedade do fazendeiro que a desejava, era, portanto, apenas uma matéria carnal.

Por sua vez, Castilho (2004) aborda o modo como os negros eram vistos e representados por escritores nos textos de Literatura Brasileira, durante o período romântico (1836 – 1881) e por alguns literatos considerados abolicionistas, no período pós-romântico. Segundo a autora,

Castro Alves foi o escritor mais ilustre da causa escrava no Brasil, mas também representou o negro de forma tão sinistra quanto outros romancistas de sua época. Segundo Brookshaw (1983), Castro Alves ainda via os negros como a raça maldita, os descendentes de Caim que tinham sido expulsos do paraíso para as areias ardentes da África.
[...] os escritores interessados nos problemas da escravidão, os chamados abolicionistas, como Bernardo Guimarães, Castro Alves e Fagundes Varela, foram vítimas de todos os preconceitos e intolerâncias que rodeavam a questão da raça e da cor. O negro era retratado ou como escravo imoral, demônio, ou resignado e fiel. E de uma fealdade indescritível! (CASTILHO, 2004, p. 105).

Na denominada fase naturalista / realista da Literatura Brasileira (1881 – 1883), Aluísio de Azevedo (1881) apresenta, por meio do romance intitulado **O mulato**, uma narrativa protagonizada por um rapaz negro chamado Raimundo, que se apaixona por uma jovem branca, o que contrariava a família da moça e toda a sociedade. Conforme assevera Castilho (2004):

Nessa fase a presença de personagens negras foi abundante na literatura brasileira, mas a maioria dos escritores continuou a reforçar a imagem dos negros com estereótipos claramente racistas e com exagerado tom sensual. Em termos gerais, a imagem do negro era representada pela díade: imoral e demônio. No romance *O cortiço* (1890), de Aluísio de Azevedo, a sensualidade pervertida de Rita Baiana pode ilustrar bem essa afirmação: *Ela saltou em meio a roda [...] numa sofreguidão de gozo carnal, num requebrado luxurioso que a punha ofegante, [...] ninguém como Rita, só ela, aquele demônio, **tinha o mágico segredo daqueles movimentos de cobra amaldiçoada**, aqueles requebros que não podia ser sem o cheiro que a mulata soltava de si sem aquela voz doce, quebrada, harmoniosa suplicante, meiga e arrogante* (*O Cortiço*, 1980, de Aluísio de Azevedo) (CASTILHO, 2004, p. 105 – 106, grifos da autora).

A Literatura Brasileira, durante o período pós-escravidão, é marcada por obras que representam o negro de forma negativa, atribuindo-lhe uma exagerada feiura, estupidez, truculência e pouca inteligência. Esse foi um período em que as produções literárias consagravam a segregação do negro nos diferentes espaços familiares e sociais.

Observa-se que as produções literárias sofreram influências vindas da Europa, tais como o Darwinismo Social⁵, seguido pela elite intelectual brasileira que era centralizada na Academia de Letras (1890), e o Positivismo de August Comte⁶ (CASTILHO, 2004, p. 106).

A professora Lília Moritz Schwarcz (2012), em sua obra intitulada **Nem preto nem branco, muito pelo contrário**: cor e raça na sociedade brasileira, aborda a influência da teoria darwinista sobre a temática étnica presente no Brasil do século XIX. Com efeito, Schwarcz (2012) afirma que foi

[...] no século XIX que os teóricos do darwinismo racial fizeram dos atributos externos e fenotípicos elementos essenciais, definidores de moralidades e do devir dos povos. Vinculados e legitimados pela biologia, a grande ciência desse século, os modelos darwinistas sociais constituíram-se em instrumentos eficazes para julgar povos e culturas a partir de critérios deterministas e, mais uma vez, o Brasil surgia representado como um grande exemplo – desta feita, um “laboratório racial”.

[...] raça, no Brasil, jamais foi um termo neutro; ao contrário, associou-se com frequência a uma imagem particular do país, oscilando entre versões ora mais positivas, ora mais negativas. Muitas vezes, na vertente mais negativa de finais do século XIX, a mestiçagem existente no país parecia atestar a própria falência da nação (SCHWARCZ, 2012, p. 20, grifo da autora).

Observa-se que a autora registra o modo como os adeptos da teoria darwinista buscavam um paradigma que legitimava as diferenças e procuravam, de

⁵ Castilho (2004) apresenta as correntes teóricas que influenciaram a Literatura Brasileira pós-escravidão. O Darwinismo Social é uma corrente teórica que postula a existência de raças superiores e inferiores, sendo superiores as raças brancas (europeias) e inferiores as escuras (latinoamericanas). Dessa forma, sendo o Brasil formado majoritariamente por índios, negros e mestiços, considerados inferiores, tanto cultural como biologicamente, não teria boas perspectivas de desenvolvimento. Existiria apenas uma saída para o progresso do Brasil: o branqueamento através da miscigenação com as “raças mais desenvolvidas” (os brancos europeus), até extinguir a “raça negra inferior” (CASTILHO, 2004, p. 106, grifos da autora).

⁶ Conforme Castilho (2004), o Positivismo estava mais propenso a explicar a inferioridade dos negros através da ênfase das diferentes qualidades que eles viam como características das raças. Por exemplo: a raça negra era afetiva; o ameríndio, ativo. Ou seja, os negros tinham seus defeitos, mas também tinham qualidades e eram passíveis de serem melhorados. Uma parte dos escritores negros foi atraída pela corrente positivista, entre eles Lima Barreto e Manoel Querino. Ambos procuravam

forma incontestável, aplicar estes conceitos sobre temas políticos, históricos, sociais e biológicos da época. Vale ressaltar que, segundo a mesma autora, “[...] o termo raça se imporia como conceito no país, vinculando-se de alguma maneira aos próprios destinos da nacionalidade” (SCHWARCZ, 2012, p. 20).

Castilho (2004) afirma que “Na fase modernista (a partir de 1922), o questionamento radical das bases culturais do país promove uma ampla valorização das raízes mais autênticas da cultura brasileira” (Castilho, 2004, p. 107).

Destaca-se o movimento da antropofagia, liderado por Oswald de Andrade, que é a negação da cultura europeia. Anos mais tarde, também Jorge Amado teve uma significativa contribuição na valorização do personagem negro da literatura, embora a mulher negra de Amado tivesse uma presença marcante nas práticas sensuais (Castilho, 2004, p. 107).

No Modernismo⁷, período compreendido entre 1920 – 1945, destaca-se o autor Monteiro Lobato, com uma obra literária em boa parte voltada para crianças. O escritor, inicialmente, tinha como foco de suas tramas as histórias do interior brasileiro, contudo, com o passar do tempo, sua escrita alcançou proporções universais. Lobato, na intertextualidade de sua obra com a de outros escritores, misturou personagens, animais e brinquedos. As obras do escritor são conhecidas pelas comparações de personagens negros com animais selvagens e, às vezes, com seres que aceitam de forma paciente as adversidades, sem reclamação ou revolta.

Nesse sentido, é válido considerar o posicionamento de Castilho (2004) ao afirmar que:

A literatura infanto-juvenil brasileira, enquanto produto nacional tem início com Monteiro Lobato. Percebe-se nas obras desse autor a continuidade da tendência da literatura para adultos: preocupação com questões nacionais, sociais, morais. Em relação ao negro, os preconceitos e estereótipos também foram transpostos da literatura dos adultos para a literatura infantil.
[...]

Monteiro Lobato é, sem dúvida, um dos maiores escritores brasileiros, mas é necessário renovar os olhares com que se vêem as delicadas relações que o escritor estabelece entre a literatura e sua percepção do social e do

exaltar nos seus romances as qualidades dos negros, como a capacidade para o trabalho pesado, fidelidade ao patrão e afetividade (CASTILHO, 2004, p. 106).

⁷ A mudança do regime político, com a adoção da República Federativa, em 1889, significa, para seus propagadores, a possibilidade de modernizar o país e fazê-lo avançar na direção do progresso.

histórico em relação à presença e ao valor do negro na sociedade brasileira (CASTILHO, 2004, p. 108).

Nota-se que Castilho (2004) – sem perder o condão da crítica – apresenta o escritor Monteiro Lobato como um importante precursor do Modernismo no Brasil e da Literatura Brasileira. A autora não se furta ao dever de evidenciar que, ao abordar a temática do negro em seus textos, Lobato, muitas vezes, usava de uma linguagem preconceituosa.

Não se pode olvidar que o autor em questão, foi, no entanto, um escritor de sua época, razão pela qual muitos dos estereótipos predominantes na sociedade brasileira de então, no que diz respeito ao negro, vieram a se manifestar na obra lobatiana. Tais aspectos irão demandar, por parte de um leitor contemporâneo da obra de Monteiro Lobato, um posicionamento crítico mais aguçado, no que toca à representação pejorativa e reificante do negro, em relação àquele que era obviamente exigido dos leitores de outrora, tendo em vista a evolução na autovalorização da identidade afro-brasileira.

Percebe-se que a Literatura Brasileira, em sua trajetória inicial, apresentou textos em que o negro foi representado por intermédio de personagens figurativos, sem expressão, além do que, em muitos escritos, os autores retrataram o personagem negro de forma inferiorizada, pejorativa e com pouca representatividade cultural, social e étnica. Talvez isso esteja diretamente relacionado ao fato de que, historicamente, a presença das populações africanas e afrodescendentes no Brasil foi marcada por várias tentativas e ações de inferiorização e até mesmo de exclusão, por parte da classe dominante.

A pesquisadora Carolina Vianna Dantas (2012), em seu artigo **Mobilização negra nas primeiras décadas republicanas**, por exemplo, discorre sobre os direitos e deveres do negro no Brasil após a Lei Áurea (de 13 de maio de 1888) e a Proclamação da República, em 15 de novembro de 1889. Dantas (2012) apresenta informações significativas para que se possa compreender como era avaliada e aplicada a assistência básica à população brasileira. Um verdadeiro processo de segregação do negro na sociedade, pois, segundo a teórica em questão, dentre as ações do governo, em princípios do século XX, como as ações voltadas para o controle de epidemias no Rio de Janeiro, por exemplo,

[...] as autoridades públicas priorizaram o combate a doenças que atingiam mais os imigrantes europeus, como a febre amarela. A tuberculose, muito comum entre os negros – pois a maioria deles vivia em péssimas condições –, não recebeu tal atenção. Muitos médicos e autoridades acreditavam que as epidemias surgiram e se espalhavam a partir das habitações coletivas, chamadas na época de *cortiços*⁸, onde, por necessidade, moravam muitos pobres e negros. Os moradores dos *cortiços* eram, preconceituosamente, considerados pessoas sem higiene, promíscuas e cheias de vício e, por isso, eram vistas como uma grave ameaça à saúde pública (DANTAS, 2012, p. 89, grifos da autora).

Todo o contexto sociocultural brasileiro resulta da colonização, da mistura de etnias e de culturas, mas ainda são constantes as ações de intolerância e de racismo em relação a indígenas e a afrodescendentes no país.

Vários outros estudiosos dedicam suas pesquisas ao estudo do percurso histórico e social dos negros no Brasil. Nesse sentido, destaca-se a professora Martha Abreu (2012), a qual, em seu texto **Diversidade cultural, reparação e direitos**, afirma que:

No século XX, a história dos descendentes de africanos e escravos, suas lutas e conquistas, ainda é pouco conhecida e estudada. Esses esquecimentos e silenciamentos são também exemplos evidentes de práticas racistas que começam a ser revertidas pelos direitos e deveres à memória, à história e à diversidade. É importante frisar que não é mais possível pensar o Brasil sem uma discussão sobre a questão racial (ABREU, 2012, p. 111).

Ainda é marcante a falta de reconhecimento nas relações entre classes opressoras e classes oprimidas, evidenciando-se no Brasil uma dinâmica em que a classe dominante de origem europeia ainda segrega as etnias que não estão dentro do ideal de seus padrões. É perceptível que os brasileiros usam discursos e ações que inferiorizam os afrodescendentes e sua cultura ancestral. Em muitas situações, pode-se observar um desejo de apagamento da memória histórica dos negros que ainda são alvo de constantes perseguições.

Considerada essa realidade, importa retomar as reflexões de Castilho (2004) ao analisar os percursos da representação do negro no espaço social e nas produções literárias brasileiras. Conforme a autora,

⁸ Segundo informações do **Dicionário Aurélio de Português Online**, o vocábulo **Cortiço** significa casa pequena com muitos moradores. Grupo de habitações reunidas para moradia de gente pobre. Publicado em 24 set. 2016 e revisado em: 27 fev. 2017. Disponível em: <<https://dicionarioaurelio.com/cortico>>. Acesso em: 07 mar. 2018.

[...] a presença do negro na literatura brasileira, ao longo da história, foi marcada ou pelo silêncio, como no período anterior à abolição, ou pela afirmação de sua inferioridade, tanto biológica como cultural, a qual, dependendo do autor, varia de grau. No modernismo, o negro era visto como uma preocupação, devido ao entrave que ele representaria à instituição de uma “nação brasileira civilizada” (CASTILHO, 2004, p. 107, grifo da autora).

Holanda (1995), já mencionada na obra **Raízes do Brasil**, empreende observações a respeito da presença do negro nos espaços sociais, especialmente na Literatura Brasileira, asseverando que:

A influência dos negros, não apenas como negros, mas ainda, e sobretudo, como escravos, essa população não tinha como oferecer obstáculos sérios. Uma suavidade dengosa e açucarada invade, desde cedo, todas as esferas da vida colonial. Nos próprios domínios da arte e da literatura ela encontra meios de exprimir-se, principalmente a partir do Setecentos⁹ e do rococó. O gosto do exótico, da sensualidade brejeira, do chichisbeísmo, dos caprichos sentimentais, parece fornecer-lhe um providencial terreno de eleição, e permite que, atravessando o oceano, vá exhibir-se [...] (HOLANDA, 1995, p. 61).

Percebe-se, assim, a expressiva importância das culturas africanas nas enunciações artísticas e literárias brasileiras, embora todo o percurso histórico dos indivíduos ligados a essas culturas tenha sido, como já mencionado, marcado por uma negação e por uma forte tentativa de apagamento por parte das elites, elementos que refletiram diretamente na Literatura Brasileira.

As pesquisadoras da Literatura Brasileira Gabriela Luft e Juliane Welter (2009), no artigo **As personagens negras na literatura brasileira oitocentista: os quadros da escravidão de Joaquim Manuel de Macedo**¹⁰, afirmam que:

Com base nas manifestações literárias brasileiras do século XIX, podemos observar a representação do sujeito negro através de dois diferentes posicionamentos e, logo, duas projeções imagéticas também distintas através de uma visão do negro como sujeito, numa atitude compromissada, ou, ainda, por meio de uma visão distanciada, em que sua vivência dentro do processo histórico e cultural nacional o apresenta como objeto, tema ou

⁹ O Arcadismo é uma escola literária surgida na Europa no século XVIII também denominada Setecentismo ou Neoclassicismo. O nome "arcadismo" é uma referência à Arcádia, região campestre do Peloponeso, na Grécia antiga, tida como ideal de inspiração poética [...] (SILVA, 2012, grifos da autora).

¹⁰ Merquior não faz uma divisão sistematizada da Literatura Brasileira, mas no índice aparecem as seguintes divisões: A Literatura na Era Barroca no Brasil, O período Oitocentismo - 1877-1902, é o mais longo período literário e nele há considerações sobre a República Velha, Naturalismo, Parnasianismo, Poesia Simbolista, encerrando-se com Machado de Assis (BRESSAN, 2007).

enunciado, o que provoca “procedimentos que, com poucas exceções, indiciam ideologias, atitudes e estereótipos da estética *branca* dominante” (Proença Filho 2004: 161). Nesta perspectiva, o negro passa a integrar narrativas que tratam mais da escravidão e menos sobre ele próprio (LUFT, WELTER, 2009, p. 6, grifos das autoras).

A partir das reflexões de Luft e Welter (2009), pode-se concluir que a presença do negro na Literatura Brasileira causou distintas expressões. Antes do período da Abolição, os negros eram silenciados por uma parcela da sociedade brasileira que buscava o apagamento sociocultural dos povos de origem africana na constituição da população nacional.

Partindo do panorama acima exposto, pode-se perceber que a presença do negro na Literatura Brasileira sempre se deu de forma marcada pelo preconceito e com referências pejorativas. Ao longo do desenvolvimento da Literatura nacional, contudo, atualmente, vem se verificando o aumento da presença das culturas africanas e do afrodescendente nas produções literárias do Mundo Novo. O negro tem conquistado reconhecimento nos lugares antes reservados aos indivíduos de origem europeia, tornando-se expressivo o crescimento da chamada Literatura Brasileira Negra, aspecto que será abordado na seção seguinte.

2.2 A LITERATURA BRASILEIRA NEGRA

Entre o acontecimento em si e sua narrativa instala-se a *escrita* que dialoga com a *vivência* subalternizada. E esta interpreta e confere sentido aos fatos guardados na memória – e na indignação – das vítimas e testemunhas. Entre o ato e a fala, entre a escuta e o texto, são muitas mediações.

Conceição Evaristo

Uma questão que tem gerado discussões entre os teóricos diz respeito à constituição de expressões específicas, no âmbito da denominada Literatura Brasileira, relativas à constituição da nomenclatura Literatura Brasileira Negra.

As estudiosas Florentina Souza e Maria Nazaré Lima (2006), em obra por elas organizada e intitulada **Literatura afro-brasileira**, buscam dialogar sobre a temática em questão, além de ampliar o entendimento por parte dos leitores que recorrem à referida obra para melhor compreensão a respeito do que vem a ser

caracterizado como Literatura Brasileira Negra. Com efeito, Souza e Lima (2006) vão afirmar que as

[...]expressões “literatura negra”, “literatura afro-brasileira”, apesar de bastante utilizadas no meio acadêmico, nem sempre são suficientes para responder às questões propostas por pessoas cujas atividades estão relacionadas com a literatura, a crítica, a educação. Quando discutimos os vários sentidos contidos nessas expressões, utilizamos argumentos construídos a partir da literatura produzida em outros lugares, geralmente Estados Unidos, Antilhas negras e África. Em relação, por exemplo, à chamada literatura negro-africana, as pessoas quase nunca questionam a expressão, pois a consideram adequada, embora desconheçam as implicações que ela traz. No entanto, quando dizemos “literatura negra” ou “literatura afro-brasileira” em referência à produção artístico literária no Brasil, várias questões são suscitadas (SOUZA; LIMA, 2006, p. 12, grifos das autoras).

Conforme as teóricas, a expressão **literatura negra**, que se encontra presente em antologias publicadas em diversos países, relaciona-se a discussões no âmbito de movimentos oriundos dos Estados Unidos e Caribe que se propagaram por outros espaços, incentivando “um tipo de literatura que assumia as questões relativas à identidade e às culturas dos povos africanos e afro-descendentes” (SOUZA; LIMA, 2006, p. 12).

A professora Shirley Ferreira (2017), por sua vez, na obra intitulada **Luiz Gama e a identidade negra na literatura**, assevera que

O surgimento de uma literatura capaz de desafiar a identidade branca hegemônica ocorreu após a formação de uma comunidade de escritores negros, os quais passaram a reivindicar não só um espaço próprio, mas também a demarcação de uma história da literatura negra (FERREIRA, 2017, p. 83).

Pode-se verificar, portanto, que a formação da literatura afro-brasileira foi baseada em questões históricas importantes, as quais devem ser entendidas para que ocorram novas discussões em busca do fortalecimento da subjetividade afrodescendente no contexto histórico-cultural afro-brasileiro.

Ferreira (2017) desenvolve reflexões acerca do contexto histórico que envolve o afrodescendente na sociedade brasileira, afirmando que

[...] a narrativa dos fatos costuma ser organizada de modo tendencioso. Não é difícil apontar aspectos que mostram como essa história privilegiou um ponto de vista identificado com um modo ocidentalizado de compreender a história do Brasil, modo esse fortemente comprometido com os valores do

“mundo branco”, a ponto de tramar uma identidade étnica que nos aproximasse mais de uma herança europeia. Essa movimentação ocorreu em diversos períodos históricos, tendo seus tentáculos estendidos também sobre o sistema literário (FERREIRA, 2017, p. 84, grifo da autora).

Nota-se que o negro foi alvo constante de estratégias de invisibilização pela sociedade marcada por uma herança cultural e por valores voltados para a cultura europeia. Já no século XX, a ruptura com a identidade branca hegemônica foi gradativa ao longo da história. Segundo Ferreira (2017):

A partir da efervescência política, social e cultural que caracterizou os anos 60 e 70, aqui e alhures, atores sociais das mais diversas áreas ganharam a cena política, trazendo consigo várias reivindicações próprias. Foi o caso também de um número significativo de escritores negros, cujo pertencimento racial passou a ser reivindicado e anunciado. Suas produções acadêmicas e literárias tornaram-se explicitamente engajadas, denunciando a marginalização da população negra no Brasil (FERREIRA, 2017, p. 86).

Nota-se que a Literatura Negra tornou-se um importante espaço para que fosse reivindicada a visibilidade histórica e cultural do afrodescendente no Brasil. “Esse veio literário passou a ser referido como Literatura Negra ou Afro-Brasileira, distinguindo-se das demais literaturas em razão de um *corpus* próprio que a constitui” (FERREIRA, 2017, p. 88).

O professor Domício Proença Filho (2004), no artigo intitulado **A trajetória do negro na literatura brasileira**, faz considerações importantes no que tange a essa temática. Segundo Proença Filho (2004), a literatura não se afasta de ser um palco de distanciamento entre o negro e a sociedade brasileira, pois apresenta características de negação da contribuição africana e afrodescendente na estrutura sociocultural, assumindo “dois posicionamentos: *a condição negra como objeto, numa visão distanciada, e o negro como sujeito, numa atitude compromissada*” (PROENÇA FILHO, 2004, p.161, grifos do autor). Assim sendo, “literatura sobre o negro, de um lado, e literatura *do* negro, de outro” (PROENÇA FILHO, 2004, p.161, grifos do autor).

O mesmo teórico acrescenta que, tendo a literatura como espaço de afirmação consciente de singularização e de afirmação cultural, “[...] ao assumir-se como sujeito do discurso literário, o negro enfrenta novas e sutis armadilhas marginalizantes” (PROENÇA FILHO, 2004, p. 185). Dessa maneira, nesses espaços de sutileza,

[...] mesmo uma designação aparentemente valorizadora, como *literatura negra*, de presença tranqüila na área dos estudos literários desde os anos de 1970, traz, segundo entendo, o sério risco de fazer o jogo do preconceito velado (PROENÇA FILHO, 2004, p. 185, grifo do autor).

Percebe-se que Proença Filho (2004) argumenta no sentido de que a Literatura Brasileira ainda não percebe o negro e toda sua ancestralidade de forma plena. Em continuidade, pondera que:

Em sentido restrito, considera-se *negra* uma literatura feita por negros ou por descendentes assumidos de negros e, como tal, reveladora de visões de mundo, de ideologias e de modos de realização que, por força de condições atávicas, sociais e históricas condicionadoras, caracteriza-se por uma certa especificidade, ligada a um intuito claro de singularidade cultural. *Lato sensu*, será *negra* a arte literária feita por quem quer que seja, desde que centrada em dimensões peculiares aos negros ou aos descendentes de negros (PROENÇA FILHO, 2004, p. 185, grifos do autor).

Verifica-se, dessa maneira, que Proença Filho (2004) afirma que ainda há teóricos que consideram a Literatura Negra apenas aquela produzida por negros ou afrodescendentes. Mas percebe-se também que há teóricos que reconhecem como Literatura Negra aquela que, desenvolvida por brancos ou negros, aborda de forma respeitosa e com intuito de valorização a questão social, histórica e cultural dos negros, independentemente de qual seja a identificação étnica do autor.

Por seu turno, Edimilson de Almeida Pereira (1995), no texto **Panorama da literatura afro-brasileira**, levanta uma inquietação sobre a Literatura Afro-brasileira, no que concerne à matriz linguística, ou seja, a língua portuguesa, que é também a mesma da chamada Literatura Brasileira. Pereira (1995) afirma que essa literatura,

[...] integra a *tradição fraturada* da Literatura Brasileira. Por isso, ela apresenta um momento de afirmação da especificidade afro-brasileira (em termos étnicos, psicológicos, históricos e sociais) que se encaminha para uma inserção no conjunto da Literatura Brasileira. A língua é fator decisivo para a realização desse percurso. Brasileiros de diferentes origens étnicas expressam sua visão de mundo através de um mesmo sistema linguístico, ou seja, a língua portuguesa preservada e transformada de acordo com a dinâmica de nosso contexto histórico-social e dos grupos linguísticos que aqui entraram em contato (PEREIRA, 1995, p. 2, grifos do autor).

No que toca e diz respeito à identidade dos produtores da Literatura Afro-brasileira relacionar-se ou não ao fato de serem ou não afrodescendentes, levando em consideração que tudo se trata, no conjunto, de uma Literatura Brasileira, Pereira (1995) afirma que,

[...] utilização sumária dos critérios étnico e temático para definir a Literatura Afro-brasileira impõe uma censura prévia aos autores negros e não negros. Julgamos que é preciso buscar um critério pluralista, estabelecido por uma orientação dialética, que possa demonstrar a Literatura Afro-brasileira como uma das faces da Literatura Brasileira – esta mesma devendo ser percebida como uma unidade constituída de diversidades (PEREIRA, 1995, p. 1).

Nessa perspectiva, a dinâmica pluralista mencionada por Pereira (1995), busca uma abordagem literária ampla diante assuntos distintos, assim como etnia, identidade, gênero e cultura, entre outros temas.

As questões apresentadas por Pereira (1995) evidenciam a ocorrência de padrões distintos de acordo com os diversos autores, entre os quais ainda é comum observar não só a presença marcante de modelos afro-brasileiros, mas ainda a manifestação de outros modelos que buscam registrar a cultura europeia, em textos e obras direcionadas para os públicos adulto, infantojuvenil e infantil.

Quem aparentemente alcança uma boa definição para Literatura Negra ou Literatura Afro-brasileira é efetivamente a professora Zilá Bernd (1988) que, em obra intitulada **Introdução à literatura negra**, assevera que,

[...] o fato de assumirem essa nomeação, consciente, pode ser interpretado como sinal de que os negros estão querendo criar a si mesmos e que uma das etapas deste processo seria justamente a de particularizar sua escritura, dando-lhe feição própria (BERND, 1988, 21).

Bernd (1988) empreende pioneira e significativa reflexão sobre a existência de uma Literatura Negra Brasileira, pois o cenário literário nacional era pontuado por um discurso de apagamento da imagem do negro e de toda a sua cultura. A Literatura Brasileira teve início com escritores brancos que, por mais que buscassem uma identidade nacional para sua produção, ainda incorriam na característica de fortalecer a cultura e os padrões estéticos característicos de uma visão de mundo cuja matriz era a Europa.

Esse percurso de apagamento criado pelos escritores brancos gerou nos afrodescendentes o desejo de criar uma linguagem de desconstrução dos discursos que os desqualificavam, o que fez surgir uma literatura que representasse a verdadeira identidade negra e todo o contexto que o negro experiêcia no bojo da sociedade brasileira.

A teórica em questão é também visitada pelo professor Édimo de Almeida Pereira (2010), no citado livro **Metamorfoses do abutre**: a diversidade como eixo na

poética de Adão Ventura, quando, analisando a verve criativa do poeta mineiro Adão Ventura em sua face de maior engajamento com as questões étnicas no país, o autor (2010) mergulha na discussão acerca do que seria a Literatura Negra. Dessa forma, de acordo com Pereira (2010),

O que caracteriza uma literatura negra não é somente a cor da pele ou as origens étnicas do escritor, mas a maneira como ele vai viver em si a condição e a aventura de ser um negro escritor. Não podemos deixar de considerar que a experiência negra numa sociedade definida, arrumada e orientada por valores brancos é pessoal e intransferível. E, se há um comprometimento entre o fazer literário do escritor e essa experiência pessoal, singular, única, se ele faz enunciar enunciando essa vivência negra, marcando ideologicamente o seu espaço, a sua presença, a sua escolha, por uma fala afirmativa, de um discurso outro – diferente e diferenciador do discurso institucionalizado sobre o negro – podemos ler em sua criação referências de uma literatura negra (PEREIRA 2010, p. 31).

Pereira (2010), como se pode verificar, apresenta a Literatura Negra não somente como aquela de interesse e limitada a autores negros ou afrodescendentes, mas também como aquela que seja do interesse de pessoas que buscam desconstruir conceitos de desigualdade e de segregação historicamente associados ao negro e à sua ancestralidade.

Segundo Pereira (2010), a Literatura Negra tem como característica a

[...] predominância de aspectos voltados para a tradição/memória e também para a questão da assunção de uma identidade negra para o escritor – posição essa marcada pelo selo da diáspora, que lhe exige um constante processo de afirmação e re-construção dessa identidade – no interior de uma sociedade embasada nos padrões de uma elite que se quer nos mesmos moldes do dominador branco europeu (PEREIRA 2010, p. 31).

Nesse mesmo sentido, para retomar as assertivas de Ferreira (2017), no âmbito de uma Literatura Negra, o que “[...] haverá de implícito em cada autor será a sua visão de afrodescendência, permitindo a ele produzir uma escrita desvinculada dos valores difundidos pela branquitude hegemônica” (FERREIRA, 2017, p. 106).

Ferreira (2017), também recorre a Zilá Bernd, para destacar que a

[...]denominação “literatura negra” (ou “literatura afro-brasileira” ou “afrodescendente”) dependeria de escolhas feitas pelo autor, lembrando que “toda classificação é insuficiente e nunca vai agradar a todos nem dar conta da dimensão integral de um autor ou de uma obra” (BERND 2011, p. 152). Isso ajuda a explicar as divergências que ainda hoje prosperam em torno dessa questão (FERREIRA, 2017, p. 106, grifos da autora).

O tema Literatura Negra trata-se, por conseguinte, do ingresso em um campo de reflexões que descortina todos os esforços de apagamento da cultura afrodescendente e, de certo modo, demonstra a existência dos valores representados pela cultura dominante. A Literatura Negra busca evidenciar a consciência da formação de um discurso que seja representativo para o contexto afrodescendente, tendo os afrodescendentes como protagonistas de sua própria História.

Analisando a questão de forma mais ampla, de maneira a tentar alcançar uma definição para a denominação, Pereira (2010) pondera que a terminologia Literatura Negra, todavia, poderia constituir-se como

[...] um conceito etnocêntrico e conservador, uma vez que se estaria admitindo, de certo modo sob o olhar branco, a existência de uma vinculação das manifestações artísticas a determinadas etnias. Seria mais ou menos como admitir que o poema escrito por um autor branco se constituiria como poesia branca; e que o escrito por um autor negro se identificaria como poesia negra. A bem da verdade, isso não ocorre, posto que o cenário literário brasileiro acha-se repleto de escritores negros, cuja obra em si, por uma razão ou outra, não revela nenhum comprometimento com a questão “querer ser negro” ou “mostrar-se negro”, ou ainda mostrar e nomear o mundo sob o ponto de vista negro (PEREIRA 2010, p. 33, grifos do autor).

Torna-se evidente a importância de se desenvolver reflexões sobre a Literatura Negra e todo o seu percurso no Brasil, visto que este é um espaço propício para mudar o discurso depreciativo direcionado ao negro ao longo da sua trajetória desde a escravidão e que ainda se faz visível nos dias atuais.

O que parece caminhar em direção a um certo consenso entre os teóricos do tema é a noção de que Literatura Brasileira Negra busca em seus textos a expressão de resgate da memória negra e das culturas africanas presentes na formação histórica, social e cultural brasileira. É uma conquista para o afrodescendente, quando o mesmo sai da condição de mero personagem secundário ou espectador de ações alheias e torna-se visível, capaz de opor-se a padrões e a enquadramentos estéticos eurocêntricos, além de perceber-se incluído na cultura brasileira, o que representa uma mudança de paradigmas na representação do negro na Literatura Brasileira a partir do momento em que escritores negros resolveram dedicar sua obra à representação de sua própria etnia. Na próxima subseção, o presente trabalho de dissertação irá se ocupar da

representação desse sujeito que se quer negro, considerando especificamente o âmbito da Literatura Infantojuvenil Brasileira.

2.3 ASPECTOS SOBRE A AFRODESCENDÊNCIA NA LITERATURA INFANTOJUVENIL BRASILEIRA

Se houvesse um monumento à memória negra,
deveria ser construído no fundo do mar, em
homenagem aos que se perderam na travessia.
Na impossibilidade de levantar tal monumento,
dedico-me a construir uma obra sobre o tema.

Conceição Evaristo

Uma vez estabelecida a reflexão acerca da existência e da configuração de uma Literatura Negra, ou Literatura Afro-brasileira no contexto da Literatura Brasileira, este trabalho de dissertação volta-se para a discussão referente aos modos de representação da afrodescendência no campo específico da Literatura Brasileira voltada para as crianças, ou seja, a Literatura Infantil Brasileira.

No que respeita às especificidades da denominada Literatura para crianças, ou Literatura Infantil, e à inserção, no seu bojo, de discussões que procuram responder aos anseios de representação de diversos grupos identitários no que toca a questões como gênero, etnia, afrodescendência, dentre outros, vale remontar, a princípio, aos estudos do psicanalista austro-americano Bruno Bettelheim (2007), na obra intitulada **A psicanálise dos contos de fadas**, na qual o autor apresenta considerações sobre a criança e a construção do conhecimento sobre o mundo em que os infantes se acham inseridos. Segundo Bettelheim (2007),

[...] a tarefa mais importante e também mais difícil na criação de uma criança é ajudá-la a encontrar significado na vida. Muitas experiências de crescimento são necessárias para se chegar a isso. A criança, à medida que se desenvolve, deve aprender passo a passo a se entender melhor; com isso, torna-se mais capaz de entender os outros e, eventualmente, pode se relacionar com eles de forma mutuamente satisfatória e significativa.

Para encontrar um significado mais profundo, devemos ser capazes de transcender os limites estreitos de uma existência autocentrada e acreditar que daremos uma contribuição significativa para a vida – senão de imediato, ao menos em algum tempo futuro. Esse sentimento é necessário para que uma pessoa se sinta satisfeita consigo mesma e com o que está fazendo (BETTELHEIM, 2007, p. 10).

O psicanalista, portanto, reflete a respeito da construção de significados por parte da criança, adquirida por meio das experiências vividas e afirma categoricamente que, “Quando as crianças são pequenas, é a literatura que canaliza melhor esse tipo de informação” (Bettelheim, 2007, p. 10).

A literatura é, assim, na visão de Bettelheim (2007), um caminho relevante para que a criança desenvolva conhecimentos e busque soluções para seus conflitos internos, além de lhe possibilitar o “[...] acesso a um significado mais profundo e àquilo que é significativo para ela nesse estágio de desenvolvimento” (BETTELHEIM, 2007, p. 11).

Bettelheim (2007) ainda argumenta que a literatura para crianças é um importante espaço para se dialogar e refletir com os processos internos e externos dos sujeitos, mas ainda há “[...] grande parte desses livros que são tão superficiais em substância que quase nada de significativo se pode obter deles” (BETTELHEIM, 2007, p. 11).

Para adentrar um pouco mais a temática em questão, é fundamental buscar as considerações da pesquisadora Nelly Novaes Coelho (1998), em obra intitulada **O conto de fadas**, na qual a autora aborda a Literatura Infantil desde as origens até a contemporaneidade. Coelho (1998) afirma que, historicamente:

Com o avançar do *racionalismo cientificista* e sua febre de *conhecimento exato e objetivo*, o maravilhoso dos contos de fadas, de natureza *sobrenatural* ou mágica, foi sendo gradativamente marginalizado e inclusive recusado pelas novas diretrizes de Ensino. O pragmatismo da sociedade progressiva que então começa a se consolidar não tem espaço para a “pura” fantasia (COELHO, 1998, p. 80, grifos da autora).

De acordo com as afirmações de Coelho (1998), observa-se que o positivismo e o materialismo fortaleceram a visão objetiva e científica de muitos professores, que atribuíam à literatura e a toda dinâmica de contar e ouvir histórias o *status quo* de tarefa secundária na escola.

Coelho (1998) desenvolve uma análise sobre os contos de fadas e seu percurso entre leitores da sociedade progressista em ascensão. Ao concluir a referida análise, afirma que,

No entre-séculos, com o positivismo e o materialismo em marcha, os contos de fadas e contos maravilhosos entram em recesso. [...] em nosso século, nos rastros da ruptura com o racionalismo (provocada pela eclosão modernista), eles voltam a ser descobertos. Agora para além do prazer do

texto, que sua leitura oferece às crianças, essa redescoberta é feita pelos estudiosos que mergulham nos meandros do subtexto. Ou melhor, essa redescoberta se dá na área do simbólico – caminho aberto para o conhecimento das vivências humanas mais profundas, que o racional não consegue apreender e expressar... (COELHO, 1998, p. 82).

Verifica-se que, com a gradual presença do Modernismo, os contos de fadas voltam a ter significativa consistência nas práticas pedagógicas, nas produções literárias e nas demais publicações acadêmicas brasileiras.

A ascensão da Literatura Infantil no Brasil estimulou a professora e doutora em estudos literários Lígia Cademartori (1986), em sua obra **O que é literatura infantil?**, a também considerar o percurso dessa parte da literatura nacional, levando-a a chamar a atenção para o fato de que

[...] nos anos 70, segundo os dados do Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL), o negócio com o livro proliferou. [...] Isso pode ser atribuído a dois fatores: primeiro, à crescente ampliação da classe média, aumentando o número dos consumidores de livros e, segundo, ao aumento do nível de escolaridade, como decorrência da reforma do ensino (CADEMARTORI, 1986, p.13).

Diante desse cenário, observa-se que a década de mil novecentos e setenta foi marcante para a educação, surgindo volumoso número de pesquisadores, seminários e publicações sobre a Literatura Infantil (CADEMARTORI, 1986, p.14), o que refletiu positivamente no fortalecimento das diferentes perspectivas teóricas a respeito dos discursos que enfatizam o caráter formativo da Literatura Infantil e sua importância no contexto escolar.

Percebe-se que a Literatura Infantil tem fundamental função no processo de formação do indivíduo, construindo conceitos e personalidades ao longo do seu desenvolvimento e padrão de comportamento.

Segundo Cademartori (1986) – o que faz lembrar as assertivas de Bettelheim (2007) anteriormente expostas – se o homem se

[...] constitui à proporção da formação de conceitos, a infância se caracteriza por ser o momento basilar e primordial dessa constituição e a literatura infantil é um instrumento relevante dele. Desse modo, a literatura infantil se configura não só como instrumento de formação conceitual, mas também de emancipação da manipulação da sociedade (CADEMARTORI, 1986, p. 23).

Nota-se, por conseguinte, que a Literatura Infantil desempenha um papel amplo na construção da personalidade e na formação de conceitos pela criança. A literatura surge, conforme a professora Cademartori (1986), como um meio de superação da dependência e da carência – que se pode entender próprias da criança em determinado momento de sua existência – por possibilitar a reformulação de conceitos e a autonomia do pensamento.

Frente às afirmações de Cademartori (1986), pode-se entender, portanto, que a Literatura Infantil é uma importante aliada para a prática pedagógica nos espaços escolares, possibilitando de forma sutil e delicada, a abordagem de temas diversos, destacando-se, entre outros, a temática relacionada à formação étnica e social brasileira e seu berço cultural no continente africano.

Esse múltiplo caráter da literatura para crianças foi levantado por Bettelheim (2007). Sob a condição de educador e terapeuta de crianças com graves perturbações, o teórico em questão afirma que sua principal tarefa terá sido a de restituir algum significado às vidas desses pequenos. Desse modo, o autor acrescenta que se viu diante do desafio de encontrar [...] quais experiências na vida de uma criança são as mais adequadas para promover sua capacidade de encontrar significado nela; para dotar a vida em geral de mais significado (BETTELHEIM, 2007, p. 10).

Vale ressaltar que Bettelheim (2007) reconhece que, para tal tarefa, nenhum impacto possa ser maior que a presença dos pais e de outros indivíduos que se ocupem da formação e educação das crianças, colocando a herança cultural como segundo elemento capaz de também dar significado à vida da criança, quando as informações culturais lhes são corretamente passadas. Então, segundo o autor, “Quando as crianças são pequenas, é a literatura que canaliza melhor esse tipo de informação” (BETTELHEIM, 2007, p. 10), e ressalta que:

Para que uma história realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar a sua curiosidade.[...] deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar em harmonia com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam (BETTELHEIM, 2007, p. 11).

No que toca à Literatura Infantil como instância apta a sediar a agenda de afirmação da identidade afro-brasileira ou afrodescendente, inaugurou-se na teoria

literária e na crítica especializada – sobretudo com o advento das já mencionadas Leis n.º 10.630/2003 e n.º 11.645/2008 – um novo e extenso campo de reflexões.

A esse respeito, a professora Maria Cristina Soares de Gouvêa (2005), na obra intitulada **Imagens do negro na literatura infantil brasileira**: análise historiográfica, aponta inicialmente o importante avanço que o público infantil teve durante o século XX, chamado pela autora de **século da criança**. Para exemplificar esta evolução sobre a infância, a autora afirma que:

É inegável a centralidade que a infância assumiu na cultura contemporânea, a ela sendo direcionado todo um mercado de bens simbólicos alicerçados na idéia da sua singularidade e distinção em relação ao adulto. Embora a afirmação da especificidade da infância resulte de uma longa construção histórica, foi no século passado que ganhou contornos mais precisos e definidos, tornando-se alvo de um conjunto de políticas de proteção e amparo e, por outro, de uma maciça produção cultural (GOUVÊA, 2005, p. 81).

Gouvêa (2005) destaca a produção cultural direcionada ao público infantil, assinalando que a literatura direcionada à criança expandiu não apenas nas produções mas que também houve “[...] uma mudança nos cânones que regiam tal produção. Mudança esta produzida no diálogo com as transformações experimentadas nas práticas culturais mais amplas” (GOUVÊA, 2005, p. 81).

Gouvêa (2005) afirma que, nesse período, tornaram-se visíveis a valorização da produção cultural direcionada ao público infantil e também as discussões sobre a identidade brasileira. Nas palavras da autora,

[...] a discussão em torno da identidade brasileira ocupou a cena, assumindo contornos e leituras marcadas pela pluralidade. Observa-se na produção simbólica do período, tanto a exaltação da brasilidade¹¹ como a atribuição do atraso do país à sua composição étnico-cultural. Ou seja, a temática da identidade brasileira assumiu contornos próprios em diferentes formações discursivas nos campos cultural e científico e, mesmo em cada campo de produção simbólica, foi diversamente apreendida (GOUVÊA, 2005, p. 82).

Nota-se que o século XX foi marcante para que as discussões sobre a identidade brasileira fossem inseridas nos campos científicos e culturais assim como a sua presença nos textos literários. Gouvêa (2005) afirma que:

¹¹ “[...] um novo olhar para o país que permitisse compreendê-lo como nação com uma identidade própria, a chamada ‘brasilidade’” (GOUVÊA, 2005, p. 82, grifos da autora).

Buscou-se, no interior do campo artístico-cultural, formular uma linguagem e referências estéticas que simbolizassem a experiência de modernização da sociedade brasileira. O Movimento Modernista no Brasil constituiu-se, por um lado, a partir do diálogo com as diversas expressões da vanguarda cultural europeia. Por outro, tinha como fator aglutinador buscar, nas origens e singularidades da cultura nacional, referências estéticas para a produção de uma linguagem identificada com a brasilidade.

No campo científico, construíram-se diferentes discursos em torno da compreensão das origens da sociedade brasileira, quer numa perspectiva de intervenção cientificista, quer de análise de sua singularidade. Ou seja, se a questão definidora em ambos os campos era a inserção na modernidade por meio da compreensão da brasilidade, tal temática teve diferentes traduções no interior de cada campo. Falava-se sobre o mesmo tema, porém com diferentes olhares e perspectivas de análise, levando a produções diferenciadas, geradoras de discursos e práticas singulares (GOUVÊA, 2005, p. 83).

Observa-se que Gouvêa (2005) disserta sobre a existência de diálogos distintos acerca da **brasilidade** e da construção literária com identidade brasileira voltada para crianças. Destaca-se que nas primeiras décadas do século XX os textos literários enfatizavam as belezas naturais brasileiras identificadas com a cultura europeia, devendo-se ressaltar a invisibilidade que marca os personagens negros na literatura assim como o negro nos distintos espaços sociais. Esse indivíduo continua a enfrentar um processo de marginalização mesmo após a Abolição. Buscando exemplificar essa situação, Gouvêa (2005) ressalta que

[...] o negro era percebido como herdeiro de uma ordem social arcaica e ultrapassada, ligada ao tradicionalismo, à ignorância, ordem a ser substituída por um modelo europeizante, calcado na idéia de progresso. A escravidão era representada como marca vexatória do passado de um país atrasado. Assim, a figura do negro, com seu corpo, suas práticas e sua história constituiria a presença incômoda da antiga ordem escravocrata, incompatível com o projeto de um país “civilizado” (GOUVÊA, 2005, p. 84, grifo da autora).

Segundo Gouvêa (2005), nas décadas de mil novecentos e vinte a mil novecentos e quarenta, surge com certo destaque a presença da cultura afro-brasileira na literatura “[...] por meio da presença de personagens negros, associados às raízes culturais do país” (GOUVÊA, 2005, p. 83). A autora em questão ressalta que a literatura

[...] destinada ao público infantil buscava falar do país remetendo-se a sua identidade cultural. Procurava-se escrever à criança brasileira na sua linguagem, sobre sua gente, suas raízes raciais e culturais. Tal temática tornou-se preocupação presente em grande parte dos autores voltados para esse público. A literatura infantil do período dialogava com as diversas

representações construídas acerca da questão racial, estabelecendo uma interlocução com os discursos produzidos no campo científico e artístico, incorporando tal temática no interior das narrativas (GOUVÊA, 2005, p. 83).

Foi, portanto, a partir da década de mil novecentos e vinte que o personagem negro apareceu nas narrativas literárias. Observa-se que Gouvêa (2005), analisando as representações do negro na Literatura Infantil Brasileira no início do século XX, afirma que “[...] entre 1900 e 1920, o negro era um personagem quase ausente, ou referido ocasionalmente como parte da cena doméstica. Era personagem mudo [...]” (GOUVÊA, 2005, p. 83).

A pesquisadora em questão argumenta que:

Na verdade, mais que embranquecer os personagens, a literatura infantil do período dirige-se e produz um leitor modelo identificado com os personagens e as referências culturais brancas, marcando, portanto, um embranquecimento do leitor (GOUVÊA, 2005, p. 79).

Diante das reflexões de Gouvêa (2005), observa-se que no início do século XX a representação do negro e de sua cultura na Literatura Brasileira para crianças dava-se de forma descaracterizadora de suas referências e origens étnicas.

Gouvêa (2005) afirma que, a partir da década de 20, é observado o surgimento da presença do negro nos espaços sociais, artísticos e literários, por meio de uma interlocução acerca das representações da questão racial presentes no interior das narrativas dos textos produzidos na época. Assim, [...] a temática racial torna-se constante nas obras escritas entre as décadas de 1920 e 1940, por meio da presença de personagens negros, associados às raízes culturais do país (GOUVÊA, 2005, p. 83).

Para Gouvêa (2005), cabe, todavia, destacar que:

O projeto de resgate da cultura africana foi construído a partir do olhar do narrador branco, cujos valores estavam impressos na narrativa. [...] a caracterização da cultura negra era focalizada a partir de um referencial etnocêntrico, o qual tomava a cultura branca européia como intrinsecamente superior (GOUVÊA, 2005, p. 86).

Ainda em busca da ampliação do debate a respeito da presença do personagem negro nos espaços literários, recorre-se ao artigo de autoria do já mencionado professor Édimo de Almeida Pereira (2015), intitulado **O não-amarelo do mundo: olhares sobre a afrodescendência na literatura infantil brasileira.**

Nesse trabalho, Pereira (2015) faz questão de ressaltar, logo no princípio de sua argumentação, que:

No Brasil, encontra-se em vigor, desde 10 de janeiro de 2003, a Lei n.º 10.639, estabelecendo alterações na Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB), com o intuito de inclusão obrigatória do estudo da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, no currículo oficial da Rede de Ensino fundamental e de Ensino médio, públicos e privados. Posteriormente, a mesma Lei de Diretrizes e Bases sofreu, em 10 de março de 2008, uma nova alteração em seu artigo 26-A, por intermédio de disposições da Lei n.º 11.645, relacionadas à inclusão da obrigatoriedade não só do estudo da história e cultura afro-brasileira, mas também indígena, no currículo oficial da mesma Rede de Ensino (PEREIRA, 2015, p. 2, grifo do autor).

A partir das assertivas de Pereira (2015), verifica-se que, atualmente, cabe ao espaço escolar buscar na legislação vigente o fortalecimento do estudo e da abordagem da temática sobre a História e a Cultura Afro-Brasileira, por meio de uma prática pedagógica que capacite seus alunos a se tornarem conhecedores do berço social, cultural e identitário que compõe o contexto histórico brasileiro e seu povo. Tal prática tornará os alunos autônomos, capazes de refletir e interpretar de forma crítica a sua participação na sociedade e valorizar o seu berço cultural. Nesse sentido, segundo Pereira (2015),

[...] presume-se ser a Literatura, uma vez mais, uma das ferramentas que poderão contribuir não apenas para o estudo da História da África e dos africanos, da luta por reconhecimento e afirmação identitária dos negros no Brasil, como também para o reconhecimento tanto da cultura negra brasileira e do afro-brasileiro na formação da sociedade nacional, almejando o devido resgate da contribuição dos povos de origem africana e afrodescendente nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil (PEREIRA, 2015, p. 3).

A literatura, reafirma-se, uma vez mais, também como ferramenta de extrema importância para destacar a presença e a relevância da herança cultural negra no Brasil, contribuindo para o reconhecimento dessa herança por parte de toda a sociedade nacional.

Ivonete Sueli Segala Pereira (2014), em dissertação intitulada **A literatura infantil na perspectiva dos estudos culturais**: por uma infância plural, afirma que a Literatura Infantil “[...] torna-se desde cedo um valioso recurso que pode auxiliar os leitores a refletir sobre as inúmeras questões presentes na sociedade, dentre elas as questões étnicas, de gênero, de identidade, entre outros” (PEREIRA, 2014, p. 36).

Observando as assertivas dessa autora, percebe-se que a literatura é também considerada forma de produção cultural, ao permitir ao leitor um diálogo com o texto sobre culturas de outros tempos e lugares diversos. Dessa forma, o leitor realiza uma prática social, percebendo a sociedade em que vive de forma reflexiva, ao mesmo tempo que internaliza novos conceitos. A literatura permite ainda ao indivíduo o desvelamento da realidade, a ampliação de valores e o entendimento sobre a diversidade na sociedade, desconstruindo uma visão sob o fundamento das “diferenças” como algo “negativo” (PEREIRA, 2014, p. 38, grifos da autora).

Nesse sentido, a Literatura Infantil também se torna um espaço para a apresentação e a tematização de aspectos da sociedade que envolvem a pluralidade étnica dos componentes da população brasileira, dando espaço a discursos de reconstrução e valorização identitária dos afro-brasileiros, parcela que corresponde a mais da metade da população.

Sob esse aspecto, vale remontar ao *corpus* literário do presente trabalho de dissertação para verificar que a temática étnica se encontra presente tanto nas linhas de **Menina bonita do laço de fita** (2011), quanto de **Histórias trazidas por um cavalo-marinho** (2014). Não bastando o lapso de tempo que separa a edição de uma obra da outra, também o aparato cultural brasileiro que iluminou e ilumina uma produção e outra sofreu sensível evolução. Fato é que, a partir do advento da legislação composta pelas Leis n.º 10.639/2003 e 11.645/2008 no Brasil, bem como o desenvolvimento de uma consciência da necessidade de valorização e de autovalorização da própria identidade por parte dos afrodescendentes, desde movimentos perpetrados no exterior¹², até o engajamento de organizações nacionais que trabalham nesse sentido, a presença da temática africana e afrodescendente nas publicações voltadas para a Literatura Infantil vem apresentando notórios requintes na representação imagética do negro, em contraponto ao que se verificava no passado. Tais elementos serão objeto de abordagem nas subseções que se seguem.

¹² O Movimento da Negritude de Aimé Césaire e Leopold Sédar Sengor, visa uma tomada de consciência no sentido de resgate das origens, proclamando, no combate ao racismo, o orgulho de ser negro. [...] discurso contrário àquele historicamente imposto pelas nações colonizadoras e utilizado para justificar o trabalho escravo nas colônias, o comércio negreiro e a condição de absoluta exclusão do negro (PEREIRA, 2010, p. 28).

2.4 A IMPORTÂNCIA DAS IMAGENS: ilustração e representação da afrodescendência nos livros para crianças

[...] preconceitos não se passam apenas através das palavras, mas também – e muito – através de imagens.

Fanny Abramovich

Historicamente, as transformações ocorridas na Europa no final do século XVIII, motivadas pelo Iluminismo, refletiram diretamente no crescimento da burguesia e na visibilidade e interesse pela criança, a qual começou a ser vista como um indivíduo e não apenas como uma miniatura do adulto. Dessa maneira, também o universo infantil começou a ter ascensão na sociedade, inclusive a produção literária para este público e a divulgação da mesma.

Vários estudiosos dedicaram suas pesquisas para a fase da valorização da infância e, em reflexo disso, o surgimento dos livros infantis. Dentre eles, destaca-se o crítico literário alemão Walter Benedix Schonflies Benjamin (2009), que desenvolve considerações sobre os livros infantis com ilustração. Segundo Benjamin (2009), no

[...] final do século XVIII surgem livros ilustrados que reúnem uma variedade colorida de coisas em uma página – e coisas sem nenhuma afinidade figural.

Nada chama tanto a atenção quanto o fato de que durante o século XIX, que em virtude do crescimento de seu saber universal precisou sacrificar tantos bens culturais do século anterior, o livro infantil não sofreu perdas, nem em relação ao texto nem quanto às ilustrações (BENJAMIN, 2009, p. 59).

Percebe-se que, no período mencionado por Benjamin (2009), a sociedade começa a motivar a produção voltada para a literatura e a propor um diálogo entre produções literárias, escola e mercado.

A pesquisadora Lígia Regina Máximo Cavalari Menna (2012), em tese de doutorado intitulada **A literatura infantil além do livro**: as contribuições do jornal português O senhor doutor e da revista brasileira O Tico-Tico, toma em consideração um dos primeiros livros ilustrados para crianças, **Um bonito livro de bolso** (1744), de John Newbery (1713 – 1767). Segundo Menna (2012), John Newbery abriu em Londres a primeira livraria para crianças e fundou uma editora específica para Literatura Infantil, além de lançar o primeiro jornal infantil na

Inglaterra. Por meio dessas ações, contribuiu para o fortalecimento da concepção da infância naquele contexto, de forma integrada ao surgimento dos primeiros livros de Literatura Infantil.

O livro infantil, com suas histórias cheias de magias e encantos descritos por meio dos textos verbais ou pelas ilustrações, viabiliza o despertar do prazer pela leitura e instiga o pensamento reflexivo do leitor. Evidencia-se, assim, que a Literatura Infantil tem um papel importante para a criança na construção de suas experiências, constituindo-se como um meio para a compreensão de toda a herança histórica e cultural à qual pertence (BETTELHEIM, 2007).

Considerado isso, é de se pensar na importância das imagens no que toca à representação da afrodescendência nos livros de Literatura Infantil e nos moldes como tal representação vem ocorrendo no mercado editorial brasileiro contemporâneo.

A antropóloga social e professora Heloisa Pires Lima (2005), no texto **Personagens negros: um breve perfil na Literatura Infanto-Juvenil**, adentra a temática, afirmando que

[...] quando personagens negros entram nas histórias aparecem vinculados à escravidão. As abordagens naturalizam o sofrimento e reforçam a associação com a dor. As histórias tristes são mantenedoras da marca da condição de inferiorizados pela qual a humanidade negra passou. Cristalizar a imagem do estado de escravo torna-se uma das formas mais eficazes de violência simbólica. Reproduzi-la intensamente marca, numa única referência, toda a população negra, naturalizando-se, assim, uma inferiorização datada. A eficácia dessa mensagem, especialmente na formatação brasileira, parece auxiliar no prolongamento de uma dominação social real. O modelo repetido marca a população como perdedora e atrapalha uma ampliação dos papéis sociais pela proximidade com essa caracterização, que embrulha noções de atraso (LIMA, 2005, p. 103).

Nota-se que o processo de construção da identidade do negro ocorreu ao longo da história política e social brasileira a contrapelo do que deveria representar o devido reconhecimento às matrizes culturais africanas que foram e que vieram transplantadas forçadamente para os espaços coloniais europeus no Novo Mundo. Desqualificadas pela representação reificadora e excludente do negro, propagada nos mais diferentes espaços sociais, as características fenotípicas africanas estiveram quase sempre relacionadas com a manifestação de um racismo

historicamente cristalizado pela constante afirmação dos padrões de beleza, de civilização e de humanidade europeus¹³.

Na contemporaneidade brasileira, no entanto, desde o advento da legislação específica, anteriormente mencionada neste trabalho de dissertação, bem como com a postura de engajamento de autores, de ilustradores e de editores de obras destinadas às crianças, têm-se procurado modificar antigos estereótipos relacionados à representação do afrodescendente ou do negro. Espaços onde as identidades africana e afro-brasileira eram normalmente representadas em condições de subalternidade e de submissão são traçados sob novas perspectivas, tempo em que a Literatura Infantil tem reservado aos pequenos leitores uma instância onde a igualdade e a autovalorização são uma realidade para todos.

A professora Maria Laura Pozzobon Spengler (2011), no artigo **Literatura infantil: a palavra e a imagem se entrelaçando na história**, faz uma abordagem a respeito da Literatura Infantil e o trabalho de ilustração, o qual oferece ao leitor códigos de leitura visual. Spengler (2011) argumenta que foi

[...] depois do século XVII que o mercado editorial começou a dedicar-se à publicação de livros para crianças, especialmente na Europa, com os contos de Charles Perrault e as fábulas de La Fontaine. Seguindo essa tradição francesa de representação de um mundo feérico, os contos dos irmãos Jacob e William Grimm, na Alemanha, e os contos de Hans Christian Andersen, na Dinamarca, ganharam força no século XIX. São desse período também os livros *Alice no País das Maravilhas*, do inglês Lewis Carroll, e *Pinóquio*, de Carlo Collodi, na Itália, que apresentavam características das narrativas maravilhosas citadas, mas delas se distanciavam ao apresentarem crianças como protagonistas das histórias. E com as obras desses autores, iniciou-se a demanda por livros com ilustrações (SPENGLER, 2011, p. 37, grifos da autora).

A ilustração presente nos livros para crianças ganhou espaço não apenas no âmbito comercial, mas também na preferência e interesse do público infantil europeu, devido à diversidade literária que se dividia entre fábulas e contos maravilhosos.

Spengler (2011) acrescenta que:

¹³ Sobre esse tema, ver: PEREIRA, Édimo de Almeida. O discurso de exclusão do negro no Brasil. In **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 33-49, 2º sem. 2009. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6160274.pdf>>. Acesso em: 30 jan. 2018.

As ilustrações das narrativas dos séculos XVIII e XIX estabeleceram convenções visuais porque as imagens se originavam de outras já conhecidas que influenciavam, de maneira significativa, os ilustradores contemporâneos. O estudo das imagens desses contos clássicos proporciona conhecimento para a história da ilustração (SPENGLER, 2011, p. 37).

Nesta perspectiva nota-se que as imagens dos livros ilustrados apresentavam fatos relacionados ao período histórico, às relações culturais, sociais e aos padrões estéticos burgueses da Europa, o que foi gradativamente se expandindo para outros continentes e chegando com forte influência no Brasil. Ainda de acordo com Spengler (2011),

Nesses mesmos séculos, XVIII e XIX, a escola, especialmente a fundada na Europa, trouxe consequências ao Brasil: passou a ser obrigatória e responsável pela divulgação dos valores morais da época. A educação preparava a criança para um mundo futuro de trabalho; e a literatura, por ter adquirido função formativa, foi carregada de uma visão pedagógica, que repetia os valores da burguesia dominante.

A partir desse período, os livros para crianças passaram a ser pensados como obras de arte; e os livros impressos, a partir da reprodução fotográfica de originais coloridos, tornaram-se itens de luxo para a nova sociedade burguesa que se formava. A ilustração dos livros destinados às crianças ganhou um novo universo, expandido em técnicas e cores (SPENGLER, 2011, p. 38).

A autora em questão traça uma reflexão importante no sentido de que os leitores devam estar atentos à presença da linguagem visual, exposta por meio da ilustração nos livros de Literatura Infantil. Ao longo do desenvolvimento da ilustração, no seu encontro com a literatura, é possível perceber que a cultura clássica europeia e os seus padrões estéticos foram apresentados como únicos para diversos espaços do mundo. Vinculada ao crescimento da burguesia e tomada como veículo de informações que fortaleciam a cultura europeia perante o mundo, a ilustração de narrativas infantis “[...] iniciou-se no final do século XVI e prolongou-se até a década de 1870, no movimento de pintores de contos de fada, influência que encontramos até hoje nas ideias de um mundo ideal, povoado de fadas, duendes e bruxas [...]” (SPENGLER, 2011, p. 39).

Spengler (2011) ainda relata que:

As ilustrações, então, começaram a estabelecer códigos de linguagem visual, e o livro passou a ser o objeto de arte e entretenimento que vinculava valores morais e educativos da época, ou seja, da Inglaterra vitoriana (OLIVEIRA, 2008). As mudanças sociais, econômicas e culturais

favoreceram a ampliação do comércio e a divulgação de textos literários para crianças e, conseqüentemente, de ilustrações, gerando, assim, crescimento na demanda de escritores e ilustradores (SPENGLER, 2011, p. 37).

Nessa perspectiva, vale remontar às reflexões de Pereira (2014), em artigo supramencionado, para quem “[...] literatura através de seu texto ou ilustração pode promover ‘um novo olhar’ para as situações que carecem de uma atenção especial” (PEREIRA, 2014, p. 78, grifo da autora). A partir dessa visão, pode-se chegar ao entendimento de que uma sociedade, por intermédio da Literatura Infantil e das ilustrações que a acompanham, é passível de afirmar as estratégias de apagamento de determinadas identidades culturais em detrimento de outras. Dessa maneira, conforme Pereira (2014),

A literatura infantil carrega em si muitas marcas da nossa sociedade, reproduzem estereótipos, reiteram certos padrões, abordam as mais variadas questões e muitos aspectos no contexto da obra parecem soar como inocentes recursos textuais ou estilísticos, porém podem atuar no sentido de reforçar preconceitos, a partir da forma como cada personagem é descrito, a forma como sua construção adjetiva se torna um valor positivo ou negativo na construção da identidade do personagem e da própria construção da identidade do leitor (PEREIRA, 2014, p. 78).

Segundo Pereira (2014) ao buscar o combate aos preconceitos no âmbito da sociedade brasileira, percebe-se que atualmente há o desenvolvimento de,

[...] um movimento tanto por parte dos autores contemporâneos como de profissionais ligados a áreas infantis preocupados, instigados na busca em desvencilhar essas tramas de preconceitos e estereótipos manifestados muitas vezes de “forma velada”, em muitas esferas sociais, necessitando, com isso, de uma reflexão na busca de novas perspectivas e “caminhos” (PEREIRA, 2014, p. 78, grifos da autora).

Ampliando o debate acerca da Literatura Brasileira, da ilustração e seu percurso na sociedade, mostra-se necessário recorrer aos estudos do já mencionado professor Édimo de Almeida Pereira (2015), em artigo intitulado **O não-amarelo do mundo: olhares sobre a afrodescendência na Literatura Infantil Brasileira**, trabalho em que o autor desenvolve algumas reflexões teóricas sobre a presença do afrodescendente nos espaços literários, afirmando que, [...] ocorreu um crescente aumento de publicações destinadas ao público infantil e juvenil, nas quais a temática africana e afro-brasileira tem encontrado lugar (PEREIRA, 2015, p.9).

Pereira (2015), tomando para observação, como se percebe, o conto **O livro amarelo com páginas brancas**, de Edimilson de Almeida Pereira, analisa a relação entre escrita e ilustração nesta obra, afirmando que:

Para além das diversas pistas que Edimilson de Almeida Pereira deixa transparecer ao longo da narrativa, as quais bem podem ajudar o leitor ou o educador a conduzir a leitura em direção a uma posterior discussão a respeito das questões étnicas e culturais africanas e afro-brasileiras, também o aspecto estético que pontua as ilustrações da designer Denise Nascimento imprime ao livro inúmeras possibilidades de diálogos a serem estabelecidos com outras obras que possam – direta ou mais sutilmente, como nos faz parecer este **Histórias trazidas por um cavalo-marinho** – servir de base a que o professor trabalhe elementos da cultura africana e afro-brasileira como o requer a nova Lei de Diretrizes e Bases do Ensino fundamental e médio. Verificamos que, a partir das informações que o texto apresenta, escrita e imagem estabelecem imbricados liames, o que terá permitido à ilustradora a “leitura” de ser o “cavalo-marinho” mencionado pelo narrador a que deu voz Edimilson de Almeida um dos muitos habitantes do Atlântico, oceano de natureza emblemática no processo de transplantação de milhões de africanos e de suas culturas para o Novo Mundo, por ocasião da dramática experiência do tráfico negreiro (PEREIRA, 2015, p.13, grifos do autor).

Pereira (2015), por conseguinte, chama a atenção do leitor não apenas para a importância da ilustração nos trabalhos de representação da afrodescendência nos livros para crianças, mas também para a evidente mudança no padrão estético dessa representação¹⁴, ao destacar as possibilidades de **leitura** estabelecidas pelo trabalho – e a partir do trabalho – de Denise Nascimento.

Quem também se dedica à análise das ilustrações do negro na Literatura Infantil Brasileira, estendendo-a até o ano de 1997, é a já mencionada professora Fanny Abramovich (1991). Sobre esse tema, a teórica em questão argumenta que:

É incrível como se confundem e até se reforçam, nos livros infantis, o ético e o estético. [...] O preto? Ora, somente ocupa funções de serviçal (setor doméstico ou industrial, e aí pode ter um uniforme profissional que o defina enquanto tal e que o limite nessa atividade, seja mordomo ou operário...). Normalmente é desempregado, subalterno, tornando claro que é coadjuvante na ação e, por consequência, coadjuvante na vida... Se mulher, é cozinheira ou lavadeira, gordona e bunduda. Seu ótimo coração e seu colo amigo são expressos no texto ou talvez nas entrelinhas... Importa que sua apresentação física não seja das mais agradáveis, das mais audaciosas ou belas... Altivos e elegantes?? Nunquinha... (ABRAMOVICH, 1991, p. 36).

¹⁴ Nesse sentido, ver os trabalhos de outros ilustradores como: André Neves, Graça Lima, Rubem Filho, Alexandre Rampazo, Walter Lara, Josias Marinho, Mauricio Negro, Marcial Ávila, Hyvanildo Leite, Marcelo Moreira, dentre outros.

Em artigo intitulado **Ilustração de contos africanos: um novo conceito** (2011), a professora Concísia Lopes dos Santos também chama a atenção para o aparato ideológico que perpassa os novos parâmetros da representação imagética do negro nas ilustrações de Literatura Infantil contemporâneas. Assim, segundo Santos (2011)

[...] no Brasil há ilustradores de primeira qualidade. Convém reforçar que não se está analisando aqui a qualidade artística das ilustrações feitas nos livros infantis. Muito menos se defende os desenhos de tipo realista (pois para isso bastaria se utilizar fotografias), sem magia nem encantamento. O que se propõe é que as imagens trazidas por tais livros permitam uma nova maneira de enxergá-las, de refleti-las. É importante observar se não estão sendo criados estereótipos, pois estes estreitam a visão, a forma de agir e de ser das pessoas. E a criança deve ser ajudada a perceber isso (SANTOS, 2011, p.3).

Nesse sentido, analisando em específico o trabalho de Denise Nascimento, Santos (2011) afirma que:

Uma ilustração pode estabelecer diversas relações com o texto. Na arte produzida por Denise Nascimento pode-se dizer que ela é dialógica, uma vez que cria novas maneiras de produzir sentido ao relacionar texto com imagem. As imagens criadas narram com o texto, colaborando para uma nova maneira de ler a cultura africana no Brasil (SANTOS, 2011, p. 6).

O trabalho dos ilustradores e dos escritores em relação ao estabelecimento de novos padrões de valorização da identidade afrodescendente no âmbito da Literatura Infantil Brasileira é objeto de estudo da professora Lucilene Costa e Silva (2012), em dissertação intitulada **Meninas negras na literatura infantojuvenil: escritoras negras contam outra história**, na qual a autora, tomando por base a obra **Betina** (2009), da também professora Nilma Lino Gomes, e ilustrado por Denise Nascimento, ressalta que

Betina, título da obra escrita por Nilma Lino Gomes (2009) e ilustrada por Denise Nascimento, oferece um outro modelo de representação diferente dos modelos anteriormente construídos sobre a criança negra na literatura infantojuvenil ao apresentar uma obra bem escrita, repleta de elementos significativos e simbólicos que permitem uma interpretação do texto e das ilustrações de maneira muito positiva para a reconstrução de imagens sobre a população negra (SILVA, 2012, p. 146, grifo da autora).

Por outro lado, de maneira abrangente e não excludente, a temática étnica vem sendo explorada por escritores e ilustradores da Literatura Infantil contemporânea, aspecto que não passou despercebido aos olhos de Silva (2012), ao destacar, na análise do livro em questão, que

[...] a autora enfoca a criança negra como protagonista da história, mas a todo momento há convivência com outros seguimentos, mostrada pela imagem da boneca branca, com outros brinquedos, no momento em que a avó coloca como condição para ensinar Betina a arte de trançar que ela trançe o cabelo de todas as pessoas que a procurassem: “Você vai trançar o cabelo de toda a gente, ajudando cada pessoa que chegar até você a se sentir bem, gostar mais de si, sentir-se feliz de ser como é, com seu cabelo e sua aparência” (GOMES, 2009, p. 16) (SILVA, 2012, p. 151, grifo da autora).

Para ampliar essa discussão, recorre-se à obra **Superando o racismo na escola**, do antropólogo congolês Kabengele Munanga (2005). O estudioso em questão aborda a representação do negro nos espaços escolares, salientando que, “A invisibilidade e a reduzida representação do negro no livro didático constroem a ilusão da não existência e da condição de minoria do segmento negro, mesmo nas regiões onde ele constitui maioria” (MUNANGA, 2005, p.30). De acordo com o autor:

Nas ilustrações de grupos e multidões o elemento negro é minoritário. A condição de representante da espécie do branco também aparece na ilustração, através da composição de grupos e multidões, que são majoritária ou exclusivamente brancos, segundo Rosemberg (op. cit., p. 82). [...]

Os estereótipos, a representação parcial e minimizada da realidade, conduzem o estereotipado e representado, em grande parte, à auto-rejeição, à construção de uma baixa auto-estima, à rejeição ao seu assemelhado, conduzindo-o à procura dos valores representados como universais, na ilusão de tornar-se aquele outro e de libertar-se da dominação e inferiorização.

Os sinais da auto-rejeição são visíveis nos descendentes de africanos, bem como nos descendentes de indígenas aculturados na América Latina (MUNANGA, 2005, p.30).

Verifica-se que é visível a hegemonia branca sob o afrodescendente nos textos da Literatura Brasileira e a ilustração de seus personagens de forma estereotipada, quando se nota a presença constante do domínio dos padrões intelectuais, estéticos e culturais europeus, procurando provocar nos afrodescendentes sentimentos de inferiorização e “rejeição ao seu assemelhado” diante dos valores determinados pelos brancos (MUNANGA, 2005, p. 30).

Esse quadro, todavia, vem sofrendo mudanças significativas, conforme verificamos anteriormente. Apesar de a Literatura Brasileira haver percorrido um longo processo de repetição do discurso e das práticas de exclusão do elemento africano e afrodescendente, influenciada por padrões marcadamente europeus, o que contribuiu para a invisibilidade e a desqualificação dos conhecimentos do afrodescendente e sua ancestralidade, muitos escritores e ilustradores contemporâneos vêm apresentando publicações com linguagens variadas e mais próximas da realidade que marca a diversidade étnica da população brasileira, valorizando, nesse contexto, a ancestralidade do afrodescendente. Esses elementos passam a ser considerados na terceira seção deste trabalho de dissertação, quando se passa a considerar o *corpus* literário antes estabelecido.

3 A MENINA DO LAÇO DE FITA E O CAVALO-MARINHO: era uma vez dois contos e dois autores

Nenhuma outra forma de ler o mundo dos homens
é tão eficaz e rica quanto a que a literatura
permite.

Nelly Novaes Coelho

A presente seção deste texto dissertativo guarda o desafio de colocar sob análise crítica a escrita de dois autores brasileiros, os quais, embora pertencentes a tempos diversos de produção no âmbito da Literatura Brasileira, dedicaram-se à abordagem da temática da diversidade étnico-racial que caracteriza a constituição da população nacional, trazendo-a para os específicos limites da escrita literária destinada às crianças. Dessa maneira, não apenas esse imbricado tema foi pioneiramente tocado pela prosa de Ana Maria Machado (2011), por meio das linhas da obra **A menina bonita do laço de fita**¹⁵, como também vem sendo constantemente visitado pelo poeta, ensaísta e professor juizforano Edimilson de Almeida Pereira (2005), a exemplo do que fez na outra obra que forma o *corpus* literário desta dissertação, qual seja, o livro de contos intitulado **Histórias trazidas por um cavalo-marinho**.

De pronto, a respeito deste autor, vale salientar que a trajetória intelectual de Edimilson de Almeida Pereira¹⁶, conforme será posteriormente exposto de forma mais ampla, coloca-o como um importante pensador e teórico no que respeita à questão da afrodescendência no país e no mundo contemporâneo, razão pela qual, ao longo dessa terceira seção desse trabalho de dissertação, o mesmo será referido por diversos modos, conforme a obra de sua autoria tomada como objeto de leitura, seja ora como autor, ora como professor, ora como teórico da literatura e da cultura.

A par desses aspectos, é de se observar que a postura que se adota na elaboração da presente dissertação, tal qual possa ser talvez inicialmente

¹⁵ A obra **A menina bonita do laço de fita** de Ana Maria Machado (2011), originalmente publicada no ano de 1984, portanto, em um tempo em que não se poderia falar da existência de dispositivos legais que levassem os autores a escrever sobre a valorização da presença de negros na cultura brasileira, conforme verificado a partir da mencionada Lei n.º 10.639/2003.

¹⁶ Na subseção 3.2, o presente trabalho de dissertação coloca em evidência a múltipla atuação intelectual de Edimilson de Almeida Pereira como poeta, professor, escritor de livros infantojuvenis, ensaísta e teórico das questões relacionadas às africanidades no Brasil e no mundo.

depreendido da natureza criativa de ambos os autores aqui analisados, é a de se considerar a literatura não apenas como arte e instrumento de formação do leitor, como também espaço útil ao desenvolvimento de vasto campo teórico capaz de ajudar tal leitor – no caso um jovem leitor – na busca da compreensão de elementos que fazem parte da realidade que o envolve. Importa, portanto, problematizar de que forma os autores de **A menina bonita do laço de fita** e **Histórias trazidas por um cavalo-marinho** vão explorar a linguagem e a estética própria do universo da literatura para crianças, herdeira dos históricos contos de fada e dos contos populares, para, de modos diferenciados, suscitarem uma reflexão acerca da presença do negro em nossa cultura.

Edimilson de Almeida Pereira (2007), no exercício do mister de teórico da literatura e da cultura, em obra intitulada **Malungos na escola: questões sobre culturas afrodescendentes e educação**, escreve a respeito da presença africana na cultura brasileira, afirmando que, de acordo com

[...] dados recebidos por diversos estudiosos, o Brasil recebeu cerca de quarenta por cento dos quase dez milhões de africanos que foram transportados para as Américas no período compreendido entre os séculos XVI e XIX. Esses números, por si só, indicam as estreitas ligações que, ao longo do tempo, foram tecidas entre o Brasil e o continente africano. Pensar o Brasil a partir desse fato significa dar atenção a uma gama de elementos culturais relacionados à diáspora africana que se tornaram parte de nossa percepção do mundo e de nossas práticas cotidianas (ALMEIDA, 2007, p. 22).

Em razão desse grande número dos herdeiros da diáspora africana na constituição da população brasileira, nota-se que há um desenvolvimento de muitas reflexões sobre a atividade discursiva de valorização – em contraponto à de exclusão – da identidade afrodescendente na sociedade brasileira, a partir do que se mostra necessário o reconhecimento de que o caráter multiétnico do Brasil é construído com a presença marcante do berço cultural e étnico africano.

Para fortalecer os discursos acerca da formação e da construção da identidade brasileira e de toda a influência das culturas africanas nesse processo, mostra-se relevante a teoria desenvolvida pelo filósofo francês Michel Foucault (1970) a respeito do discurso, em sua obra intitulada **A ordem do discurso**, na qual o teórico deixa claro que: “Os discursos devem ser tratados como práticas

descontínuas, que se cruzam por vezes, mas também se ignoram ou se excluem” (FOUCAULT, 1970, p. 52).

Mediante as palavras de Foucault (1970), é possível, então, admitir-se que existem discursos que – ao contrário de se entrecruzarem em uma relação de interação – estabelecem uma ordem de exclusão de outros, ordem essa que vai se estabelecer a partir da fixação de falares supostamente hegemônicos, nos quais se verifica uma tendência ao desejo de se fazerem prevalecer sobre outros que são, por conseguinte, considerados minoritários.

Uma vez postos esses elementos, podem-se verificar, no âmbito da sociedade brasileira, formas de organização de discursos que evidenciam a noção de identidade que os indivíduos possam ter de si mesmos e de outrem. Nesse sentido, os professores Edimilson de Almeida Pereira e Núbia Pereira de Magalhães Gomes (2001), em obra a que deram o título de **Ardis da Imagem: exclusão étnica e violência nos discursos da cultura brasileira**, abordam os aspectos relacionados à atividade discursiva presente na sociedade brasileira, asseverando que o caráter multiétnico desta,

[...] pode ser rastreado nos modos como os recursos da língua são apropriados pelos grupos com o objetivo de produzir comunicação acerca de si mesmos e dos outros. Essa atividade de enunciação oferece um retrato das relações que mostram os indivíduos e os grupos situados nos limites da interação e do conflito social.

A análise da enunciação evidencia do que estão falando os sujeitos; de que maneira, como falam, se posicionam em função daquilo de que estão falando e, finalmente, como posicionam o Outro dentro de seus discursos. Com isso, podemos mapear os caminhos que os grupos sociais percorrem na afirmação de suas identidades na medida em que atribuem valores a si mesmos e aos outros (GOMES; PEREIRA, 2001, p. 68).

Nessa linha de pensamento, os teóricos em questão também tecem considerações acerca dos discursos de exclusão – o que remete ao entendimento do Michel Foucault anteriormente mencionado – quando afirmam que:

Os discursos de exclusão atuam de maneira específica no momento de desqualificar este ou aquele grupo, embora pareçam diluir-se na diversidade de temas do cotidiano. São discursos intencionalmente elaborados, que contam com o estímulo do senso comum para serem aplicados nas relações interpessoais e intergrupais, de modo que sua constituição e repercussão atingem simultaneamente o sujeito e a sua comunidade (GOMES; PEREIRA, 2001, p.107).

Os professores ainda asseveram que “[...] existe uma significativa contribuição teórica a respeito dos negros brasileiros que vem se detendo sobre os aspectos de seu patrimônio cultural ou de sua marginalidade decorrente da exclusão étnica e social” (GOMES; PEREIRA, 2001, p. 45), estimulando a reflexão no sentido de que a cultura afro-brasileira, que contribuiu eficazmente para a construção da identidade cultural da população deste país, deva passar a ter maior visibilidade e voz na sociedade, além da que atualmente se verifica em nosso país.

É notório o processo de segregação vivenciado pelos negros no Brasil, tendo como decorrência a exclusão étnica e social, de acordo com os estudos desenvolvidos por Gomes e Pereira (2001) na obra em comento, na qual os autores analisam as várias formas assumidas pelo discurso excludente ou a prática daquilo que tal discurso preconiza em relação aos afrodescendentes.

Por sua vez, o professor Édimo de Almeida Pereira (2009), em artigo intitulado **O discurso de exclusão do negro no Brasil**, também adentra esse campo de discussão, afirmando que:

[...] no Brasil dos séculos XVI ao XIX, constituiu-se um discurso, tido por verdadeiro, de exclusão e desconstrução da identidade do negro ou, ainda, de construção de uma imagem negativa da raça, de modo a justificar o instituto da escravidão (PEREIRA, 2009, p. 36).

A segregação do sujeito afrodescendente e de todo o histórico dos seus ancestrais tem origem não apenas nas tentativas de apagamento de uma etnia, à medida que a cultura europeia busca sobrepor-se às demais culturas conhecidas, como também no esforço por provocar a invisibilidade e a anulação das manifestações histórico-culturais, étnicas e identitárias que representam o território africano, cujos habitantes contribuíram no passado para a composição do que hoje se conhece como população brasileira.

O discurso da sociedade europeia, por meio da cultura e dos valores dominantes, apresenta-se como modelo de civilização detentora de um caráter de superioridade em relação ao negro outrora trazido para as Américas na condição de escravizado. Conforme Pereira (2009), o negro era associado a um ser violento, submisso, sem ancestralidade e cultura, visto apenas como um objeto de trabalho da ação colonizadora. As tentativas de inferiorização dos negros, por intermédio de um discurso direcionado a descaracterizá-los enquanto indivíduos foram constantes nas

colônias europeias no Novo Mundo, no século XIX. Neste sentido, Pereira (2009) acrescenta que:

[...] a formação de um discurso dominante branco, constituído a partir de uma vontade de verdade e de uma referência às teorias científicas da época, como a Teoria Evolucionista de Darwin, que retirava do negro a sua condição de ser humano e justificava a existência de um sistema escravista, tem a sua fundamentação fortalecida ao perpassarmos o trabalho de Schwarcz (1987), que consiste num levantamento crítico da representação do negro nos periódicos paulistanos do século XIX (PEREIRA, 2009, p. 37).

Pode-se pensar que muito do que se formou acerca da identidade do negro no século XIX é resultante da inserção forçada desses indivíduos nos quadros da população brasileira no Período Colonial, então sob a condição de escravizados.

Sobre a colonização, o professor e estudioso da Literatura Brasileira, Alfredo Bosi (1992), em obra intitulada **Dialética da colonização**, discorre sobre o contexto histórico da colonização. Percebe-se que Bosi (1992) apresenta a colonização sob a perspectiva de três ordens: “do cultivo, do culto e da cultura” (BOSI, 1992, p. 19), que compõem a complexidade da ação colonizadora, como um empreendimento com propósito de ocupar o espaço físico, explorar os bens e submeter as comunidades locais. Dessa maneira o teórico em questão elenca, de forma integrada, a formação da colonização, motivada pela cobiça europeia:

As imigrações e o povoamento reforçam o princípio básico do domínio sobre a natureza, peculiar a todas as sociedades humanas. Novas terras, novos bens abrem-se à cobiça dos invasores. Reaviva-se o ímpeto predatório e mercantil que leva à aceleração econômica da matriz em termos de uma acumulação de riqueza em geral rápida e grávida de consequências para o sistema de trocas internacional. Pode-se calcular o que significou para a burguesia europeia, em pleno mercantilismo, a maciça exploração açucareira e mineira da América latina (BOSI, 1992, p. 19).

A colonização busca se fortalecer cada vez mais, por meio das imigrações e instalações de novos núcleos populacionais, contexto em que se deu a transplantação forçada de grande número de indivíduos do Continente Africano para as Américas.

O africano foi de incontestável importância para a economia do período colonial¹⁷. Bosi (1992) afirma que, nesta época os escravizados eram “os pés e as mãos dos senhores de engenho”, porque, sem a presença de tais indivíduos, não era “possível fazer, conservar e aumentar a fazenda, nem ter engenho corrente” (BOSI, 1992, p. 162).

A estudiosa Petronilha Silva (2009), em artigo a que deu o título de **A palavra é... africanidades**, apresenta as manifestações relacionadas às africanidades como expressões diretamente vinculadas ao jeito de ser, viver, pensar e construir existências em territórios distintos onde ocorreu a colonização. De acordo com Silva (2009), as africanidades

[...] contêm conhecimentos, significações que começaram a ser elaboradas no continente antes da chegada dos colonizadores. Foram dolorosamente acrescidas durante a travessia do Atlântico forçada aos escravizados, bem como no constrangimento desses seres humanos, reduzidos à condição de objetos, de semoventes. Foram e têm sido relidas na transferência de pensamento e de tecnologias africanas para territórios não africanos, refeitas nas lutas por reconhecimento e reparações, no combate ao racismo, na resistência contra o embranquecimento de mentes e corpos negros (SILVA, 2009, p. 43).

A reflexão em torno dos aspectos da cultura e da identidade afro-brasileira implica o envolvimento com algo evidentemente complexo, pois os conhecimentos acerca da identidade dos afrodescendentes e das culturas africanas trasladadas para o Brasil parecem emaranhados em meio a um conjunto de ideias e de práticas culturais, políticas e sociais, constituído como forma de dominação hegemônica do discurso identitário do afro-brasileiro. Nesse sentido, verifica-se que a constante exclusão do afrodescendente intenciona a anulação de toda a significativa contribuição das culturas africanas na formação e no desenvolvimento da sociedade brasileira.

Tendo-se em vista o panorama de descontinuidade, de ruptura e de fragmentação encontrado nos discursos presentes em nossa sociedade em relação

¹⁷ Sobre a presença do negro na constituição da população brasileira, ver: FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1987. A obra é um clássico da Sociologia brasileira que possui 48 edições sendo a primeira em 1933. Apresenta a importância da Casa-grande e da senzala na formação sociocultural brasileira. Assim como também a presença do índio e do escravo negro na vida sexual da família brasileira e como a igreja católica se posicionava diante a população brasileira nesta época.

aos negros africanos e aos afrodescendentes, não se pode deixar de considerar o conceito de identidade cultural veiculado pelo sociólogo jamaicano Stuart Hall (2015), na obra **A identidade cultural na pós-modernidade**. Segundo Hall (2015) há pelo menos construções teóricas acerca da identidade dos sujeitos, as quais o estudioso distingue em três concepções, sendo: i) o sujeito do Iluminismo; ii) o sujeito sociológico e, iii) o sujeito pós-moderno.

De acordo com o teórico, o pensamento sobre o sujeito do Iluminismo estava baseado

[...] numa concepção da pessoa humana como indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou “idêntico” a ele – ao longo da existência do indivíduo (HALL, 2015, p.10, grifos do autor).

A partir desse ponto de vista levantado por Hall (2015), é possível observar-se que, no Iluminismo, a identidade da pessoa humana estava centrada nela mesma ao nascer, ao se desenvolver e conviver socialmente. Tratava-se de uma identidade que não sofria, de acordo com essa concepção, qualquer modificação desde o nascimento até o final da própria vida.

Já no que diz respeito ao constructo teórico relativo ao sujeito sociológico, Hall (2015) afirma que este:

[...] refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que esse núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente, mas era formado na relação com “outras pessoas importantes para ele”, que mediavam para o sujeito os valores, os sentidos e os símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habitava (HALL, 2015, p. 11, grifo do autor).

A noção sobre o sujeito sociológico conduz a uma reflexão a respeito da complexidade do mundo moderno, marcado pela relação entre o **eu** e o **outro**. Diante da afirmação de Hall (2015), percebe-se a notória contribuição que o convívio social traz para a formação da subjetividade dos indivíduos e da identidade cultural de uma nação. Nota-se que o sujeito sociológico se forma a partir da relação que estabelece entre o seu núcleo interior e o Outro, ou seja, as outras culturas, os outros símbolos e os sentidos alheios. Em síntese, pode-se depreender que, nesta

concepção interacionista, o sujeito se forma e se modifica por meio das relações de reciprocidade com o mundo cultural exterior.

Por seu turno, de acordo com os estudos desenvolvidos por Hall (2015), o sujeito pós-moderno pode ser:

[...] conceitualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se “uma celebração móvel” formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (HALL, 2015, p. 11 e 12, grifo do autor).

Com base na perspectiva pós-moderna de sujeito, abordada por Hall (2015), é possível chegar-se ao entendimento de que o sujeito é formado por identidades que podem ser diversificadas, contraditórias e não apenas por uma exatidão de conceitos e igualdade de características. O sujeito se compõe por várias afinidades, caracterizando-se, assim, como uma **celebração móvel**, a qual, na óptica do pesquisador jamaicano, trata-se de uma identidade em constante mudança que representa historicamente o indivíduo pelo seu convívio no meio em que vive e a absorção de componentes deste espaço social e cultural.

Dessa maneira, a noção de constituição do sujeito e da ideia que cada um tem de si, ou seja, a identidade, permite a visualização das diferentes culturas em espaços distintos, contemplando a diversidade na construção de toda a sociedade. Nas lições de Hall (2015), deve-se destacar o fato de que as identidades que por muito tempo estabilizaram o mundo perderam seu significado diante das novas identidades da sociedade moderna.

Diante dos estudos de Hall (2015), vislumbra-se que há uma fragmentação da solidez, da homogeneidade, das identidades dos sujeitos pós-modernos. Observa-se que a sociedade, por intermédio das instituições reguladoras¹⁸, começa a perder espaços e evidências de uma identidade sólida e imutável, iniciando o processo da (des)construção do sujeito e inaugurando espaço para outras reflexões e novas

¹⁸ Enquanto Stuart Hall cuida das chamadas instituições reguladoras, vale salientar a abordagem do já mencionado Michel Foucault, em obra denominada **Em defesa da sociedade**, sobre o que o filósofo denomina tecnologia reguladora. Segundo Foucault (1999), [...] a disciplina tenta reger a multiplicidade dos homens na medida em que essa multiplicidade pode e deve redundar em corpos individuais que devem ser vigiados, treinados, utilizados, eventualmente punidos (FOUCAULT, 1999, p. 289).

construções, a partir das experiências externas, na busca de uma constante formação do sujeito como um ser social e cultural.

Percebe-se que todo este processo de fragmentação identitária tem origem na influência de outros significados, que ocorre pela construção de conhecimentos a partir da relação do indivíduo e de sua cultura com o outro, onde a cultura deste outro é adquirida de forma inconsciente ou, poder-se-ia pensar que, também modificada ou propositalmente subvertida a quem isso interesse.

Dentre os constructos teóricos sobre a identidade enumerados por Hall (2015), as ideias a respeito da constituição do **sujeito sociológico** servem como base para as reflexões teóricas desenvolvidas no presente trabalho dissertativo, tendo em vista que a relação de interação entre identidades afro-brasileiras e outras que como tal não se reconhecem estabelece um campo de tensões, a julgar pelas representações historicamente atribuídas ao continente africano e aos seus habitantes, bem como aos afrodescendentes, no imaginário comum de europeus e, posteriormente, de brasileiros¹⁹. Sobre esse tema, é importante ressaltar o trabalho de Anderson Ribeiro Oliva (2005), o qual, em artigo intitulado **Os africanos entre representações: viagens reveladoras, olhares imprecisos e a invenção da África no imaginário ocidental**, afirma que:

Para ser mais claro – excluindo um seleto grupo de pessoas que observam a África a partir das noções do relativismo cultural –, nós, brasileiros, ou pessoas do Ocidente, tratamos a África de forma preconceituosa. Reproduzimos em nosso imaginário as notícias que circulam pela Mídia, e que revelam um continente marcado pelas misérias, guerras étnicas, instabilidade política, AIDS, fome e falência econômica. Ou ainda, um mundo selvagem perdido no qual a natureza primitiva assusta aos homens, ou os reúne em safáris – agora de ecoturismo – em meio a leões, girafas, hipopótamos e rinocerontes (OLIVA, 2005, p. 92).

Oliva (2005) reflete sobre a inserção desse ideário preconceituoso no que concerne à identidade africana, e conseqüentemente ao afrodescendente, no contexto educacional brasileiro, afirmando que:

¹⁹ Conforme a professora Leila Leite Hernandez (2008), em obra intitulada **A África na sala de aula**, “[...] o saber ocidental constrói uma nova consciência planetária constituída por visões de mundo, auto-imagens e estereótipos que compõem um ‘olhar imperial’ sobre o universo. Assim, o conjunto de escrituras sobre a África, em particular entre as últimas décadas do século XIX e os meados do XX, contém equívocos, pré-noções e preconceitos decorrentes, em grande parte, das lacunas do conhecimento, quando não do próprio desconhecimento sobre o continente africano” (HERNANDEZ, 2008, p. 17, grifos da autora).

As distorções, simplificações e generalizações de sua História e de suas populações, como já citamos, são comuns a várias partes e tempos do mundo ocidental e oriental. Dessa forma, se continuarmos a reproduzir leituras e falas como as citadas, é muito provável que o imaginário de nossas futuras gerações sobre a África não sofra modificações significativas. Se nossos livros didáticos continuarem a reproduzir as pinturas e imagens dos africanos escravizados, brutalizados ou massacrados pela fome e conflitos, sem uma crítica histórica mais pontual, e se não mudarmos os textos explicativos acerca da História da África e da escravidão, tal tarefa se tornará praticamente impossível de ser bem sucedida (OLIVA, 2005, p. 93).

Na perspectiva de se valorizar a ancestralidade que compõe a formação étnica brasileira, deve-se buscar o fortalecimento da representatividade sobre os africanos e os afrodescendentes nos espaços diversos de nossa sociedade e principalmente nos acervos didáticos e paradidáticos. Dessa forma, o sentimento de vínculo com a etnia africana torna-se um motivo de orgulho e respeito por parte do leitor, com todo o percurso histórico e social de resistência do negro no Brasil.

Ainda segundo Oliva (2005), pode-se observar que o processo de discriminação e de busca pela invisibilidade do negro, de sua imagem e de sua cultura nos diversos espaços da sociedade brasileira são constantes. Assim, é notório o fato de que as imagens do negro, principalmente nos livros didáticos, como figuras exóticas, com estigmas e estereótipos, que geram sentimentos de estranheza, de não pertencimento e de nenhum orgulho pelas origens afrodescendentes, continuam se repetindo no país mais de cem anos após o término do regime escravista implantado pelos colonizadores portugueses.

As imagens, portanto, que circulam nas páginas da maioria das revistas, dos livros de Literatura Infantil e didáticos apresentam o negro sem memória histórico-cultural e sem identidade. De forma geral são imagens advindas da escravidão, nas quais é visível a desconsideração com a diversidade e a formação étnica, cultural e social brasileiras.

Pode-se observar que as reflexões de Oliva (2005), apontam os diferentes aspectos de dominação da colônia e da perpetuação ideológica europeia que, pode-se observar, são vinculados aos expressivos meios de comunicação divulgadores de leituras direcionadas aos afrodescendentes de forma depreciativa (OLIVA, 2005, p. 100).

A sociedade europeia trabalhava com a concepção de superioridade em relação ao continente africano e a todas as suas africanidades, pois acreditavam que

as organizações sociais, econômicas, religiosa, além dos padrões decorrentes da experiência cultural europeia em diversos campos do conhecimento, tais como a Estética, a Religião e Filosofia, que os exploradores e colonizadores nascidos no Velho Mundo classificavam como melhores em relação as demais culturas principalmente da África.

Assim, conforme Oliva (2005),

[...] os relatos desses homens foram marcados pela convicção de que a Europa era uma civilização infinitamente superior. Isso se evidenciava pela ausência da fé cristã, trocada em África por “cultos pagãos e fetichistas”, e de Estados organizados aos moldes dos europeus, trocados em África por grupos sem lei ou chefias desorganizadas. Nem a relação dos portugueses com, o que eles mesmos denominaram Reino do Kongo, do Monomotapa e da Etiópia foi suficiente para estabelecer outra idéia do que a da inferioridade dos africanos pela ausência dos Reinos centralizados como na Europa (OLIVA, 2005, p. 98, grifo do autor).

Oliva (2005) ainda pondera que:

Esse imaginário que inferiorizava os africanos não se limitou aos olhares europeus. Em vários relatos deixados pelos viajantes árabes ou muçulmanos, que percorreram as terras do Sudão entre os séculos XI e XVI encontram-se idéias e descrições parecidas. Evidentemente não foram todos os relatos e pensadores árabes unânimes nesta postura [...] (OLIVA, 2005, p. 99).

Nesse sentido, vale retomar as considerações de Oliva (2005), pois evidenciam a segregação das culturas africanas, de suas respectivas Histórias e de suas contribuições para a formação da cultura brasileira, afastamento que parece reforçado pela mídia no Brasil. A negação e a tentativa de anular a contribuição afrodescendente para com os diferentes espaços sociais são comuns nos discursos ocidentais. Ao se referir aos livros didáticos, o estudioso em questão destaca que os mesmos reproduzem a sociedade africana maltratada e desvalorizada pelos ocidentais e questiona o fortalecimento do olhar de suposta superioridade que se volta para todo um continente.

Do ponto de vista do ordenamento atinente às diretrizes curriculares nacionais, e seus desdobramentos legais, há, como visto em linhas anteriores deste trabalho de dissertação, leis que preconizam a inclusão da temática histórica afro-brasileira e africana no currículo escolar da Educação Básica. Nesse contexto, atualmente, é possível observar-se a vigência das Leis nacionais 10.639/2003 e

11.645/2008²⁰, determinando que tais conteúdos possam fazer parte do currículo escolar vigente, ao mesmo tempo em que requisitam que a abordagem pedagógica inclua elementos referentes à cultura afro-brasileira e africana no processo de ensino-aprendizagem dos alunos, na formação de professores e nos projetos pedagógicos. Nessa perspectiva, busca-se alicerçar a instituição educativa no combate à segregação, à discriminação e ao racismo direcionado ao negro, evidenciando as manifestações histórico-culturais de origem africana (SILVA, 2009, p. 42).

Dessa forma, revela-se a intenção dos setores ligados à Educação em legitimar, destacar e fortalecer o berço cultural e social do negro em toda a sociedade. Decorridos, contudo, quinze anos da promulgação da Lei 10.639/ 2003, percebe-se que ainda há uma prática pedagógica pouco eficaz, fragmentada e pouco reconhecida nos currículos desenvolvidos em sala de aula. A prática pedagógica escolar permanece mostrando-se timidamente eficaz em criar nos alunos e nas alunas afrodescendentes os sentimentos de reconhecimento, de orgulho de suas origens e de pertencimento às mesmas.

A escola, muitas vezes, alimenta um silêncio diante da contribuição dos afrodescendentes e das africanidades para a composição da sociedade brasileira. Nessa perspectiva de limitado valor, percebe-se que os alunos afrodescendentes, na maioria das vezes, se sentem desestimulados a valorizar o seu grupo étnico de pertencimento.

Conforme os argumentos de Gomes e Pereira (2001) acima expostos, há no Brasil um quadro de identidade discursiva variado, além de embates entre discursos excludentes e excluídos, específicos no que toca à identidade afro-brasileira. Nesse cenário, discursos de valorização da identidade afro-brasileira têm-se estabelecido em diversos âmbitos, conforme demonstra o professor Édimo de Almeida Pereira (2015), no já citado artigo a que deu o título de **O não-amarelo do mundo: olhares sobre a afrodescendência na literatura infantil brasileira**.

Verifica-se, a partir das reflexões de Pereira (2015), que anteriormente à aprovação da Lei n.º 10.639/2003, as culturas africanas e a cultura afro-brasileira

²⁰ Lei n.º 11.645, de 10 março de 2008. Altera a Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei n.º 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

eram poucos visíveis e raramente abordadas no âmbito escolar e nos demais espaços da sociedade brasileira. Após a criação da mencionada Lei, progressos foram percebidos nos espaços educativos, visto que surgiu um acervo literário infantojuvenil direcionado ao desenvolvimento de uma visão crítica relacionada aos temas que contemplam o continente africano, suas culturas e sua contribuição para a formação da identidade cultural brasileira.

Considerado esse panorama, pode-se observar que, em um primeiro momento, no qual jamais se cogitaria a existência de dispositivo legal que tratasse do tema, conforme ocorre na atualidade, o livro **Menina bonita do laço de fita** (2011), de Ana Maria Machado, trouxera ao âmbito da Literatura Infantil Brasileira uma abordagem das questões relacionadas à cultura afrodescendente, formuladas ainda sob a influência de teorias que à época predominavam no país no que dizia respeito a uma mestiçagem²¹ entre as raças presentes no Brasil.

Os pesquisadores do Laboratório de Análises Econômicas, Históricas, Sociais e Estatísticas das Relações Raciais – LAESER-IE-UFRJ, Marcelo Paixão e Luiz Marcelo Carvano (2008), em artigo intitulado **Censo e demografia: a variável cor ou raça no interior dos sistemas censitários brasileiros**, afirmam que:

O termo raça dialoga primeiramente com a variabilidade dos seres humanos em termos físicos. Ou seja, a base dessa compreensão reside no fato de que os seres humanos possuem uma grande variabilidade de tipos em termos de suas respectivas aparências, especialmente quando leva-se em consideração o grau de intensidade da pigmentação de suas peles, os tipos faciais, as cores dos olhos, o formato dos cabelos e, em alguns casos, a forma corporal (altura, peso, tipo corpóreo) (PAIXÃO; CARVANO, 2008, p. 28).

Segundo os autores, o termo raça inicialmente está entendido e direcionado para que seja compreendido como sendo o aspecto físico de um grupo e sua correspondência à cultura do mesmo.

Ampliando a compreensão do termo raça, Paixão e Carvano (2008) asseveram que:

²¹ De acordo com a professora Silvina Carrizo (2010), em artigo intitulado **Mestiçagem**, mestiçagem “Trata-se de um conceito que emerge do choque com o diferente e se estabelece a partir da biologia, alargando-se na sociedade através de artimanhas discursivas e práticas políticas e, por sua vez, atinge seu clímax ao ser proclamado como categoria identitária de uma nação e/ou de um continente” (CARRIZO, 2010, p. 261).

[...] se os grandes cientistas são pessoas de pele branca e se diversos tipos de músicas originalmente desenvolvidas pelas pessoas de peles negras apresentam notória ritmicidade, isso somente poderia ser entendido como um fato ingênito a esses respectivos tipos físicos. O mesmo valeria para todos os demais papéis sociais e manifestações religiosas, artísticas e culturais tipicamente exercidos pelos demais contingentes fisicamente identificáveis (incluindo os mestiços) que, tal qual uma profecia que se auto-realiza, expressariam sua verdadeira natureza justamente na constante prática daquelas funções. Assim, uma vez que por etnia entender-se-ia o íntimo vínculo entre formas físicas e culturais; no interior das distintas etnias humanas seria identificável uma hierarquia em termos de compleição corporal e os atributos mentais, psicológicos, estéticos e morais dentro de uma escala do melhor para o pior (acompanhando os que apresentam as peles mais claras para os que apresentam as peles mais escuras). E igualmente não esgota a problemática tendo em vista que, dentro do campo de estudos das relações raciais. Às distintas formas físicas podemos identificar associações correspondentes em termos antropológicos e políticos (PAIXÃO; CARVANO, 2008, p. 29).

Nessa perspectiva, pode-se verificar a presença do discurso hegemônico quando o texto apresenta pessoas de pele branca em destaque social, econômico e profissional. E em relação aos negros “[...] músicas originalmente desenvolvidas pelas pessoas de peles negras apresentam notória ritmicidade, isso somente poderia ser entendido como um fato ingênito a esses respectivos tipos físicos” (PAIXÃO; CARVANO, 2008, p. 29).

A noção de raça, de certo modo, contribui para fortalecer as relações de hegemonia, nas quais um grupo dominante busca colocar-se em situação de superioridade em relação aos grupos dominados. Por meio de discursos forjados, esses grupos hegemônicos reforçam os padrões estéticos, religiosos, filosóficos e culturais, dentre outros, europeus e o apagamento de características que fogem a tais padrões.

Já em um contexto sociocultural contemporâneo, assinalado pela promulgação da referida Lei n.º 10.639/03, é lançada no mercado editorial brasileiro a obra **Histórias trazidas por um cavalo-marinho**, de Edimilson de Almeida Pereira (2005), a qual apresenta narrativas que permitem ao leitor a reflexão sobre certa diversidade de cores, a partir de uma proposta de contato com um universo ficcional em que o encontro com as histórias trazidas do oceano ocorre sem qualquer intolerância à diversidade cultural própria do continente africano. Pode-se, portanto, depreender desse fato que, de certo modo, o respaldo legal inserido no Brasil após o ano de 2003 contribuiu para a criação e para a prática literária infantil e

infantojuvenil direcionadas para a valorização das culturas africanas e da cultura afro-brasileira.

Neste contexto, tomando em consideração a importância da literatura para crianças e para jovens, remonta-se ao nome da pesquisadora Nelly Novaes Coelho (2000), que, em obra intitulada **Literatura Infantil**, traz contribuições relevantes para este trabalho de dissertação, ao afirmar que:

A Literatura, e em especial a infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em transformação: a de servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola (COELHO, 2000, p.15).

Mais adiante, a teórica em questão acrescenta que a literatura infantil:

[...] é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização... [...] é uma linguagem específica que, como toda linguagem, expressa uma determinada experiência humana, e dificilmente poderá, ser definida com exatidão (COELHO, 2000, p. 27).

A ensaísta, crítica literária e professora em questão classifica a literatura para a vida humana como arte, criatividade e elemento motivador do imaginário, sendo capaz de transformar e formar leitores. Segundo Coelho (2000), “É ao livro, à palavra escrita que atribuímos a maior responsabilidade na formação da consciência de mundo das crianças e dos jovens” (COELHO, 2000, p.15).

Mediante esta afirmação, pode-se perceber que a literatura é, sim, uma fonte para a abordagem de temas contemporâneos tais como a cultura afro-brasileira e as culturas africanas.

Por sua vez, a professora Fúlvia Rosemberg, na obra **Literatura infantil e ideologia** (1985), estabelece uma reflexão a respeito da contribuição da literatura infantojuvenil para a abordagem de temas modernos e pouco compreendidos. De acordo com a mencionada teórica:

O livro infanto-juvenil ensina e ensina muito. A sua postura aberta e declaradamente didática se faz sentir na temática escolhida, na estrutura narrativa, na própria transmissão de princípios morais e de douras informações, ou ainda na eleição de personagens modelares. A temática escolhida gira, muito frequentemente, em torno de um princípio, as histórias assumindo a função de código de ética, normatizando todos os aspectos da vida (ROSEMBERG, 1985, p. 59).

A partir da explanação de Rosemberg (1985), é possível verificar que a literatura não é apenas leitura e audição de histórias, mas, sim, um recurso que também torna o leitor e o ouvinte letrados, pois elenca informações, críticas e informações histórico-culturais que fornece conhecimentos relevantes. No Brasil, por exemplo, a partir do século XIX, surgiram textos infantis com tradução e adaptação de obras europeias destacando-se as obras portuguesas.

Além das mencionadas teóricas, outros pesquisadores dedicaram suas pesquisas à literatura infantil e ao percurso histórico da mesma no mundo. Entre eles estão Edgar Roberto Kirchof; Lara Tatiana Bonin (2016), segundo os quais, na obra intitulada **Literatura infantil e pedagogia: tendências e enfoques na produção acadêmica contemporânea**, os primeiros livros destinados a crianças surgiram,

[...] no contexto da ascensão da burguesia, na Europa, e estavam repletos de intenções morais e pedagógicas explícitas, pois eram produzidos com o intuito de constituir cidadãos devidamente alfabetizados e alinhados com as necessidades e as visões de mundo daquela sociedade. Para atingir tais objetivos, alguns autores da época mesclavam histórias e poemas a lições destinadas a ensinar leitura e escrita, incluindo abecedários, além de regras de comportamento e moral (KIRCHOF; BONIN, 2016, p.24).

Considerando-se, entretanto, a detecção de um extravasamento da literatura voltada para a infância em relação ao seu caráter meramente pedagógico, Kirchof; Bonin (2016) acrescentam que mais recentemente:

No lugar de informações utilitárias, conhecimentos escolares e valores morais explícitos, autores contemporâneos têm valorizado a qualidade literária e o lúdico, que podem se manifestar tanto por meio das temáticas abordadas quanto da liberdade para experimentações com o significativo linguístico. Têm se tornado cada vez mais comuns projetos intersemióticos ousados, ligando ilustração/imagens e texto linguístico de modo tão integrado que se chega frequentemente a uma linguagem híbrida. Além disso, questões densas e existenciais como a morte e a velhice, entre outras, também são apresentadas na perspectiva infantil, evitando-se respostas fáceis e enredos óbvios (KIRCHOF; BONIN, 2016, p. 25).

Assim como demonstrado nas considerações de Kirchof e Bonin (2016) a respeito dos primeiros exemplares literários direcionados ao público infantil, muitos dos textos atuais ainda contemplam temas de interesse do adulto. Com predomínio socioeconômico da cultura europeia, distante da maioria das crianças, muitas das tramas dos textos literários ainda se mostram normalmente distantes da realidade étnica, sociocultural e econômica da maioria das crianças brasileiras.

As estudiosas Regina Zilberman e Marisa Lajolo (1993), em obra a que deram o título de **Literatura Infantil Brasileira: História e histórias**, apresentam uma reflexão acerca da abordagem sobre a escola como “a destinatária prevista para estes livros, que nela circulam como leitura subsidiária ou como prêmio para os melhores alunos” (ZILBERMAN; LAJOLO, 1993, p.19).

Conforme Kirchov e Bonin (2016), contudo, no início do século XX, surgem neste contexto diversos autores brasileiros que dedicaram seus escritos ao público infantil, orientados pela visão de que os escritos poéticos podem se tornar um instrumento pedagógico valioso para a construção do ensino-aprendizagem, destacando-se, como exemplo, a obra de escritores como Olavo Bilac, Viriato Correa, Manuel Bonfim, Júlia Lopes de Almeida, Adelina Lopes Vieira e outros.

No tocante às reflexões sobre a literatura e seu caráter pedagógico, vale remontar ao pensamento do professor e pesquisador Édimo de Almeida Pereira (2015) que, no já mencionado artigo intitulado **O não-amarelo do mundo: olhares sobre a afrodescendência na literatura infantil brasileira**, preleciona que:

[...] a leitura e a Literatura – inclusive a Literatura infantil – marcam seu ingresso no espaço escolar, através de um processo que os teóricos têm denominado escolarização da leitura, gerando – como consequência da prática reiterada de velhos equívocos – a formação de indivíduos avessos ao ato de ler e absolutamente arredios ao menor contato com textos de natureza literária (PEREIRA, 2015, p. 6).

Diante dos apontamentos de Pereira (2015), pode-se entender que a escolarização que era vivenciada nos espaços escolares e problematizada nas pesquisas do teórico em questão conduz o leitor à “submissão da leitura a toda uma agenda acadêmica que se mostra capacitada a promover o engessamento do ato de leitura entre regras” (PEREIRA, 2015, p. 6).

A professora mineira e estudiosa da Educação Básica, Magda Soares (2001) faz considerações afirmando que:

[...] o processo de escolarização é, em geral, tomado em sentido pejorativo, depreciativo, quando utilizado em relação a conhecimentos, saberes, produções culturais; não há conotação pejorativa em “escolarização da criança”, em “criança escolarizada”, ao contrário, há uma conotação positiva; mas há conotação pejorativa em “escolarização do conhecimento”, ou “da arte”, ou “da literatura”, como há conotação pejorativa nas expressões adjetivadas “conhecimento escolarizado”, “arte escolarizada”, “literatura escolarizada”. No entanto, em tese, não é correta ou justa a

atribuição dessa conotação aos termos “escolarização” e “escolarizado”, nessas expressões (SOARES, 2001, p. 20, grifos da autora).

Não se pode ignorar o fato de que a abordagem e a dinâmica lúdica da Literatura Infantil, por meio de uma prática pedagógica que oferece fascinação e encantamento para o ouvinte e leitor, funcionam como elementos de facilitação e viabilização da evolução do processo cognitivo infantil.

De acordo com Pereira (2015), é possível, entretanto, verificar que a leitura de textos literários, em muitos casos, está vinculada à prática pedagógica como recurso auxiliar no processo de alfabetização e de desenvolvimento das habilidades de escrita. Nesse expediente, muitas práticas pedagógicas visam a escolarizar a criança utilizando-se da literatura, porém minimizando o prazer e a importância do ato de leitura. Em contraponto a essas práticas, o ideal, segundo Pereira (2015), é que devessem:

[...] receber o devido preparo, a fim de se tornarem autonomamente capacitados a reconhecer nos textos literários não só a verdadeira instância de obtenção de formação e de informação, mas, também, o espaço de lazer, de desenvolvimento individual e de ampliação do conhecimento acerca do amplo universo cultural humano (PEREIRA, 2015, p. 7).

Justamente por se constituir como espaço de lazer e de desenvolvimento individual, enquanto meio de ampliação do universo cultural, é que se verifica na Literatura Infantil o potencial de utilização como veículo para a abordagem de elementos diversos, destacando-se aspectos histórico-culturais humanos relativos aos mais diversos contextos. Pode-se, dessa maneira, observar que os textos literários devem servir de veículo para a divulgação de informações, propositura e ampliação de discussões em torno de temas atuais e importantes de forma emancipadora, sem embargo de que tais procedimentos venham junto ao prazer e ao encantamento pela leitura.

O filósofo e crítico literário alemão Walter Benedix Schönflies Benjamin (2009), em sua obra intitulada **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**, escreve sobre o colecionador de livros, Karl Hobrecker, lembrando que, em seus primórdios,

[...] os livros infantis antigos eram usados como papel de embrulho. Ele [Karl Hobrecker] foi o primeiro a abrir-lhes um asilo, onde estivessem a salvo, por um certo tempo, da máquina de triturar papel.

[...]

Ele [Karl Hobrecker] não almeja o reconhecimento de seu trabalho, mas sim a participação do leitor na beleza descortinada pela sua obra. Todo o aparato erudito, em especial um apêndice bibliográfico com cerca de duzentos dos mais importantes títulos, constitui acessório que, embora bem-vindo ao colecionador, não aborrece o leigo. O livro infantil alemão – assim o autor nos introduz em sua história – nasceu com o Iluminismo. Com sua forma de educação, os filantropos colocavam à prova o imenso programa de formação humanista. Se o homem era piedoso, bondoso e sociável por natureza, então deveria ser possível fazer da criança, ser natural por excelência, o homem mais piedoso, mais bondoso e mais sociável. E como em toda pedagogia teoricamente fundamentada a técnica da influência objetiva só é descoberta mais tarde e aquelas advertências problemáticas constituem o início da educação, assim também o livro infantil, nos primeiros decênios, torna-se moralista, edificante e varia o catecismo, junto com a exegese, no sentido de deísmo²² (BENJAMIN, 2009, p. 55).

Observa-se que, a partir dessas premissas, Benjamin (2009) sugere a importância da experiência adquirida pela criança a partir do conhecimento do adulto, sendo a literatura um veículo de influência para a aquisição dos conceitos. Nesse sentido, “A criança exige do adulto uma representação clara e compreensível, mas não ‘infantil’. Muito menos aquilo que o adulto costuma considerar como tal” (BENJAMIN, 2009, p. 55, grifos do autor).

Walter Benjamin (2009) reflete sobre a relação da criança com o brincar e com a educação. O teórico aponta uma distinção entre a narração das experiências pela criança que busca o contexto para si de forma intensa sempre com a repetição e retorno dos fatos, em uma relação contínua com o conhecimento dos mais experientes. O adulto, ao narrar sua experiência, liberta-se da quantidade de informações que, por muitas vezes, o incomodam, sem necessidade de repetição, ao passo que “A criança volta a criar para si todo o fato vivido, começa mais uma vez do início. Talvez resida aqui a mais profunda raiz para o sentido nos ‘jogos’ alemães: repetir o mesmo seria o elemento verdadeiramente comum” (BENJAMIN, 2009, p. 101-102, grifos do autor). E conclui que: A essência do brincar não é um ‘fazer como se’, mas um ‘fazer sempre de novo’, transformação da experiência mais comovente em hábito (BENJAMIN, 2009, p. 102, grifos do autor).

Considerada essa diferença de visões de crianças e adultos sobre a narrativa de um fato, ressalta-se que Zilberman e Lajolo (1993) apontam que a criação da

²² O deísmo é uma doutrina inglesa surgida no final do século XVIII, considerada uma expressão filosófica e religiosa que aceita a ação divina na criação do mundo. Percebida a partir do conhecimento das leis que regem a vida e a natureza. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/religião/deismo/>>. Acesso em: 16 jul. 2018.

escrita no âmbito da Literatura Infantil, muitas vezes, pode ser direcionada ao interesse do autor, um adulto, quando afirmam que:

[...] o escritor, invariavelmente um adulto, transmite a seu leitor um projeto para a realidade histórica, buscando a adesão afetiva e/ou intelectual daquele. Em vista desse aspecto, a literatura para crianças pode ser escapista, dando vazão à representação de um ambiente perfeito e, por decorrência, distante. Porém, pela mesma razão, poucos gêneros deixam tão evidente a natureza utópica da arte literária que, de vários modos, expõe, em geral, um projeto para a realidade, em vez de apenas documentá-la fotograficamente (ZILBERMAN; LAJOLO, 1993, p.18).

Percebe-se, portanto, que a Literatura Infantil pode estar vinculada ao interesse ideológico do autor adulto, o qual pode expor um contexto alheio ou distante da realidade, ou ainda, de forma lúdica, expor uma realidade sem apenas retratá-la de forma direta e crua. É importante, portanto, que a abordagem literária pueril corresponda ao imaginário e à simbologia do universo de seu destinatário, refletindo a realidade e a interpretação do ponto de vista da criança, próximo à fantasia e à emoção, respeitada a sensibilidade que ela possui.

Benjamin (2009) apresenta uma importante contribuição acerca da percepção infantil sobre os textos direcionados à criança. O crítico literário adverte que

[...] já que a criança possui senso aguçado mesmo para uma seriedade distante e grave, contanto que esta venha sincera e diretamente do coração, muita coisa se poderia dizer a respeito daqueles textos antigos e fora de moda. Ao lado da cartilha e do catecismo, também a enciclopédia ilustrada, o vocabulário ilustrado, ou como se queira chamar o *Orbis pictus* de Amos Comenius, encontra-se nas origens do livro infantil (BENJAMIN, 2009, p. 101, grifos do autor).

Observa-se que Benjamin (2009) toma em consideração o olhar complexo, sutil e atento das crianças sobre o mundo, textos e livros, direcionados a elas. Pois nem sempre o que o adulto julga ser o mais adequado e interessante para as crianças vem a agradar este público distinto. Percebe-se, como visto anteriormente, que as experiências adquiridas pelas crianças ocorrem em função da continuidade, da repetição de narrativas verbais e corporais.

O filósofo em questão apresenta uma reflexão sobre as especificidades da percepção infantil em relação à literatura e ao livro infantil ao mencionar a obra de Karl Hobrecker²³, afirmando que:

A quem não se deixe sensibilizar pela pessoa amável e refinada do autor, a quem ainda o livro nada diga em nenhuma de suas páginas, que a este baste então a simples consideração: descobrir esse campo de atividade para o colecionador – o livro infantil – só é possível a quem se tenha mantido fiel à alegria que ele desperta na criança (BENJAMIN, 2009, p. 54).

O estudo benjaminiano, de certo modo, levanta reflexões acerca das práticas pedagógicas construídas nos espaços e para os espaços educacionais contemporâneos, nos quais as possibilidades de vivências reais, ação e reflexão por parte das crianças devem conduzi-las para o constante crescimento e desenvolvimento.

Neste sentido, considerada a necessidade de inserção dos conteúdos voltados para o conhecimento e a vivência de experiências relacionadas às africanidades, no âmbito escolar, Pereira (2015), assevera que no que concerne à questão da submissão do ensino da Literatura à ordem da alfabetização e da transmissão de conteúdos, pode-se perceber que,

[...] de modo a dar conta das exigências preceituadas pelas Leis n.º 10.639/2003 e n.º 11.645/2008, com os efeitos modificativos na Lei n.º 9.394/1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB) anteriormente expostos, ocorreu um crescente aumento de publicações destinadas ao público infantil e juvenil, nas quais a temática africana e afro-brasileira tem encontrado lugar (PEREIRA, 2015, p. 9).

Segundo assertiva de Pereira (2015) em relação ao mercado editorial e à profusão de textos literários infantojuvenis que versam atualmente sobre as mais diversas áreas do conhecimento que nele se apresentam, verifica-se uma crescente inserção da temática étnica e cultural neste universo, o que torna relevante a participação do professor no sentido de trabalhar o contexto étnico e histórico-cultural africano e afro-brasileiro, para atendimento aos ditames da Lei 10.639/2003, de uma maneira que seja capaz de preservar o encanto do leitor pela leitura.

²³ Karl Hobrecker, *Alte vergessene Kinderbücher* [Livros infantis velhos e esquecidos]. Berlim, Mauritius, 1924, 160 p.

Mediante esse panorama, Pereira (2015) acrescenta que existe “o desafio da premente necessidade de treinamento do olhar do educador para o texto que se vai selecionar” com a finalidade de atendimento ao mister de estudo das culturas africanas e da cultura afro-brasileira, considerando-se que, por vezes, muitas obras ainda acabam incorrendo em uma “repetição de velhos padrões de exclusão e de reificação do africano e do afrodescendente”, instaurando a necessidade de um debate “quanto aos reais motivos que norteiam a manutenção dessa repetição [...]” (PEREIRA, 2015, p. 9).

Nesse contexto, é importante ressaltar o pensamento de Pereira (2015) sobre as questões étnicas abordadas nos textos de literatura infantil no sentido de que

[...] a escolha de uma obra literária infantil com vistas a apresentar aos pequenos leitores aspectos da temática delineada pelas Leis n.º 10.639/2003 e n.º 11.645/2008 não deveria se dar com o objetivo de conduzir o leitor à ideia de que terá uma informação científica do que seja a História da África e das culturas africanas, bem como do que seja a História e a cultura afro-brasileira, visto que tal material, por tratar-se de texto de natureza literária, constituiu-se a partir da ficção engendrada pelos diversos autores (PEREIRA, 2015, p.10).

A obrigatoriedade da inserção das culturas africanas e afro-brasileira no currículo da educação básica busca ampliar o conjunto de informações e promover um ensino e aprendizagem coerente com o contexto étnico, histórico-cultural do país no qual os colegiais têm sua origem. Dessa maneira, as matrizes étnicas existentes na formação da população brasileira devem constituir a temática central para o ensino-aprendizagem, em contraponto ao padrão europeizado e europeizante da produção literária destinada a crianças e a jovens, que historicamente tem feito parte da formação de leitores em nosso país.

Em seguimento a essa linha de considerações, vale a pena mencionar o pensamento do crítico de literatura Antonio Candido (2000), o qual, na obra **Literatura e sociedade**, em capítulo intitulado **Estímulos da criação literária**, ao refletir sobre o ponto de vista preponderante tanto nos estudos sociais quanto nos filosóficos, remonta não apenas o que podem ser depreendido das questões étnico-culturais, mas também àquelas atinentes ao mundo da criança. Nesse sentido, Candido (2000) ressalta que:

O ponto de vista preponderante nos estudos filosóficos e sociais quase até os nossos dias foi, para usar uma expressão corriqueira, o do adulto,

branco, civilizado, que reduz à sua própria realidade a realidade dos outros. O mundo das crianças, por exemplo, ou o dos povos estranhos – sobretudo os chamados primitivos – era passado por este crivo deformante. Quando lembramos que Rousseau discerniu há mais de duzentos anos que o menino não é um adulto em miniatura, mas um ser com problemas peculiares, devendo o adulto esforçar-se por compreendê-lo em função de tais problemas, não dos seus próprios; e que, no entanto, depois de dois séculos a maioria dos brancos, civilizados, continua a tratar os seus filhos e alunos como se esta verdade não estivesse consagrada pelos teóricos e pela observação de todo dia – quando pensamos nisso podemos, comparativamente, avaliar a força da chamada ilusão antropocêntrica (CANDIDO, 2000, p. 37).

No Brasil, há tempos, chegara um modelo de Literatura Infantil europeu que se estendia ao processo educativo, e doutrinas que viam no texto infantil e na escola colaboradores importantes para a formação dos sujeitos. Esse fenômeno, que começou a ser mais sistematicamente desenvolvido entre nós a partir da República, nasceu na Europa, onde apareceram várias obras destinadas aos jovens leitores (LAJOLO; ZILBERMAN, 1993, p. 30). Nessa concepção, observa-se desde já a ausência e até mesmo a negação da participação e presença das culturas africanas e afro-brasileira no contexto sociocultural do país.

Lajolo e Zilberman (1993) afirmam que durante o século XVIII, a vivência da infância e de tudo aquilo pertencente ao contexto da criança só poderiam ocorrer no espaço familiar. Ao surgir a Revolução Industrial, os infantes passam a ser vistos pela indústria e se tornam consumidores dos produtos industrializados. A criança passa a deter um novo papel na sociedade, motivando o aparecimento de objetos industrializados (o brinquedo) e culturais (o livro) ou novos ramos da ciência (psicologia infantil, pedagogia ou a pediatria) de que ela é destinatária (LAJOLO; ZILBERMAN, 1993, p. 17).

A Literatura Infantil é também um importante instrumento para viabilizar diálogos com as crianças acerca de temas contemporâneos e complexos assim como as relações de gênero e sexualidades. Assim sendo, as histórias infantis concedem espaço para discussões temáticas, transcendendo, muitas vezes, do campo das histórias fictícias para o das situações reais, facultando aos pequenos e jovens leitores a construção da própria identidade e a elaboração de considerações sobre velhos e determinados estigmas, de modo a alcançarem o rompimento de preconceitos ainda existentes na sociedade.

A professora e estudiosa da literatura infantil, Fanny Abramovich (1991), tece valiosas reflexões acerca da literatura como objeto de informação para seus leitores. Conforme a mencionada teórica:

[...] não se trata de livros didáticos, de não-ficção, onde se disserta, se dá explicação objetiva, seca, dura... Não é a demonstração dum teorema (a vida não é bem assim...) nem a explanação dum fenômeno científico distante, que acontece num laboratório de ciências e onde se busca provar algo que não está exigindo nenhuma emoção ou envolvimento pessoal...

[...]

Estamos falando de literatura, de ficção, de histórias, onde se aborda um – ou vários problemas – que a criança pode estar atravessando ou pelo qual pode estar se interessando... De uma leitura que não é óbvia, discursiva ou demonstrativa do tal tema... Onde ele flui natural e límpido, dentro da narrativa – que evidentemente não trará apenas disso (ABRAMOVICH, 1991, p. 99).

As reflexões sobre a Literatura Infantil apresentadas por Abramovich (1991) podem ser consideradas como uma chamada para que se possa proceder a uma abordagem transdisciplinar de temáticas cotidianas presentes na vida das crianças e por meio da sutileza e da experiência com a literatura.

A professora, ainda disserta sobre a importância de se trazer para a literatura temas significativos, verdadeiros, contemporâneos e com discussões atuais para não se fazer uma abordagem textual “[...] de modo antigo, mofado, boboca.” (ABRAMOVICH, 1991, p. 100).

A pesquisadora, professora e especialista em Educação, Thuinie Medeiros Vilela Daros (2013), no texto **Problematizando os gêneros e as sexualidades através da literatura infantil**, menciona as sensações que podem estar presentes na vida das crianças e que, muitas vezes, são deflagradas a partir do contato com os textos literários, oportunizando significativas atividades de ensino-aprendizagem nos espaços escolares. Pode-se afirmar, inclusive, que o mesmo ocorre também nos espaços extraescolares, e assim retomar-se a argumentação da teórica em questão, para quem:

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve – com toda amplitude, significância e *fanny* que cada uma delas faz (ou não) brotar... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário (DAROS, 2013, p.179, grifos do autor).

Ao ouvir, ao ler uma história, ao conhecer os personagens e toda a trama, a criança pode refletir sobre as informações que apropriou em relação a determinadas situações, sentimentos, experiências sociais e familiares contidas na narrativa. Face às temáticas contemporâneas e às curiosidades demonstradas pelas crianças em relação a temas como gênero, sexualidade e composição familiar, cabe aos adultos – pais ou responsáveis, professores, etc. – manterem-se atentos para fazer as necessárias intervenções, capazes de satisfazerem aos questionamentos dos pequenos, valendo-se de recursos que estejam próximos e que sejam de interesse das crianças. Nessa perspectiva, considerando-se o caso do professor, sendo este um conhecedor da significativa relação entre a literatura infantil e infantojuvenil com a prática pedagógica, cabe-lhe utilizar textos literários que despertem o imaginário e o encantamento do pequeno e do jovem leitor, na abordagem de assuntos tão substanciais e delicados.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (1997), no que concerne à Pluralidade cultural e Orientação Sexual, estabelecem diferentes formas de inclusão de meninos e meninas nos espaços educativos. Dessa maneira:

No primeiro ciclo, geralmente ocorre o agrupamento espontâneo das crianças por sexo, sendo mais dificultado o relacionamento entre meninos e meninas. Esse movimento pode e deve ser respeitado, desde que não implique a desvalorização do outro. Trata-se de um movimento que se relaciona com a construção da identidade de cada criança [...]. Já no segundo ciclo costuma haver, espontaneamente também, uma aproximação entre eles, revelando-se mais claramente a curiosidade pelas diferenças. Essa aproximação não se dá sem conflitos, medos e por vezes agressões de diferentes intensidades. Muitas vezes o professor é chamado a intervir nesses conflitos ao mesmo tempo em que pode propor situações de trabalho em conjunto como estratégia de facilitação das relações entre meninos e meninas (PCN, 1997, p.144).

De acordo com os PCN (1997), as questões de gênero nas instituições escolares ainda geram conflitos e demandam a intervenção do professor, o que torna conveniente a mediação de debates, por meio dos quais as crianças manifestem suas emoções e posicionamentos. Através desse expediente, busca-se, então, a realização de discussões que privilegiem o respeito à individualidade de cada sujeito, viabilizando-se um ensino-aprendizagem de qualidade e emancipador. Para complementar o diálogo em torno da literatura para crianças e sua significativa contribuição para o debate de temas voltados para as questões sociais, étnicas, culturais, de gênero, entre outras, no livro intitulado **O mundo da criança**: a

construção do infantil na Literatura Brasileira (2004), a professora Maria Cristina Soares de Gouvêa (2004) apresenta um olhar diferenciado para a criança no século XX, destacando a Literatura Infantil. A pesquisadora afirma que:

O século XX foi insistentemente proclamado e celebrado como o “século da criança”. É inegável a centralidade que a infância assumiu na cultura contemporânea, a ela sendo direcionado todo um mercado de bens simbólicos alicerçados na idéia da sua singularidade e distinção em relação ao adulto (GOUVEA, 2004, p. 81, grifo da autora).

Neste âmbito de valorização da criança, foi necessário fortalecer uma literatura que encante os indivíduos nesta faixa etária, buscando informar, formar e ampliar seus conhecimentos por meio dos livros infantis. Gouvêa (2004) acrescenta que:

No Brasil, é a partir das décadas de 20 e 30 do século XX, em consonância com o processo de modernização social, que a produção literária destinada à criança foi afirmada. A urbanização crescente, a exigir uma população identificada com os códigos citadinos, em que as práticas sociais de leitura se faziam necessárias, as reformas de ensino que tinham como um de seus pressupostos o desenvolvimento na criança do gosto pela leitura, a afirmação de uma família burguesa centrada nos cuidados à infância, em termos gerais, tornaram possível a consolidação de uma literatura voltada para o leitor infantil (GOUVEA, 2004, p. 82).

Enfim, frente a esse quadro de inúmeras possibilidades constituído pela literatura infantil e infantojuvenil, que também se abre para a reconstrução de uma identidade afro-brasileira, considerando o contexto de aplicação da Lei n.º 10.639, tem-se verificado a utilização do discurso literário de maneiras diferenciadas por parte dos mais diversos escritores para o alcance de tal objetivo. Nesse sentido, o presente trabalho de dissertação aqui desenvolvido procura destacar as obras de Ana Maria Machado e de Edimilson de Almeida Pereira, o que passa a ser desenvolvido nas subseções seguintes.

3.1 ANA MARIA MACHADO: notas sobre a autora

A literatura, e em especial a infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em transformação: a de servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola.

Nelly Novaes Coelho

De acordo com a pesquisadora, crítica literária, autora de literatura juvenil e professora universitária Marisa Lajolo (1983), na obra a que deu o título de **Ana Maria Machado**: seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico e exercícios, Ana Maria Machado foi uma menina de infância feliz, criada no meio das fantasias e dos encantos das letras, apresentadas e contadas em forma de histórias por seus avós, Ceciliano e Rita, e por amigos. As longas temporadas de férias eram vividas no cenário principal da praia de Manguinhos no Espírito Santo. Motivada por todos estes elementos, Machado foi revelada e reconhecida como **a grande fada** das palavras, percorrendo um longo e significativo caminho na literatura infantil, não somente a brasileira, mas a mundial.

A escritora nasceu em Santa Teresa, Rio de Janeiro, no dia 24 de dezembro de 1941. Professora, jornalista, pintora, escritora, romancista e tradutora, foi casada com o músico Lourenço Baeta, do quarteto Boca Livre, tendo o casal uma filha. Do casamento anterior com o médico Álvaro Machado, a escritora teve dois filhos.

Ana Maria Machado estudou no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e no *MoMa* de Nova York, tendo participado de salões e exposições individuais e coletivas no país e no exterior, enquanto fazia o curso de Letras (após haver desistido do curso de Geografia). Formou-se em Letras neolatinas, em 1964, na então Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, e fez estudos de pós-graduação na Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Atuou como professora na Faculdade de Letras desta universidade, lecionando a disciplina Literatura Brasileira e Teoria Literária, e na Escola de Comunicação, também da mesma instituição, bem como na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio, responsabilizando-se por ministrar a disciplina Literatura Brasileira. Além disso, Ana Maria Machado exerceu a docência nos colégios Santo Inácio e Princesa Isabel, no Rio, e no Curso Alfa de preparação para o Instituto Rio Branco. Também

lecionou língua portuguesa em Paris, na Sorbonne e na Universidade de Berkeley, Califórnia – onde já havia sido escritora residente.

Em meio à Ditadura Militar, Machado sentiu todas as consequências de uma ruptura com sua terra de origem e viu-se obrigada a sair do Brasil na tentativa de escapar da conjuntura política e imparcial que se apresentava no país. No final de 1972, voltou ao Brasil e deu continuidade à sua carreira de jornalista. Em 1977, a escritora começa a transformar seus textos em livros de literatura infantil, como **Bento que bento é o frade** (1977), e no ano seguinte recebe o prêmio João de Barro pelo livro **História meio ao contrário** (1978), o primeiro de vários outros prêmios de sua carreira. Em 1979, ao constatar a grande dificuldade em encontrar livros específicos para crianças, Ana Maria Machado revela ter chegado à ideia de organizar e inaugurar, no Rio de Janeiro, a livraria Malasartes, especializada para este público.

Em agosto de 2003, a autora tomou posse na Academia Brasileira de Letras (ABL), onde ocupa a cadeira número 1. É também membro do Prêmio Literário Nacional – PEN Clube do Brasil e do Seminário de Literatura da Universidade de Cambridge, na Inglaterra, do Conselho Consultivo do *Brazil Institute do King's College em Londres*, do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social da Presidência da República. Recebeu a Ordem do Mérito Cultural, no grau de Grão-Mestre, a Medalha Tiradentes, a Grande Ordem Cultural da Colômbia, e a Medalha Tamandaré.

O percurso literário de Ana Maria Machado é composto por mais de uma centena de livros para crianças e adultos, publicados em vários países. O primeiro livro publicado pela escritora foi **Recado do nome** (1976).

3.2 O CONTO A MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA

Espera-se que a criança vivencie as diferentes fases da vida em harmonia com a cultura [...]

Ivonete Sueli Segala Pereira

O conto **Menina bonita do laço de fita** foi publicado pela primeira vez em 1986 pela Editora Melhoramentos e, posteriormente, veio a público até a nona edição por editoras diversas. É uma das obras mais premiadas de Ana Maria

Machado (2011), cuja narrativa perpassa a temática de valorização da identidade afrodescendente, em razão das características dos protagonistas.

Ao iniciar o conto **Menina bonita do laço de fita** com a conhecida frase Era uma vez..., Machado (2011), por meio de uma linguagem descomplicada, prende a atenção do leitor de modo a inseri-lo no campo de reflexão sobre a diferença e a beleza inscritas na pele de uma menina negra.

Acerca da natureza da linguagem empregada nos textos de literatura para crianças, a pedagoga Bruna Daniella Souza Mattos (2009), em Trabalho de Conclusão de Curso pela Universidade Estadual de Londrina, intitulado **A literatura infantil contemporânea e a contação de histórias**, tomando em consideração a forma como as histórias infantis normalmente são finalizadas, afirma que essa atividade demanda:

[...]findar as fórmulas são várias e raro será o narrador que as esqueça. Pode parecer mesmo um retoque pessoal sugestivo. É o requinte da técnica o saber “fechar bem” uma história. Ao contar uma história este deve pensar sempre para quem será destinada está história, sendo importante usar um vocabulário e um livro que seja compatível ao público destinado (MATTOS, 2009, p. 20, grifo da autora).

O emprego de um encerramento bem elaborado às histórias e contos, aguça a curiosidade dos leitores e ouvintes, além de cativar a atenção para a narrativa que está sendo apresentada. Seguindo esses parâmetros de linguagem, Machado (2011) descreve a protagonista como:

[...] uma menina linda, linda. Os olhos dela pareciam duas azeitonas pretas, daquelas bem brilhantes. Os cabelos eram enroladinhos e bem negros, feito fiapos da noite. A pele era escura e lustrosa, que nem pelo da pantera-negra quando pula na chuva [...] parecendo uma princesa das Terras da África, ou uma fada do Reino do Luar (MACHADO, 2011, p. 3).

Enunciados como “[...] Ela ficava parecendo uma princesa das Terras da África, ou uma fada do Reino do Luar” (MACHADO, 2011, p.4) são perfeitamente capazes de deflagrar em um leitor mais atento toda uma reflexão em torno da valorização identitária do negro, em uma sociedade que, historicamente, vivencia com frequência enredos com protagonistas e princesas de etnia branca.

A narrativa contém outro protagonista, que vem a ser um coelho antagonicamente branco, de orelha cor-de-rosa, olhos vermelhos e focinho nervoso,

personagem que admirava a beleza da menina e desejava ter uma filha com as mesmas características dela, ou seja, uma filha linda e pretinha (MACHADO, 2011, p. 7).

Em busca de informações com a finalidade de obter para si a cor negra que passa a desejar, o coelho faz várias indagações à menina, as quais se resumem em uma única pergunta basilar a respeito de qual o segredo haveria em ser a menina bonita do laço de fita tão pretinha.

Por desconhecer a causa, a menina elabora e apresenta ao coelho diversas hipóteses, até que a mãe, que era uma mulata linda e risonha, intervém na conversa e recorda serem “Artes de uma avó preta que ela tinha... E se ele queria ter uma filha pretinha e linda que nem a menina, tinha era que procurar uma coelha preta para casar” (MACHADO, 2011, p.15).

Mediante a resposta oferecida pela mãe da menina, o coelho conclui que gente se parece sempre com os pais, os tios, os avós e até com os parentes tortos. Seria necessário, portanto, encontrar uma coelha escura como a noite. Tal encontro ocorre e coelho e coelha namoraram, casaram-se e tiveram uma ninhada de filhotes de variadas cores: [...] branco, branco meio cinza, branco malhado de preto, preto malhado de branco. E uma coelha bem pretinha – que se torna afilhada da menina e também passa a ser questionada por que é tão pretinha (MACHADO, 2011, p. 18-21).

Vale chamar a atenção para o fato de que Machado (2011), em **Menina bonita do laço de fita**, retrata, na condição de uma personagem afrodescendente, fato pouco comum na literatura infantil brasileira da época em que a escritora lançou a primeira edição do referido conto, ou seja, 1984.

Dessa maneira, ao apresentar como personagem uma menina que gera a admiração alheia por sua beleza negra, o narrador sugere ao leitor que observe outros padrões estéticos existentes, muitas vezes esquecidos, diante dos modelos étnico-excludentes há muito engendrados na sociedade brasileira, na qual ainda se reconhece como padrão de beleza aquilo que está associado à tez branca, aos cabelos loiros e aos olhos azuis.

3.3 EDIMILSON DE ALMEIDA PEREIRA: notas sobre o autor

Menino, vem brincar de mar!
Ó mar, vem brincar com esse menino!

Edimilson de Almeida Pereira

Edimilson de Almeida Pereira nasceu no dia 18 de julho de 1963, em Juiz de Fora/Minas Gerais. Obtém graduação em Letras Vernáculas pela Universidade Federal de Juiz de Fora (1985), mesmo ano em que publica **Dormundo**, seu primeiro livro de poesia. Edimilson é ainda Mestre em Literatura Portuguesa (Letras Vernáculas) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1990), Mestre em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora (1996), Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2000) com Pós-doutorado em Literatura Comparada (2002) pela Universidade de Zurique.

O escritor trabalha como professor titular da Faculdade de Letras, na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), tendo experiência na área de Antropologia, com ênfase em Cultura e Identidade, atuando principalmente nos temas: Literatura Brasileira poesia, cultura afro-brasileira imagens/identidades, cultura popular tradição modernidade, literatura juvenil e infanto-juvenil.

Segundo consta da homepage do Portal da Literatura Afro-brasileira – LITERAFRO²⁴, Edimilson de Almeida Pereira é poeta, ensaísta, professor e pesquisador da cultura e da religiosidade afro-brasileiras. Nasceu em 18 de julho de 1963, em Juiz de Fora (MG). Graduou-se em Letras pela UFJF em 1986, é Especialista e Mestre em Ciência da Religião pela mesma Instituição. Coursou ainda o Mestrado em Literatura Portuguesa da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e é Doutor em Comunicação e Cultura pelo convênio UFRJ – UFJF. Em março de 2002, concluiu o Pós-doutorado em Literatura Comparada na Universidade de

²⁴ O **Literafro** – portal da literatura afro-brasileira é fruto do trabalho do Grupo de Interinstitucional de Pesquisa Afrodescendências na Literatura Brasileira, constituído em 2001 e sediado no Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade – NEIA, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Além do Portal, o grupo participa de inúmeras publicações, com destaque para a coleção **Literatura e afrodescendência no Brasil**: antologia crítica (UFMG, 2011, 4 vol.) e para os volumes didáticos **Literatura afro-brasileira** – 100 autores do século XVIII ao XXI (Pallas, 2014) e **Literatura afro-brasileira** – abordagens na sala de aula (Pallas, 2014). Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autores/225-edimilson-de-almeida-pereira>>. Acesso em: 05 mar. 2018.

Zurique, na Suíça. E atualmente é professor do curso de graduação e da pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Segundo publicações na página *online*, Luís Carlos Verzoni Nejar, poeta, ficcionista, crítico e tradutor, no período entre 1983 e 1994, Edimilson atuou como coautor do Projeto Minas e Mineiros, por meio do qual se realizou o levantamento e a análise da cultura popular de Minas Gerais, em parceria com a professora Núbia Pereira de Magalhães Gomes, em Juiz de Fora (NEJAR apud LITERAFRO, 2018. Não paginado).

O autor mineiro é, indubitavelmente, um dos mais premiados da Literatura Brasileira. Seu percurso de ininterruptas premiações inicia-se em 13 de abril de 1984, data em que vence o concurso de contos “Palavra/Vivani”, em Juiz de Fora - MG. No mesmo ano, é-lhe concedida menção honrosa no “I Concurso de Contos da Academia Juizforana de Letras”. Entre 1987 e 1994, o poeta torna-se membro efetivo da Comissão Mineira de Folclore do Conselho Editorial do **Folheto Compasso**. Publica os livros **Negras raízes mineiras: os Arturos** (1988), **Assim se benze em Minas Gerais** (2004) e **Arturos: olhos do rosário** (1990), em coautoria com a mencionada professora Núbia Pereira, no período de 1988 a 1990 (NEJAR apud LITERAFRO, 2018. Não paginado).

Em 1989 Edimilson de Almeida recebeu o prêmio Concurso Nacional de Poesia Carlos Drummond de Andrade, concedido pela Secretaria de Estado da Cultura do Rio de Janeiro. Sua obra poética inclui **O Livro de falas ou kalunbungu** (1987), **Ô lapassi & outros ritmos de ouvido** (1990) e **O homem da orelha furada** (1995), entre outros livros.

No ano de 1993, Edimilson é premiado com a segunda colocação no Concurso Sílvio Romero de Monografias sobre Folclore e Cultura Popular, promovido pelo Instituto Brasileiro de Arte e Cultura (IBAC), com a obra **Jardim das excelências: contribuição ao estudo dos discursos fúnebres** (1993) (NEJAR apud LITERAFRO, 2018. Não paginado).

Em continuidade, no ano de 1994, foi concedido a Edimilson de Almeida Pereira, o primeiro lugar no “Prêmio João Ribeiro”, da Academia Brasileira de Letras, pela publicação de **Mundo encaixado: significação da cultura popular** (1994), em coautoria com a professora Núbia Pereira de Magalhães Gomes/UFJF. Ao conjunto de 4 livros oriundos do projeto Minas e Mineiros atribuiu-se o prêmio Dr. Antônio

Procópio de Andrade Teixeira, oferecido pela Universidade Federal de Juiz de Fora, em agosto de 1994. Em novembro do mesmo ano, o autor recebeu o prêmio Marc Ferrez, conferido pela Fundação Nacional de Artes – FUNARTE²⁵/RJ, pelo projeto de ensaio fotográfico e textos intitulado **Filhos do rosário em nome do pai**, igualmente em coautoria com Núbia Pereira de Magalhães Gomes (NEJAR apud LITERAFRO, 2018. Não paginado).

Ainda de acordo com Duarte (2018), as premiações do ensaísta Edmilson de Almeida Pereira continuam em 1997, quando este obtém o segundo lugar no Concurso Sílvio Romero de Monografias sobre Folclore e Cultura Popular /FUNARTE/RJ, devido ao trabalho. **Os tambores estão frios**: estudo sobre a tradição bantu no ritual de Candomblé em Minas Gerais, novamente em conjunto com Núbia Pereira de Magalhães Gomes.

O ano de 1998 trouxe dois prêmios para o autor: em março, o primeiro lugar no Concurso Nacional de Poesia Helena Kolody, promovido pela Secretaria Estadual de Cultura do Paraná; já em abril, o primeiro lugar no Concurso Nacional de Poesia Cidade de Belo Horizonte, promovido pela Secretaria Municipal de Cultura (NEJAR apud LITERAFRO, 2018. Não paginado).

O ano de 2002 é marcado pela conquista de três premiações pelo escritor: o primeiro lugar no Concurso Sílvio Romero/FUNARTE/Centro Nacional de Folclore Popular-RJ, graças à monografia intitulada **A saliva da fala**: notas sobre a poética banto-católica do Congado; o segundo lugar no Concurso Nacional de poesia Cidade Juiz de Fora/FUNALFA – Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage, com o livro **Sete selado** (2002). Este mesmo livro deu ao escritor o segundo lugar no Concurso Nacional de Poesia Cidade de Belo Horizonte, organizado pela Secretaria Municipal de Cultura de Belo Horizonte/MG. Igualmente, em 2004 o escritor recebe vários outros prêmios, como o segundo lugar no Concurso Nacional de Poesia Cidade de Belo Horizonte, com a obra **Uma nota só**, o *Hors Concours* do prêmio Alberto da Costa e Silva/RJ, na categoria poesia, devido ao livro **As coisas arcas**:

²⁵ **FUNARTE** é a sigla para **Fundação Nacional das Artes**. Trata-se de um órgão do governo brasileiro que, associada ao Ministério da Cultura, atua no desenvolvimento de políticas de apoio às artes visuais, à música, ao teatro, à dança e ao circo. Criada em 1975, a **FUNARTE** tem por objetivos estimular a produção, capacitação de artistas, preservação da memória e a formação de público para as artes no Brasil. Disponível em: <<https://www.siglaseabreviaturas.com/funarte/>>. Acesso em: 07 mar. 2018.

obra poética 4 e, finalmente, o primeiro lugar no Concurso Nacional de Literatura – 2004, conferido pela Academia Mineira de Letras, quando o escritor juizforano recebe o prêmio Vivaldi Moreira na categoria ensaio, pelo texto **Os signos dos ancestrais**: significado sócio-cultural do candomblé em Minas Gerais (NEJAR apud LITERAFRO, 2018. Não paginado).

O exemplar de **Corpo vivido** (1991), de Edimilson de Almeida, **contém poemas que foram publicados** na década de oitenta até 1990. Seus escritos proporcionam uma inquietação crítica por parte dos leitores. Duarte (2018) faz considerações a respeito desse livro afirmando:

Na obra de Edimilson de Almeida Pereira tocou-me a lâmina da poesia que reformula o universo. As estranhezas, a mágica da palavra que, reunidas, formam novas ressonâncias inesperadas; um retorno ao mais arcaico das coisas. A poesia do autor subverte a aparente ordem, estranha flores na palavra. E faz com que ela dance, cheia de sentidos. Porque os sentidos se ocultam até nos centímetros de um girassol. Valeu conhecê-la. O verso é como uma constelação. E tem algo da escrita rupestre na caverna do homem (NEJAR apud LITERAFRO, 2018. Não paginado).

Em plena manifestação dessa riqueza estética, na década de 2000, o autor publicou **Zeozório blues**: obra poética I (2001), composta por textos escritos entre 1985 e 2001. Tal reunião apresenta um caráter distinto, uma vez que os poemas não se encontram reunidos em ordem cronológica. O poeta preferiu agrupá-los de forma que fosse possível ao leitor reconhecer uma “familiaridade de tema e estilo entre os textos”. Propiciou, deste modo, um dos diálogos possíveis entre os escritos, deixando para o leitor o reconhecimento de outros (NEJAR apud LITERAFRO, 2018. Não paginado).

No ano de 2003, vieram a público os volumes **Lugares ares**: obra poética 2, **As coisas arcas**: obra poética 3, e **Casa da palavra**: obra poética 4, que reúnem a produção poética realizada entre 1985 e 2003, publicada parcialmente nos títulos anteriores, agregando também textos inéditos. A partir desta edição, Edimilson de Almeida Pereira configura-se como um dos mais prolíficos poetas contemporâneos (NEJAR apud LITERAFRO, 2018. Não paginado).

3.4 ADENTRANDO HISTÓRIAS VINDAS DO OUTRO LADO DO OCEANO

Nossa pele teve maldição de raça e exploração de
 classe duas faces da mesma diáspora e desgraça
 Nossa dor fez pacto antigo com todas as estradas
 do mundo e cobre o corpo fechado e sem medo do
 sol
 Nossa raça traz o selo dos sóis e luas do século a
 pele é mapa de pesadelos oceânicos
 e orgulhosa moldura de cicatrizes quilombolas.

Jamu Minka

No conto intitulado **O livro amarelo com páginas brancas**, o narrador em Pereira (2005) descreve que “[...] quando a noite partia, o sol se decepcionava porque os seus raios amarelos se abriam sempre sobre a Cidade Amarela. As pessoas quando estavam felizes ou tristes também estavam amarelas. Os animais, crianças, a praça onde brincavam e as flores eram amarelas também” (PEREIRA, 2005, p.7).

O homem amarelo, contudo, não encontrava palavras amarelas que pudessem descrever a imagem da Cidade Amarela nos sonhos e, por isso, passou a desejar a criação de um livro de sonhos. O livro era amarelo, mas não escrito com letras amarelas sobre páginas amarelas. O menino, protagonista da narrativa, via as páginas amarelas, porém elas estavam sem letras. Quer dizer, a longa história não estava escrita. Então, o pai o indaga, com palavras sutis de esperança: “– Quem sabe, um dia, meu filho, você escreve a história com aquelas letras que aparecem nos sonhos?” (PEREIRA, 2005, p. 10).

Conforme se pode verificar em Pereira (2005), o menino via em seus sonhos a Cidade Amarela transformada. O sol com seus raios descia sobre a terra e procurava o coração dos frutos, depois o espelho das águas e, por fim, estendia-se como chuva de ouro e as pessoas atravessavam seu amarelo (PEREIRA, 2005, p.12).

Nos sonhos o personagem compreendeu que deveria usar as palavras também novas. Dessa maneira, ao não-amarelo do céu chamou de azul. Ao não-amarelo das campinas chamou de verde. Também ao não-amarelo das maçãs chamou de vermelho e ao não-amarelo dos pássaros chamou de negro. Finalmente, ao não-amarelo das páginas do livro chamou de branco (PEREIRA, 2005, p.15).

De acordo com Pereira (2005), “[...] Para o não-amarelo das pessoas o menino misturou os nomes. E as pessoas se tornaram amarelas, negras, brancas, azuis, róseas.” (PEREIRA, 2005, p.16). E assim elas se tornaram de diferentes cores e de diferentes nomes. Desse modo, o branco das paginas se encheu de histórias (PEREIRA, 2005, p.16). A partir de então, o sol passou a nascer com um sorriso que envolve a cidade e faz brilhar o amarelo e o não-amarelo de todas as coisas.

No conto **O pastor de pássaros**, o narrador apresenta ao leitor a história de Domingos, um menino que vivia em um país branco de arroz e, como todos os outros meninos, sonhava em conhecer o mar. Na terra em que Domingos vivia e trabalhava, o branco se perdia no horizonte. Nesse lugar, todas as pessoas precisavam dos grãos brancos de arroz para viver, razão pela qual não podiam cultivar jardins ou pintar suas casas.

Segundo o narrador as plumas dos pássaros eram as únicas cores que cantavam no silêncio branco. Domingos não gostava de espantar as aves que vinham comer os grãos de arroz, embora tivesse de afastá-las todas cotidianamente. Assim, o menino via o corvo negro, a gralha azul, a andorinha cinza e o gavião amarelo, que mais pareciam um flutuante arco-íris colorido.

Um dia, enquanto pastoreava pássaros no oceano branco de arroz, Domingos se surpreendeu com um pássaro que não comia grãos. A ave voava em círculos, procurando um lugar para descer, em suas asas, o vermelho que desenhava uma flor entre as plumas brancas.

Domingos percebeu que tal flor vermelha era um fermento feito pelo Senhor dos Campos de Arroz e, então, tomou o pássaro sob seus cuidados, após os quais a ave se restabeleceu e convidou o menino para brincar de mar. Como o menino não pôde aceitar o convite, o pássaro pediu para que o vento e o sol, atuando sobre a plantação de arroz, o ajudassem a fazer o mar de Domingos.

Segundo o relato, o protagonista não mais atua como pastor de pássaros e passa a viver a alegria de passear entre as ondas que o vento levanta na cor azul-verde-dourada das águas do mar, transformando-se, portanto, em um navegador de sonhos.

O livro **Histórias trazidas por um cavalo-marinho** (2005), de Edimilson de Almeida Pereira, encerra ainda **O nome do sol** como seu terceiro conto, no qual o narrador revela que no começo do mundo o sol tinha nome, era chamado de Cumbi.

As pessoas o recebiam em suas casas como se fosse uma visita, e Cumbi cobria as manhãs com seu lenço transparente. Nessa época as pessoas conversavam com animais e árvores por meio da música.

Passado algum tempo os homens decidiram conversar apenas entre si, esquecendo-se dos bichos e das árvores; negligenciaram, inclusive, o nome do sol e, curiosamente, esqueceram-se até desse seu esquecimento, pois continuavam a esperar o sol todas as manhãs, mas, Cumbi não vinha sem ser chamado.

A noite esperava o sol para secar seus cabelos e conversava com as mulheres que também esperavam o sol para secar suas roupas na beira do rio e lamentavam a ausência do astro. Tudo possuía um lado só, e tornou-se impossível enxergar os lagartos verdes que mudavam de cor quando a noite ia embora.

Certa noite, alguém sugeriu que as pessoas cantassem todos os nomes que tinham aprendido. Talvez, por isso, o nome do sol surgisse no meio de tantos nomes.

Uma ave que tinha recebido um novo nome iniciou seu canto que era antigo e belo. E, assim, os homens esquecidos foram se recordando de quando conversavam com os animais, com as plantas e com o sol através da música. Conforme o narrador, desse dia em diante, o galo passou a cantar muitas vezes para lembrar aos homens que não é bom esquecer o nome do sol.

O conto **O menino de argila** apresenta um homem com habilidades de transformar argila em pássaros, peixes e flores, mas que estava triste por não conseguir dar vida e perfume às suas criações (PEREIRA, 2005, p.37).

Quando seu filho nasceu, o homem fez um peixe enorme e prometeu que, se um dia o peixe respirasse, deixaria que a Senhora das Águas fosse a madrinha da criança.

Uma noite uma tempestade fez o rio cobrir campos e casas. Quando as águas do rio abaixaram, a mulher do artesão percebeu que o peixe não estava mais com sua família, pois havia sido levado pela correnteza. A preocupação do esposo, contudo, era ensinar habilidades com argila e terra para seu filho que crescia e aprendia cada dia mais com o pai.

Certo dia, o peixe que havia desaparecido na tempestade veio até a casa do artesão e cobrou a promessa que ele havia feito para a Senhora das Águas. O homem se sentiu feliz, pois havia feito um peixe que respirava. Apesar disso, ficou

preocupado, pois não desejava perder seu filho. O peixe ainda advertiu o artesão para que não pensasse em enganar a Senhora das Águas que era zelosa com seus afilhados.

Ao chegar ao fundo do rio, o menino reencontrou o peixe que vira na casa de seu pai. Era um peixe belo, mas triste. Ficou deslumbrado com o palácio da madrinha a qual esperava em um salão de águas azuis e colunas transparentes. Tudo enfeitado com barcos e com os panos coloridos das velas que eram usados pela Senhora das Águas como vestidos.

O menino se lembrou das histórias que escutava na beira do rio. Nelas, muitos pescadores que decidiam conhecer os encantos da Senhora das Águas não conseguiam retornar. Dessa maneira, preocupado e assustado, o afilhado fugiu daquele lugar onde sua madrinha morava e retornou para a casa de seus pais e, após valer-se de uma artimanha para se ver livre da madrinha, utilizou um bocado de argila para demonstrar que se desmanchava ao toque das águas.

Contrariada e furiosa, a Senhora das Águas levantou os braços, e tudo ficou turvo. Um vento de águas misturou peixes, pedras, plantas e areias e, desde este dia, a Senhora das Águas se levanta no leito dos rios, visitando muitas casas à procura de um afilhado que não se desmanche.

Pode-se verificar, de imediato, que Pereira (2005) lança mão do encantamento e da delicadeza na escritura de suas narrativas, nas quais é notória a marca da diversidade, que se manifesta com sutileza aos leitores mais atentos à temática da identidade afrodescendente. Tal característica justifica a escolha do livro **Histórias trazidas por um cavalo-marinho** como *corpus* do presente trabalho de pesquisa e dissertação, pois a estética nele trazida a efeito pelo seu autor coloca em um nível diferenciado as possibilidades de veiculação de um discurso de valorização da afrodescendência no universo da literatura para crianças, valorização esta que sempre foi uma das bandeiras alçadas por diversos outros autores como principal forma de mudança na representação do negro na Literatura Brasileira. Este e outros aspectos passam a ser abordados na seção que se segue.

4 AS MUITAS CORES DA AFRODESCENDÊNCIA NA ESCRITA DE ANA MARIA MACHADO E DE EDIMILSON DE ALMEIDA PEREIRA

A vida que vivo hoje tem ligação com a história
dos que vieram antes de mim e deixaram
como legado fortes elementos culturais
para que eu entendesse a minha realidade hoje.

Lucilene Costa e Silva

O percurso teórico percorrido até esse momento neste trabalho de dissertação levou-nos ao aprofundamento de questões relacionadas ao desenvolvimento - no âmbito da Literatura Brasileira - não apenas de uma Literatura Brasileira Negra, como também de uma Literatura Infantojuvenil em que a discussão da questão étnica se faz presente sob parâmetros diferenciados daqueles normalmente praticados pelos escritores a ela dedicados. Equivale a afirmar que, desde a publicação do livro **Menina bonita do laço de fita** (originalmente lançado em 1984, vale ressaltar), de Ana Maria Machado, até os dias atuais, quando já editadas leis que se dedicam a tornar obrigatória a inclusão no currículo oficial da Rede de Ensino do estudo da temática História e Culturas Afro-brasileira e indígena, ocorreram, pois, significativas mudanças no contexto histórico-cultural brasileiro – nele incluído o mercado editorial –, que possibilitaram o surgimento de obras como o livro de contos **Histórias trazidas por um cavalo-marinho** (2005), de Edimilson de Almeida Pereira.

O *corpus* literário acima mencionado coloca-se nesta seção como objeto de análise no que diz respeito à representação identitária afrodescendente por meio dos diversos personagens criados por Ana Maria Machado e por Edimilson de Almeida Pereira e as inúmeras **possibilidades** de reflexão **no tocante** às formas como a afrodescendência é abordada nos textos de ficção literária, tomando-se os mesmos como instâncias que permitem ao leitor o alcance de variados modos de conhecer e de se relacionar com a diversidade étnica presente em nosso país. Nesse sentido, busca-se uma análise crítica que investiga a forma como cada um dos autores, em específico, aborda ou abordou a construção do discurso identitário afrodescendente a partir da elaboração estética de suas respectivas escritas.

4.1 O COELHO E A DESCOBERTA DA NEGRITUDE

A visão mágica do mundo deixou de ser privativa das crianças, para ser assumida pelos adultos.

Nelly Novaes Coelho

O conto **Menina bonita do laço de fita** (2011), da escritora carioca Ana Maria Machado, ilustrado pelo chargista gaúcho Silvius Petrus Claudius Ceccon, encerra uma abordagem da diversidade étnica, no âmbito das relações sociais e culturais mediante o estímulo à observância de princípios de respeito às diferenças. Machado (2011) tematiza, assim, a diversidade étnica brasileira por meio da criação, como verificado anteriormente, de personagens como um coelho branco e uma menina negra, a qual, por diversas vezes ao longo da narrativa, **tem sua beleza ressaltada**.

O narrador (2011) inicia a história relatando detalhes sobre a menina, curiosamente inominada, nas seguintes palavras:

Era uma vez uma menina linda, linda. Os olhos dela pareciam duas azeitonas pretas, daquelas bem brilhantes. Os cabelos eram enroladinhos e bem negros, feito fiapos da noite. A pele era escura e lustrosa, que nem pelo da pantera-negra quando pula na chuva (MACHADO, 2011, p.3).

Percebe-se, no excerto em questão, uma comparação pitoresca realizada pelo narrador em relação aos traços étnicos da menina e os elementos da natureza em que se faz presente a cor negra: azeitonas pretas, fiapos da noite, o pelo da pantera-negra. Aspectos de valorização da pele negra são revelados por meio da adjetivação positiva de carga metafórica e poética que caracteriza a linguagem então manejada pela autora: “Os olhos dela pareciam duas azeitonas pretas, daquelas bem brilhantes.”/ “Os cabelos eram enroladinhos e bem negros, feito fiapos da noite.”/ “A pele era escura e lustrosa, que nem o pelo da pantera-negra quando pula na chuva” (MACHADO, 2011, p. 3). Vale a pena chamar a atenção para as locuções adjetivas: **brilhantes**, a enigmática expressão **fiapos da noite** e a expressiva ideia de poder que aparenta estar incutida na constatação de que a pele da menina era escura e lustrosa como o **pelo da pantera-negra quando pula na chuva**²⁶. A isso se

²⁶ Todavia, não se pode deixar de fazer menção a uma possível animalização que o discurso excludente hegemônico historicamente fez incidir sobre o negro e o afrodescendente, presente na

acrescenta o fato de que a menina é duplamente descrita como sendo linda, linda, senão, vejamos “Era uma vez uma menina, **linda, linda.**” (MACHADO, 2011, p. 3, grifos nossos).

Ainda a protagonista é comparada a [...] uma princesa das Terras da África. Ao comparar a menina a uma princesa africana, o narrador culmina por desenvolver um discurso de certo modo segregado, valorizando a beleza negra como algo possível somente talvez em terras africanas. Reforça o título de nobreza para a criança em um continente distante e não no espaço onde mora.

Ao admirar a beleza da personagem e achá-la “[...] a pessoa mais linda que ele tinha visto em toda a vida.” (MACHADO, 2011, p.7), o coelho – que é o efetivo protagonista neste conto – reflete, ainda que sob o ponto de vista de uma alteridade branca, a respeito de uma nova concepção de identidade “[...] E pensava: – Ah, quando eu casar quero ter uma filha pretinha e linda que nem ela...” (MACHADO, 2011, p. 7). Ressalte-se que o negro precisa estar associado a um determinado padrão de beleza para ser aceito. Mais adiante, o coelho reconhecerá que a cor da menina é de origem ancestral e busca na constituição familiar com uma coelha negra a realização do sonho de ter filhos da cor que o encantava.

Por várias vezes o coelho questiona: “– Menina bonita do laço de fita, qual o segredo por ser tão pretinha?” (MACHADO, 2011, p. 8), passando a buscar para si a cor que tanto lhe causa espécie, por meio de vários questionamentos e experiências. Perceberá, todavia, que suas buscas são infrutíferas, experimentando ele próprio uma crise de identidade, ao utilizar-se de diversos artifícios para tornar-se negro como a menina, abrindo mão de sua identidade branca.

Nesse jogo identitário, exsurge a necessidade de autoconsciência por parte do negro acerca de suas origens e do orgulho que deve ter em relação às mesmas. Ainda que se trate de uma criança, não devemos esquecer o campo a que pertence a narrativa em questão, saliente-se que a personagem remete o outro personagem – e também o leitor – a elementos da natureza para tentar explicar a cor de sua tez.

comparação da menina com uma pantera, atribuindo à pele desta a mesma característica do lustro presente na pele da pantera. Mais à frente, verifica-se que a mãe da menina é adjetivada como uma **mulata** muito bonita e risonha, ocasião em que valerá a ressalva em relação a estratégia de reificação presente nesta referida palavra. Nesse sentido, ver nota 27 p. 97.

Mediante o questionamento persistente do coelho “– Menina bonita do laço de fita, qual é teu segredo pra ser tão pretinha?” (MACHADO, 2011, p. 8), a menina, afinal, demonstra aparentemente não saber o real motivo e, por isso, vai inventando respostas aleatórias sobre elementos que guardam a cor negra. Nesse sentido, pode-se verificar em Machado (2011) que a menina “[...] já ia inventando outra coisa, uma história de feijoada, quando a mãe dela, que era uma mulata linda e risonha, resolveu se meter [...]” (MACHADO, 2011, p. 15).

A questão étnica presente na narrativa ganha outros delineamentos com a intervenção de um novo personagem, qual seja, a mãe da menina, também inominada, mas caracterizada como uma mulata linda e risonha: “[...] quando a mãe dela, que era uma mulata²⁷ linda e risonha, resolveu se meter e disse: – Artes de uma avó preta que ela tinha...” (MACHADO, 2011, p. 15). Percebe-se que nesta fala da mãe, o narrador permite ao leitor uma reflexão a respeito da presença familiar negra no contexto histórico-cultural da nossa sociedade, embora esteja presente no trecho ainda a expressão mulata, sempre associada a outros atributos tipificadores (linda e risonha), ocultando o ardil contido na designação de um animal que, além de objeto de exploração de sua potencial força de trabalho, é, por natureza, estéril.

Não se pode, contudo, negar os elementos positivos em tal narrativa, como a reverência da mãe ao contexto e ao orgulho pela ancestralidade negra da avó e a transmissão dessa consciência e desse orgulho familiar ancestral à filha, para além de todas as comparações ao que de negro há nos elementos da natureza.

Enfim, segundo o narrador, a mãe da menina diz ao coelho que, “[...] se ele queria ter uma filha pretinha e linda que nem a menina tinha era que procurar uma coelha preta para casar” (MACHADO, 2011, p.16), apontando naturalmente o matrimônio para que o coelho realizasse o desejo de ter um negro como um membro de sua família, realidade presente na constituição da maioria das famílias brasileiras, forma de ressaltar a grande característica da população nacional: a diversidade. De fato, ressalte-se que o narrador suplanta a questão da cor da pele, e ressalta essa

²⁷ Segundo Pereira (2010), o termo mulata é uma palavra carregada de preconceitos aos negros no Brasil, sendo uma forma pejorativa de caracterizar o fruto do negro com branco. Fazendo uma conformidade ao resultado do cruzamento entre égua e jumento que dá origem a mula que é um animal estéril e reconhecido como inferior.

diversidade, ao mencionar que do enlace do coelho branco com a coelha negra, resultou uma prole com indivíduos das mais diversas cores.

Nota-se que o fato de a protagonista não ter conhecimento sobre o motivo de ser negra; ou seja, por não conhecer suas origens étnicas, sua ancestralidade, pois, até então, apenas sua mãe e avó tinham essas informações, conduz o leitor ao entendimento de que os percursos e as questões históricas, culturais e sociais do negro e do afrodescendente no Brasil não eram temas discutidos e valorizados no contexto familiar da personagem, assim como em grande parte da sociedade brasileira da época.

Verifica-se que a obra literária apresentada pela escritora Ana Maria Machado (2011) destacou, na década de mil novecentos e setenta, trabalhando com uma literatura que buscava a fantasia e temas pouco discutidos e inovadores para a época, a presença da afrodescendência na sociedade brasileira. A partir do lançamento de **Menina bonita do laço de fita** (2011), em mil novecentos e oitenta e seis, a escritora faz uma abordagem das questões étnicas por meio de uma dinâmica que se poderia afirmar cautelosa mediante as características do sistema político e econômico ainda dominante neste período. A publicação da obra, com ares de pioneirismo, já induz o imaginário popular a perceber a presença do negro no espaço da Literatura Brasileira Infantil. De forma cuidadosa, entretanto, o narrador apresenta uma personagem que ainda desconhece o seu valor como negra, visto que arrisca inúmeras respostas para explicar a cor da própria pele, os evidenciando a presença dos efeitos de uma ideologia que se reflete ao longo das várias gerações brasileiras de afrodescendentes que são levadas a acreditar que são inferiores às demais pessoas com características próprias do colonizador europeu.

O conto em questão é muito utilizado nos espaços educacionais brasileiros, o que conduz à revelação de que o sistema educacional do Brasil é ainda muito conservador, fruto de uma agenda político-econômica dominante que colonizou o país há mais de cinco séculos. É necessário que seja ampliada a noção de valorização do afrodescendente, de sua ancestralidade e de toda a sua contribuição histórica nos diferentes espaços da sociedade, para que a criança, o jovem e o adulto afro-brasileiros possam alcançar o reconhecimento do pertencimento à sua própria etnia, não se deixando ser diminuídos em seu natural potencial como sujeitos

e como cidadãos à custa dos inúmeros estereótipos típicos do olhar branco em relação ao negro ainda presentes no bojo da sociedade brasileira.

4.2 ONDE A AFRODESCENDÊNCIA NAS HISTÓRIAS DO CAVALO-MARINHO?

[...]a literatura através de seu texto ou ilustração pode promover “um novo olhar” para as situações que carecem de uma atenção especial, de modo que os leitores possam romper com as amarras que estigmatizam as diferenças[...]

Ivonete Sueli Segala Pereira

Nessa subseção, o presente trabalho de dissertação cuida da análise crítica pormenorizada dos aspectos em torno da questão étnica e de sua representação estética nas linhas ficcionais da obra **Histórias trazidas por um cavalo-marinho** (2005), de Edimilson de Almeida Pereira, problematizando como esta temática se apresenta na obra em questão – aliada aos aspectos presentes no trabalho de ilustração da designer gráfica Denise Nascimento –, por meio de uma forma de narrar que remonta à herança da oralidade africana.

Vale salientar, a princípio, que Pereira (2015), no artigo já por diversas vezes mencionado neste trabalho de dissertação, tece considerações acerca da obra literária em questão, destacando aspectos que norteiam o leitor pelos caminhos da escrita de Edimilson de Almeida Pereira. Assim, conforme Pereira (2015),

[...] em **Histórias trazidas por um cavalo-marinho**, o autor vale-se de uma linguagem sutil a respeito de outras culturas e de outras etnias, por intermédio de uma abordagem sobre as cores e sobre a diversidade, acrescentando que estas narrativas dão ao leitor a possibilidade da reflexão sobre uma matriz étnica e cultural que se presume africana, tendo em vista serem as histórias trazidas por um cavalo-marinho, supostamente o habitante de um oceano que separa África e Brasil (PEREIRA, 2015, p. 14).

Sobre o tema sutileza nos textos literários, aliás, Abramovich (1991), observa que,

[...] para encarar um dos assuntos da chamada realidade, não é necessário que a linguagem do autor seja realista. Pode até ser, mas não é obrigatório... Pode ser crua, dura; mas também pode ser poética, suave, tristonha; como pode ser humorada, divertida, irônica... A linguagem, o tom, o escritor escolhe conforme concebeu sua história, suas personagens, seu

desenvolvimento, seu final, a partir de sua convicção ou necessidade de tocar neste ou naquele assunto... (ABRAMOVICH, 1991, p. 99).

Nessa perspectiva, vale ressaltar a forma com que Pereira (2005) constrói as narrativas da obra **Histórias trazidas por um cavalo-marinho**, uma temática ampla, que aborda questões sobre etnia, religiosidade, tradição etc., mediante o emprego de uma linguagem poética, suave e, de certo modo, solene.

No conto **O livro amarelo com páginas brancas**, o autor apresenta a narrativa a partir de um cenário desprovido da diversidade de cores, “[...] quando a noite partia, o sol se decepcionava porque os seus raios amarelos se abriam sempre sobre a Cidade Amarela” (PEREIRA, 2005, p.7). Percebe-se que o narrador descreve um lugar onde tudo era amarelo, ou seja, um local em que a diversidade inexistia.

O conto apresenta elementos que remetem às culturas africanas, a exemplo da oralidade²⁸, perceptível no fato de que o homem amarelo não tinha mais palavras para descrever a Cidade Amarela, pois o espaço era desprovido de uma diversidade de cores e não mais cabia em seus sonhos. Mas ele havia sonhado que o mundo poderia ser diferente, com a presença de uma multiplicidade de cores que o deixava, desse modo, mais bonito. Esses aspectos encontram-se no trecho seguinte:

[...] o homem amarelo não encontrava palavras amarelas que pudesse descrever a imagem da Cidade Amarela nos sonhos.
 – Por isso – continuou ele –, sempre desejei criar um livro de sonhos.
 – Então, por que o livro ainda é amarelo?
 – O livro é amarelo. Mas veja que desta vez eu não escrevi letras amarelas sobre as páginas amarelas. Sim, era verdade. Agora o menino via as páginas amarelas, porém elas estavam sem letras. Quer dizer, a longa história não estava escrita. O pai lhe indagou, com esperança: _ Quem sabe, um dia, meu filho, você escreve a história com aquelas letras que aparecem nos sonhos? (PEREIRA, 2005, p. 10).

O narrador aborda a importância da presença da diversidade, representada neste conto por meio da multiplicidade das cores. Nota-se, portanto, que o mundo, uma vez multicolorido, tornou-se mais interessante. De tal modo, pode-se concluir que assim também o seja a composição pluriétnica da sociedade brasileira.

²⁸ Segundo o historiador belga Jan Vansina (1982) em texto que trata da tradição oral em civilizações africanas do Saara, ressalta a importância da oralidade para vários povos africanos para os quais a palavra não é “apenas um meio de comunicação diária, mas também um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais” (VANSINA, 1982, p. 157, grifo do autor).

Pereira (2005), por intermédio do narrador, descreve que, agora nessa realidade multicolor, o homem amarelo:

[...] via a Cidade Amarela transformada. A coisa que mais o impressionava era o sol. Os raios desciam sobre a terra e procuravam o coração dos frutos. Depois o espelho das águas. Por fim, se estendia como chuva de ouro e as pessoas atravessavam seu amarelo (PEREIRA, 2005, p.12).

Para além desse excerto, a oralidade serve de meio para que o homem amarelo passe ao seu filho aquilo que sonhou. A transmissão dos sonhos, pela oralidade, e a busca de sua interpretação, outro elemento característico das culturas africanas, ressalta uma outra, qual seja, o ensino da contação de histórias, pois o pai ensina o menino a contar aquilo que lhe veio pelo sonho, assim como também a descrição do sol, seus raios e o coração dos frutos. E é exatamente essa transmissão da experiência paterna que abre ao filho a possibilidade de alcançar a diversidade de cores descritas no sonho, trazendo ao mundo de ambos uma nova realidade ao renomear o amarelo que nela havia.

[...] como tudo fosse novo, o menino entendeu que deveria usar as palavras também novas. O não-amarelo do céu chamou de azul. O não-amarelo das campinas chamou de verde. O não-amarelo das maçãs chamou de vermelho. O não-amarelo dos pássaros chamou de negro. O não-amarelo das páginas do livro chamou de branco (PEREIRA, 2005, p.15).

É dessa maneira, com a variedade das cores, que o menino se sente mais feliz, visto que deixa de haver a monotonia da presença monótona de uma cor, soberanamente dominante sobre as demais. Ressalte-se que o menino despertou para a diversidade do mundo e deu nomes diferentes para aquilo que o rodeava:

Para o não-amarelo das pessoas o menino misturou os nomes. E as pessoas se tornaram amarelas, negras, brancas, azuis, róseas. O menino resolveu escrever esses nomes no livro. Desse modo, o branco das páginas se encheu de histórias (PEREIRA, 2005, p. 16).

O sonho tornou-se realidade para o menino e, partindo dessa perspectiva, o narrador viabiliza ao leitor – a partir de uma interpretação ampliada da narrativa – uma reflexão que pode seguir o caminho acerca da importância e da valorização de todas as etnias em um diálogo a respeito do reconhecimento da contribuição

histórica e social das culturas africanas e afrodescendentes para toda a sociedade brasileira.

No conto **O pastor de pássaros** a narrativa também abre portas para uma discussão acerca das questões étnico-raciais no Brasil, uma vez que, de forma considerável, nota-se uma forte ligação com o branqueamento, que ainda tem profundas matrizes na sociedade brasileira.

Dessa forma, o narrador chama a atenção para o fato de que “[...] todas as pessoas precisavam dos grãos brancos para viver. Por isso, não podiam cultivar os jardins ou pintar as suas casas. Tudo se perdia no silêncio tão branco (PEREIRA, 2005, p.19). Percebe-se nesta afirmação que o narrador, de certo modo, denuncia a ação hegemônica de uma cultura em detrimento de outras, impedidas que eram de fazer representar na diversidade dos inúmeros jardins.

Quando o protagonista Domingos corria nos campos espantando os pássaros que vinham comer os grãos, não o fazia com gosto. As plumas dos pássaros eram as únicas cores que cantavam no silêncio branco (PEREIRA, 2005, p. 20). Pode-se ressaltar, na narrativa, a existência de um forte domínio por parte do dono dos campos de arroz, o que bem pode levar o leitor a estabelecer uma comparação com o jogo imposto pelo regime colonial europeu sobre as culturas ditas autóctones, no qual se desenhou a forma autoritária com que o colonizador buscava desqualificar as culturas alheias em prol de que somente a europeia fosse valorizada.

Ao encantar-se com a diversidade que compunha o bando de pássaros, não gostando de espantá-los, o personagem Domingos ressalta a resistência a essa hegemonia do branco sobre a pluralidade das outras cores. “O corvo negro, a gralha azul, a andorinha cinza e o gavião amarelo não eram pássaros. Eram cores que flutuavam como arco-íris” (PEREIRA, 2005, p. 21). Percebe-se que, ao ressaltar a diversidade do bando de aves em contraponto ao único tom dos campos de arroz, o narrador convida o leitor a pensar no lançamento de novos olhares sobre as culturas africanas e afrodescendentes, estas ainda bastante desconhecidas em sua totalidade e desvalorizadas no âmbito de uma sociedade que ainda alimenta uma visão estereotipada sobre a diversidade.

Domingos seguia pastoreando pássaros no oceano branco de arroz. Um dia, o menino se surpreendeu com um pássaro que não comia os grãos. Voava em círculos, procurando um lugar para descer. Domingos reparou em suas asas longas e no vermelho que desenhava uma flor entre plumas brancas (PEREIRA, 2005, p.22).

É a percepção e o respeito à diversidade que traz o estado de felicidade ao indivíduo representado pelo menino Domingos. Segundo se pode ler em Pereira (2005), após receber de presente do pássaro a possibilidade de enxergar nos campos de arroz o mar, em uma nítida transformação de uma única cor em muitas outras, por conta da ação do sol,

[...] Domingos passeia entre as ondas que o vento levanta nos campos de arroz. Além disso, o sol põe nos frutos a cor azul-verde-dourada das águas do mar. Domingos não é mais pastor de pássaros. É um navegador de sonhos (PEREIRA, 2005, p.26).

O pastor de pássaros, ao despertar para a beleza que a diversidade pode trazer para os campos de arroz, descobre a possibilidade dos sonhos, que pode levá-lo a diversos lugares. Nessa multiplicidade de lugares é que se fazem presentes, além da variedade das cores, também as diferentes culturas, o que guarda o desafio da vida, a ser experimentada por uma dinâmica sem preconceitos e estereótipos contra a diferença.

No conto **O nome do sol** nota-se a presença da arte ancestral de contar histórias e a transmissão das narrativas que acompanharam o homem, compartilhadas geração após geração. Um dia, contudo, um conflito se instaura, pois

[...] os homens decidiram conversar apenas entre eles. Esqueceram dos bichos e das árvores. Esqueceram o nome do sol. E esqueceram até do seu esquecimento, porque continuavam a esperar o sol todas as manhãs. Mas ele não vinha sem ser chamado (PEREIRA, 2005, p.29).

O narrador suscita uma reflexão acerca do equilíbrio entre a natureza e o homem, o que pode sugerir ao leitor um paralelo com a necessidade de equilíbrio que deve haver no convívio – respeitoso e sem preconceito ou tentativas de domínio – entre culturas de diferentes etnias em um mesmo espaço.

A narrativa apresentada assemelha-se a uma fábula²⁹, viabilizadora de uma reflexão a respeito da diversidade. Segundo o narrador em Pereira (2005),

²⁹ Segundo Luiza Maria Leite Machado Alves (2007), em dissertação intitulada **Leitura de fábulas e escrita**: um percurso de subjetivação ética do aluno-professor, “A fábula é, em si, uma alegoria, uma prosopopéia. É um produto espontâneo da imaginação humana. A origem da fábula se perde no tempo, tornando-se difícil fixá-la. Acredita-se que a fábula tenha sido documentada desde o tempo de Buda, e consta que muitas fábulas, atribuídas a Esopo, já haviam sido divulgadas no Egito, quase 1000 anos antes de sua época. Contudo, foi Esopo o criador da Fábula, na tradição oral. A ele se atribui a autoria de um imenso número de apólogos e fábulas que foram reunidos na célebre obra

[...] de repente, soou o canto de uma ave que tinha recebido um novo nome. Mas seu canto era antigo e belo. E com ele a noite se reconhecia escura. E os homens esquecidos se recordavam de conversar cantando:

Quê querê quê.

Pororó, pororó possindê.

Cumbi, lá vem.

Desse dia em diante, o galo canta muitas vezes para lembrar aos homens que não é bom esquecer o nome do sol (PEREIRA, 2005, p.34, grifos do autor).

A narrativa abre espaço para a reflexão, fazendo com que o leitor possa perceber a existência de uma ancestralidade afrodescendente. Conforme o narrador, “[...]os homens esquecidos se recordavam de conversar cantando [...]” (PEREIRA, 2005, p. 34). Entende-se, por meio desse excerto, que a cultura ancestral estava, então, esquecida pelos homens e que, ao terem a liberdade para cantar, esses despertaram o conhecimento e a tradição adormecida. “Mas seu canto era antigo e belo. E com ele a noite se reconhecia escura. E os homens esquecidos se recordavam de conversar cantando [...]” (PEREIRA, 2005, p. 34).

O conto **O nome do sol**, observado esse aspecto, bem pode reportar o leitor às manifestações de luta, resistência e busca pela liberdade empreendidas pelos escravizados nos espaços colonizados, sobretudo no Brasil, quando a dança, a música e a religiosidade eram expressos por meio da capoeira³⁰ no interior das senzalas.

A narrativa inscrita no conto **O menino de argila** apresenta vários personagens e, dentre eles, um artesão que criava em argila, peixes que não respiravam flores sem perfume e aves que não voavam. Conta também com a personagem Senhora das Águas³¹, uma referência religiosa, que remete ao mito e à

‘Vida de Esopo’, escrita no século XIV” (ALVES, 2007, p. 25, grifos da autora). Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp037940.pdf>>. Acesso em: 21 ago. 2018.

³⁰ Segundo José Luiz Cirqueira Falcão (2004), “A dança na capoeira, imbricada no jogo, expressa-se no gingado em que o corpo todo se embala ao som de berimbaus, pandeiros, atabaque, cantos e palmas, descrevendo círculos no espaço da roda e fazendo com que o sujeito lute dançando e dance lutando (FALCÃO, 2004, p. 154). Disponível em:

<<http://www.lepel.ufba.br/TESES/O%20JOGO%20DA%20CAPOEIRA%20EM%20JOGO%20E%20A%20CONSTRU%20C%30%20DA%20PR%20C1XIS%20CAPOEIRANA%20-%20JOSE%20FALC%20C30.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

³¹ De acordo com Freitas e Mendonça (2009), “Nanan é a divindade mais antiga do candomblé. Para muitos é a mãe de Omulú. Por ser o orixá feminino mais velho, seu sincretismo se fez com Santa Ana ou a Mãe de Nossa Senhora. Orixá das águas, Nanan é a senhora das águas das profundezas, dos pântanos escuros e nevoentos, ao contrário de Oxum que reina nas águas cristalinas. O mito de Nanan precede o mito da criação. Em algumas versões sobre a vida de Nanan, conta-se que na criação do mundo, na escuridão encontrada por Odudua, havia apenas o céu e as águas escuras, onde já reinaria Nanan (FREITAS; MENDONÇA, 2009, p. 3966). Disponível em:

devoção, que atende o desejo do artesão e dá vida aos objetos, estabelecendo, entretanto, que o homem lhe entregue a vida do filho.

Mas o homem se sentia infeliz. Quando lhe diziam que o seu trabalho era belo, ele comentava:

– Não há beleza nos pássaros que não voam. Nos peixes que não conhecem os rios. E nas flores que não têm perfume.

[...]

O tempo passou e a esposa do artesão teve um filho. Para celebrar o nascimento, o homem fez um peixe enorme e disse:

– Se um dia o peixe respirar, deixarei que a Senhora das Águas seja a madrinha do nosso filho (PEREIRA, 2005, p.37).

Verifica-se a sutileza da narrativa na apresentação da Senhora das Águas, remetendo o leitor ao contexto da religiosidade africana, herança das culturas africanas ao Brasil, juntamente com os símbolos sagrados que cultuavam.

Conforme as pesquisadoras Mauriene Freitas e Wilma Martins de Mendonça (2009), em artigo publicado nos Anais do VI Congresso Internacional da ABRALIN, intitulado **Narrativas femininas no mitológico africano: aclimatação em solo brasileiro**,

[...] grandes e poderosos orixás africanos que se abrigaram, que tomaram a forma do povo que eles mesmos ajudaram a tecer, terminariam por impregnar a natureza de nossa terra e a nossa alma com seus símbolos sagrados, numa elaborada arte de compor e recompor o aparentemente díspare, na difícil reconstrução do que fora destruído, através de um processo amalgamador, capaz de transpor espaços intransponíveis (FREITAS; MENDONÇA, 2009, p. 3966).

A leitura do conto viabiliza, por isso mesmo, a inserção do leitor no estudo da religiosidade das culturas africanas e afro-brasileira, não sendo, aparentemente despreziosa a rica representação que o autor traz para a narrativa de sua lavra.

Dessa maneira, Pereira (2005) escreve a respeito de um diálogo entre o peixe e o artesão, sendo que ambos os personagens conheciam e respeitavam a Senhora das Águas:

A família do artesão vivia tranquilamente:

Mas, um dia, recebeu a visita do peixe que tinha desaparecido nas águas. O homem sentiu-se cheio de maravilhas!

Finalmente havia feito um peixe que respirava. Ao mesmo tempo, preocupou-se porque não desejava perder seu filho. A esposa chorava em silêncio.

Depois de muito conversar, o artesão convenceu o peixe de que levaria o menino para a Senhora das Águas. Antes de partir, o emissário advertiu:

– A Senhora das Águas é zelosa de seus afilhados. Não se deve tentar enganá-la (PEREIRA, 2005, p.40).

Nota-se a presença da religiosidade ancestral, quando o personagem do peixe aconselha o artesão a ser respeitoso em relação ao que promete à Orixá feminina das águas, possuidora de atributos sobrenaturais e divinos. Por isso, a advertência do peixe: “– A Senhora das Águas é zelosa de seus afilhados. Não se deve enganá-la” (PEREIRA, 2005, p. 40).

Pereira (2005) recorre à tradição oral que caracteriza muitas das diversas culturas africanas nas quais a palavra, mais que um meio de comunicação, é também uma forma de preservar o conhecimento dos ancestrais. O menino ao lembrar “[...] das histórias que escutava na beira do rio, quando buscava argila para o trabalho de seu pai. [...] tirou a argila que trazia na sacola e deixou que se desmanchasse (PEREIRA, 2005, p. 44).

Para Freitas e Mendonça (2009) a Orixá feminina das águas “[...] ora é considerada doce, plácida, calma e suave, ora como enfeitada, acreditando-se que ela tem um feitiço de nome Ibiri” (FREITAS; MENDONÇA, 2009, p. 3968). A partir desse ponto, nota-se que é forte a presença feminina na organização social, familiar ou na mitologia de determinadas culturas africanas, sempre representando uma figura importante que se destaca em diversas narrativas em que a mulher negra está nos mais variados papéis. “Ora a mulher é senhora do lar, ora é amante; ora é mãe, ora é guerreira, dividindo o poder com os homens, como bem demonstram as narrativas míticas dos orixás femininos [...]” (FREITAS; MENDONÇA, 2009, p. 3967).

O narrador em Pereira (2005) aponta a reação da Senhora das Águas ao ser contrariada:

[...] Senhora das Águas ergueu os braços, furiosa, e tudo se turbou. Um vento de águas misturou peixes, pedras, plantas e areias...

[...]

Desde este dia a Senhora das Águas se levanta no leito dos rios e visita muitas casas à procura de um afilhado que não se desmanche.

Essa é uma história dos antigos. Os antigos sabiam a verdade de perto do começo do mundo (PEREIRA, 2005, p.46).

Verifica-se que o conto **O menino de argila** é repleto de menções à ancestralidade e às tradições africanas, resgatadas pelo autor, que coloca em destaque a oralidade típica das culturas africanas, meio de transmissão de conhecimento e de cultura de geração para geração, histórias que desafiam o tempo, visto que, originariamente, não possuíam registro em livros.

Histórias trazidas por um cavalo-marinho condensa narrativas repletas de sabedoria, de resgate de valores da ancestralidade africana. Para além disso, a obra conta, como anteriormente destacado, com as ilustrações da *designer* gráfica Denise Nascimento, a qual representa o cenário e os personagens de forma a chamar a atenção para a beleza e as tradições africanas, completando o quadro de valorização da presença negra no bojo da cultura e do povo brasileiro, o que pode ser verificado por meio dos anexos que acompanham o presente trabalho de dissertação.

Percebe-se que a obra **Histórias trazidas por um cavalo-marinho** propõe uma nova forma de percepção da afrodescendência no Brasil. Por meio da sutileza, do encantamento e do fortalecimento da identidade dos afrodescendentes, traz para os espaços de leitura a oportunidade do olhar para a diversidade étnica que há no país.

5 CONCLUSÃO

Para desenvolver este trabalho de dissertação, com o propósito de investigar algumas questões a respeito da Literatura Infantil e a representação da identidade afrodescendente nas narrativas ficcionais então voltadas para crianças, levantou-se a hipótese de que a partir da análise crítica da estética literária presente na escrita dos livros **Menina bonita do laço de fita** (2011), de Ana Maria Machado; e **Histórias trazidas por um cavalo-marinho** (2005), de Edimilson de Almeida Pereira, pode-se identificar uma diversidade discursiva nas formas de abordagem da representação da identidade afrodescendente e das questões étnicas brasileiras.

Delinearam-se, assim, a partir dessa hipótese, objetivos outros relacionados ao *corpus* literário, tais como apresentar uma visão panorâmica dos respectivos livros; identificar nas obras em questão as diferentes maneiras como cada um dos autores aborda a representação do afrodescendente e reflete acerca das questões étnicas na literatura e na sociedade brasileira, bem como investigar e analisar, com base na transdisciplinaridade, a possibilidade de abordagem da questão da construção da identidade afrodescendente, pelo viés da literatura para crianças, trazida a efeito por meio da elaboração estética presente na escrita de Ana Maria Machado e de Edimilson de Almeida Pereira.

Nesse sentido, então, além de se realizar um levantamento sobre a biografia dos autores, prática recorrente nos estudos literários, visto que, para a compreensão dos textos é necessário conhecer-se os aspectos relacionados à trajetória pessoal dos autores, verificou-se que, embora sendo a biografia dos autores importante, também o é, para a análise da obra literária, a verificação e o conhecimento dos contextos histórico, cultural e social em que se faz presente a obra em questão.

O objetivo proposto, neste trabalho, de investigar a forma como cada um dos escritores aborda a construção do discurso identitário afrodescendente a partir da elaboração estética de suas respectivas escritas, foi alcançado, à medida que foi possível chegar-se à percepção do fato de que o trabalho de Ana Maria Machado é notoriamente pioneiro no sentido de buscar a valorização da identidade afro-brasileira e sua presença na constituição da diversificada população brasileira, muito embora, a narrativa inscrita em **Menina bonita do laço de fita** (2011) contenha a ainda a marca de certos elementos estereotipados no que toca à representação do

negro e à forma como essa identidade foi e ainda é vista pela alteridade branca em nosso país.

A autora pesquisada destacou-se entre os escritores da década de 1970 por defender uma Literatura Infantil diferente daquela que vinha sendo produzida até então, pois buscava um trabalho em que a fantasia e o real se misturassem, almejando levar para as crianças o que há de melhor culturalmente.

Considerando que a publicação da primeira edição da obra **Menina bonita do laço de fita** ocorreu em mil novecentos e oitenta e seis, anteriormente à legislação que se reporta à obrigatoriedade de inserção dos conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira nas instituições educacionais brasileiras desde o ensino fundamental até o ensino médio, a narrativa escrita por Ana Maria Machado, ao seu tempo, perseguiu a construção de um discurso que fortalecesse a ancestralidade do afrodescendente, visto pela sociedade como parte de um grupo minoritário que vivencia o embate contra os discursos dominantes excludentes historicamente formados no Brasil.

Já no que diz respeito à obra de Edmilson de Almeida Pereira, diversos pontos merecem destaque, em termos de análise crítica, a começar pelo envolvimento teórico-ensaístico do autor com a questão da afrodescendência e a contribuição das culturas africanas na formação da cultura brasileira. Nesse sentido, não apenas a utilização de textos do escritor com aporte teórico para as reflexões desenvolvidas neste trabalho dissertativo, como também pelo esforço em orientar o leitor quanto ao fato de que o autor utiliza-se da escrita ficcional como instância para a apresentação de suas pesquisas, fazendo-o, no caso de **Histórias trazidas por um cavalo-marinho** (2005), de maneira surpreendentemente sutil e cativante. Evidencie-se que, embora nenhuma das quatro narrativas que compõem o livro mencionem diretamente que dizem respeito ou localizem seus personagens no continente africano, a tradição das culturas das terras do outro lado do Atlântico aportam nas linhas ficcionais do autor, reveladoras de uma profunda ligação com a herança da oralidade africana.

Destaque-se que o *corpus* mencionado abre possibilidades para o trabalho pedagógico com base na literatura enquanto veículo de informações, encantamento e prazer, assim como também de aprendizado acerca da contextualização histórica,

cultural e social relacionada ao africano e aos seus descendentes ao longo de sua participação na constituição das populações das nações Mundo Novo.

Diante desse contexto é que persistem as questões inquietantes que conduziram a escrita dos autores em destaque nesta pesquisa, ao desejo de expressar, por meio das obras que compõem o *corpus* literário, o que ainda permanece pouco visível nos espaços escolares, que é a literatura voltada para as diferenças, contribuindo nas ações em favor da desconstrução de estereótipos e preconceitos.

Mediante os estudos desenvolvidos durante esse trabalho de dissertação, pôde-se notar que a Literatura Infantil privilegia a imaginação da criança, trazendo-lhe um grande benefício no que respeita ao conhecimento do que ocorreu no passado para chegar a uma possível compreensão do presente.

Outro aspecto que merece destaque no que toca à representação da afrodescendência na Literatura Infantojuvenil é o fato de que o *corpus* literário escolhido foi de grande importância para demonstrar a mudança da caracterização das imagens do negro trazida a efeito pelos ilustradores contemporâneos.

É preciso falar que a abordagem teórico-crítica aqui desenvolvida não pretende ser taxativa, definitiva, ou inibidora do imenso potencial interpretativo suscitado pelas obras ficcionais estudadas, mas que tal trabalho de dissertação deve ser tomado como uma leitura possível de tal *corpus* literário e que deve ser visto como uma contribuição para os estudos que envolvam e se interessem pela representação da afrodescendência no versátil e enriquecedor universo da Literatura Infantojuvenil Brasileira.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 2. ed. – Scipione, 1991.
- ABREU, Martha; DANTAS, Carolina Vianna (Orgs.). **O negro no Brasil: trajetórias e lutas em dez aulas de história**. 1. ed. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
- ALVES, Luiza Maria Leite Machado. **Leitura de fábulas e escrita: um percurso de subjetivação ética do aluno-professor**. Taubaté: UNITAU, 2007. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp037940.pdf>>. Acesso em: 21 ago. 2018.
- AMARAL, Jorge Fernando Barbosa do. **A literatura brasileira e a monstruosidade negra nos portões da diferença**. Tese de doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. 2015. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/posverna/doutorado/AmaralJFB.pdf> >. Acesso em: 08 jan. 2018.
- ARAÚJO, Kárita de Fátima; SOUZA, Rita de Cássia Martins. As Minas Gerais setecentistas: geografia e literatura na obra do inconfidente Cláudio Manuel da Costa. **Caminhos de Geografia** - Revista online - Uberlândia v. 17, n. 57, mar/2016, p. 01–20, página 1. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/30668/17908>>. Acesso em: 10 jan. 2018.
- BARBOSA, Paula Maciel. A fazenda assombrada: figurações da escravidão no romance Til, de José de Alencar. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 60, p. 55-76, abr. 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i60p55-76>>. Acesso em: 30 nov. 2017.
- BERND, Zila. **Introdução à literatura negra**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.
- BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- BRASIL, Secretaria de Ensino Fundamental (1997). **Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental** –

Brasília – MEC/SEF. Disponível em:
<<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>>. Acesso em: 28 jan. 2018.

_____. **Lei n.º 10.639**, de 9 de janeiro de 2003. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm> Acesso em: 18 fev. 2018.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira** – LDB 9394/96.
Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=Lei+de+Diretrizes+e+Bases+da+Educa%C3%A7%C3%A3o+Nacional+9.394%2F06&oq=Lei+de+Diretrizes+e+Bases+da+Educa%C3%A7%C3%A3o+Nacional+9.394%2F06&aqs=chrome..69i57.1230j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>>. Acesso em: 18 fev. 2018.

BRESSAN, Inês Cardin. **Afrânio Coutinho, crítico e historiador da literatura brasileira**: uma leitura. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista. Assis, 2007. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/LinguaPortuguesa/dissertacoes/inesmestrado.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2018.

BROOKSHAW, David. **Raça e cor na literatura brasileira**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

BRUNEAU, Michael. Espaços e territórios de diásporas. In: **Diásporas e espaços transnacionais**. Tradução de Lucy Magalhães. Montpellier: Gip Reclus, 1995, p. 5-23. 1995.(Digitado).

CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 3. ed., 1986.

CANDIDO, Antonio. Estímulos da criação literária. In: _____. **Literatura e sociedade**. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz; Publifolha, 2000. (Grandes nomes do pensamento brasileiro), p. 37-99.

CARRIZO, Silvina. Mestiçagem. In: FIGUEIREDO, Eurídice (Org.). **Conceitos de literatura e cultura**. 2. ed. Niterói: EdUFF; Juiz de Fora: EdUFJF, 2010, p. 261.

CASTILHO, Suely Dulce de. A Representação do negro na literatura brasileira: novas perspectivas. **Olhar de Professor**, vol. 7, n. 1, 2004, p. 103-113
Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino Paraná, Brasil. Disponível em:
<<https://pt.scribd.com/document/332119243/A-REPRESENTACAO-DO-NEGRO-NA-LITERATURA-pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

CAVALLEIRO, Eliane. Apresentação. In: ROMÃO, Jeruse (Org.). **História da educação do negro e outras histórias**. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001432/143242por.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2017.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

_____. Nelly Novaes. **O conto de fadas**. 3. ed. São Paulo: Ática 1998.

DANTAS, Carolina Vianna. Dantas. Mobilização negra nas primeiras décadas republicanas. **Cadernos Penesb** – Periódico do Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira – FEUFF (n. 12) (2010) Rio de Janeiro/Niterói – ed. ALTERNATIVA/EdUFF/2010 ISSN 1980-4423 Disponível em: <<http://www.uff.br/penesb/images/publicacoes/LIVRO%20PENESB%2012.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

DAROS, Thuinie Medeiros Vilela. Problematizando os gêneros e as sexualidades através da literatura infantil. **Revista Práticas de Linguagem**. v. 3, n. 2, jul./dez. 2013, p. 178 - 179. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/praticasdelinguagem/files/2014/01/172-%E2%80%93186-Problematizando-os-g%C3%AAneros-e-a-sexualidade-atrav%C3%AAs-da-literatura-infantil.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2017.

ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa3670/edimilson-de-almeida-pereira>>. Acesso em: 15 out. 2017. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

FALCÃO, José Luiz Cirqueira. **O jogo da capoeira em jogo e a construção da práxis capoeirana**. Tese (doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, 2004. Disponível em: <<http://www.lepel.ufba.br/TESES/O%20JOGO%20DA%20CAPOEIRA%20EM%20JOGO%20E%20A%20CONSTRU%20%C3%93%20DA%20PR%20C1XIS%20CAPOEIRANA%20-%20JOSE%20FALC%20.pdf>>. Acesso em: 20 Ago. 2018.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Tradução de José Laurênio de Melo. Editora Civilização Brasileira S. A. Rio de Janeiro. 1968.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário de português online**. Publicado em 24 set. 2016 e revisado em: 27 fev. 2017. Disponível em: <<https://dicionarioaurelio.com/cortico>>. Acesso em: 12 jan. 2018.

FERREIRA, Shirley. **Luiz Gama e a identidade negra na literatura**. 1. ed. Juiz de Fora: Editora do autor. V. 537. 2017.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso** – aula inaugural no *College de France*. Pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. **Em defesa da sociedade**: curso de College de France (1975 – 1976) / Michel Foucault. Tradução de Maria Ermantina Galvão – São Paulo: Martins Fontes, 1999 – Coleção Tópicos.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1987.

FREITAS, Mauriene; MENDONÇA, Wilma Martins de. **Narrativas femininas no mitológico africano**: aclimatação em solo brasileiro. In: VI Congresso Internacional da ABRALIN, 2009, João Pessoa. V. 2. Ideia Editora, 2009. Disponível em: <http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN_2009_vol_2/PDF-VOL2/Microsoft%20Word%20-%20Mauriene%20S%20de%20Freitas.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2018.

FURTADO, Fernando Fábio Fiorese. **Corpo portátil** (1986-2000). São Paulo: Escrituras, 2002, p. 95.

GIOLLO, Tamiris Aparecida Cadoni. **Literatura Infantil e infância**: um panorama histórico da produção literária voltada para crianças/Tamiris Aparecida Cadoni Giollo. Capivari – SP: CNEC, 2012. 41p. Disponível em: <www.cneccapivari.br/libdig/index.php?option=com_rubberdoc&view=doc&id=540&format=raw>. Acesso em: 14 out. 2017.

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Ardis da Imagem**: exclusão étnica e violência nos discursos da cultura brasileira. Belo Horizonte: Mazza Edições/ Editora PUCMinas, 2001.

GOMES, Paulo de Freitas. **A representação de Zumbi e a resistência do negro brasileiro na poesia de Solano Trindade**. UFPB, p. 16, 2017.

Disponível em: <http://pos-graduacao.uepb.edu.br/ppgli/download/dissertacoes/disserta%C3%A7%C3%B5es_2015/DISSERTACAO-PAULO-DE-FREITAS-GOMES.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2017.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. **O mundo da criança**: a construção do infantil na literatura brasileira. Bragança: São Francisco, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n1/a06v31n1.pdf>>. Acesso em: 26 set. 2016.

_____. **Imagens do negro na literatura Infantil brasileira: análise historiográfica. Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 31, n. 1, p. 77-89, jan./ abr. 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

_____. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. (Org.) Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora UFMG, Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HERNANDEZ, Leila Leite. **A África na sala de aula**: visita à história contemporânea. 4. ed. São Paulo: Selo Negro, 2008.

HOLANDA, Sérgio B. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KIRCHOF, Edgar Roberto; BONIN, Iara Tatiana. **Literatura infantil e pedagogia: tendências e enfoques na produção acadêmica contemporânea. Pró-posições** (UNICAMP. Online), v. 27, p. 21-46, 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v27n2/1980-6248-pp-27-02-00021.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2017.

LAJOLO, Marisa. **Ana Maria Machado**: seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico e exercícios. São Paulo: Abril educação, 1983. Disponível em: <<http://eraumavezuem.blogspot.com.br/2013/08/ana-maria-machado-historia-de-quem-faz.html>>. Acesso em: 28 set. 2016.

LIMA, Heloisa Pires. **Personagens negros: um breve perfil na literatura infanto-juvenil**. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da educação, Secretária da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2018.

LUFT, Gabriela; WELTER, Juliane. As personagens negras na literatura brasileira oitocentista: os quadros da escravidão de Joaquim Manuel de Macedo. Terra roxa e outras terras – **Revista de Estudos Literários**. Volume 17-B (dez. 2009) - ISSN 1678-2054. 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g_pdf/vol17B/TRvol17Ba.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2018.

MACHADO, Ana Maria. **Menina bonita do laço de fita**. 9. ed. São Paulo: Ática, 2011.

MATTOS, Bruna Daniella Souza. **A literatura infantil contemporânea e a contação de histórias**. Universidade Estadual de Londrina. p. 20, 2009. Disponível em: <<http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/BRUNA%20DANIELLA%20SOUZA%20MATTOS.pdf>>. Acesso em: 06 mar. 2018.

MINKA, Jamu. In: **Cadernos negros: os melhores poemas**. (Org.) Quilombhoje. São Paulo: Quilombhoje, 1998.

MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretária de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2018.

NEJAR, Carlos. Apresentação. In: PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Corpo vivido: reunião poética**. Juiz de Fora: Edições D’Lira, 1991. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:http://150.164.100.248/lite/rafro/data1/autores/51/dados3.pdf&gws_rd=cr&dcr=0&ei=SMXjWdHrNYGNwwS_kqz4Dw>. Acesso em: 13 out. 2017.

_____. **LITERAFRO** – Portal da literatura afro-brasileira. Edimilson de Almeida Pereira. Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/225-edimilson-de-almeida-pereira>>. Acesso em: 05 mar. 2018.

OLIVA, Anderson Ribeiro. Os africanos entre representações: viagens reveladoras, olhares imprecisos e a invenção da África no imaginário ocidental. In: **Em tempo de História**. Brasília: Editora UnB, 2005, n. 9, ano 9, p. 90-114.

PAIXÃO, Marcelo; CARVANO, Luiz M. Censo e demografia: a variável cor ou raça no interior dos sistemas censitários brasileiros. In: SANSONE, Lívio; ARAÚJO PINHO, Osmundo. SANSONE, Lívio. (Org.). **Raça: novas perspectivas**

antropológicas. 2 ed. rev. Salvador : Associação Brasileira de Antropologia : EDUFBA, 2008.

PEREIRA, Edimilson Almeida. Panorama da literatura afro-brasileira. **Callaloo Revista de Artes e Letras Afro Americanas e Africanas**, Virginia, Carolina do Norte, v. 18, n. 4, p. 875-880, 1995.

_____. **Histórias trazidas por um cavalo-marinho**. São Paulo: Paulinas, 2005.

_____. **Malungos na escola**: questões sobre culturas afrodescendentes e educação. São Paulo, 2007.

_____. Panorama da literatura afro-brasileira. In: **LITERAFRO**. 1995. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/arquivos/artigos/teoricos-conceituais/ArtigoEdimilson1PanoramadaLitAfrobrasileira.pdf>>. Acesso em: 11 ago. 2018.

PEREIRA, Édimo de Almeida. **Metamorfoses do abutre**: a diversidade como eixo na poética de Adão Ventura. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

_____. O não-amarelo do mundo: olhares sobre a afrodescendência na literatura infantil brasileira. In: **Café com pão de queijo**: um novo encontro com a literatura mineira e brasileira. OLIVEIRA, Carmem Silvia Araújo de; OLIVEIRA, Paulo Roberto Soares de. (Orgs.). Juiz de Fora: América Gráfica e Editora, 2015, p. 134-147.

_____. O discurso de exclusão do negro no Brasil. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p.33-49, ago. 2009. Semestral. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/issue/view/298>>. Acesso em: 30 jan. 2018.

PEREIRA, Ivonete Sueli Segala. **Literatura infantil na perspectiva dos estudos culturais**: por uma infância plural. Universidade do Sul de Santa Catarina – UNSUL. 2014. Disponível em: <https://www.riuni.unisul.br/bitstream/handle/12345/452/108837_Ivonete.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 10 ago. 2018.

PERES, Fabiana Costa; MARINHEIRO, Edwylson de Lima; MOURA, Simone Moreira de A literatura infantil na formação da identidade da criança. **REVISTA ELETRÔNICA PRÓ-DOCÊNCIA**. Universidade Estadual de Londrina. Edição n. 1, Vol. 1, jan-jun. 2012. DISPONÍVEL EM: Disponível em <<http://www.uel.br/revistas/prodocenciafope>>. Acesso em: 08 mar. 2018.

PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. In: **Estudos Avançados** – Revista do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. Vol. 18, n. 50, jan./abr. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100017>. Acesso em: 02 ago. 2018.

ROSEMBERG, Fúlvia. **Literatura infantil e ideologia**. São Paulo: Global Editora, 1985.

SANTOS, Concísia Lopes dos. **Ilustração de contos africanos**: um novo conceito. In: XIX Semana de Humanidades, 2011, Natal – RN. Anais da XIX Semana de Humanidades, 2011. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/shXIX/anais/GT34/XIX_Semana_de_Humanidades_-_TEXTO%20pdf.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2018.

SANTOS, Luzia Aparecida Oliva dos. **O percurso da indianidade na literatura brasileira**: matizes da figuração [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. Disponível em: <http://books.scielo.org> Acesso em: 16 jan. 2018.

SCHWARCZ, Lilia Moritz **Nem preto nem branco, muito pelo contrário** : cor e raça na sociabilidade brasileira / Lilia Moritz Schwarcz. — 1. ed. — São Paulo : Claro Enigma, 2012. Disponível em: <<https://www.companhiadasletras.com.br/trechos/35023.pdf>>. Acesso em: 23 jul. 2018.

SILVA, Adriana Pereira da. FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA. Fundação CECIERJ. Consórcio CEDERJ. **Projeto SEEDUC Secretaria de Estado de educação**. Rio de Janeiro, RJ. 2012. Disponível em: <<https://canalcederj.cecierj.edu.br/012016/1536a92b8608851b24df4c19bd026b6.pdf>>. Acesso em: 07 fev. 2018.

SILVA, Petronilha B. Gonçalves. A palavra é... africanidades. **Presença Pedagógica**. Belo Horizonte, v. 15, n. 86, p. 42-47, mar./abr., 2009. Disponível em: <<https://www.4shared.com/web/preview/pdf/s9Yn0l-Z>>. Acesso em: 01 dez. 2017.

SILVA, Lucilene Costa e. **Meninas negras na literatura infanto-juvenil**: escritoras negras contam história / Lucilene Costa e Silva. 2012. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/11114/1/2012_LucileneCostaeSilva.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2018.

SILVEIRA, Oliveira. **Antologia poética de Oliveira Silveira**. Porto Alegre: Evangraf, 2010.

SOARES, Magda Becker. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins (Org.). **Escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

SOUZA, Grayce Mayre Bonfim. Uma trajetória racista: o ideal de pureza de sangue na sociedade ibérica e na América portuguesa. **Politeia: Hist. e Soc.**, Vitória da Conquista, v. 8, n. 1, p. 83-103, 2008.

SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazaré. (Orgs.) **Literatura afro-brasileira**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

SPENGLER, Maria Laura Pozzobon. Literatura infantil: a palavra e a imagem se entrelaçando na história. **Leitura: Teoria & Prática**. v 29, n. 56. 2011. Disponível em: <<https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/55/54>>. Acesso em: 14 jul. 2018.

STROHER, Marga J.; **O que espero da religião?** Palavras que me tragam para a vida! São Paulo: Católicas pelo Direito de Decidir, p. 102, 2009. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.abong.org.br/bitstream/handle/11465/310/CDD-BR_religioes_dialogo_violencia_contra_mulheres.pdf?sequence=1>. Acesso em: 15 jan. 2018.

VANSINA, Jan. A tradição oral e sua metodologia. In: **História Geral da África I: Metodologia Pré-Histórica da África**. J. Ki-Zerbo (org). Tradução de Beatriz Turquetti. et al. São Paulo: Ática; Paris: Unesco, 1982.

ZILBERMAN, Regina. LAJOLO, Marisa. **Literatura infantil brasileira: história e histórias**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1993.

ANEXOS

ANEXO A – MACHADO, Ana Maria. **Menina bonita do laço de fita**. 9. ed. São Paulo: Ática, 2011, p. 2-3.



ANEXO B – MACHADO, Ana Maria. **Menina bonita do laço de fita**. 9. ed. São Paulo: Ática, 2011, p. 9.



ANEXO C – MACHADO, Ana Maria. **Menina bonita do laço de fita**. 9. ed. São Paulo: Ática, 2011, p. 11.



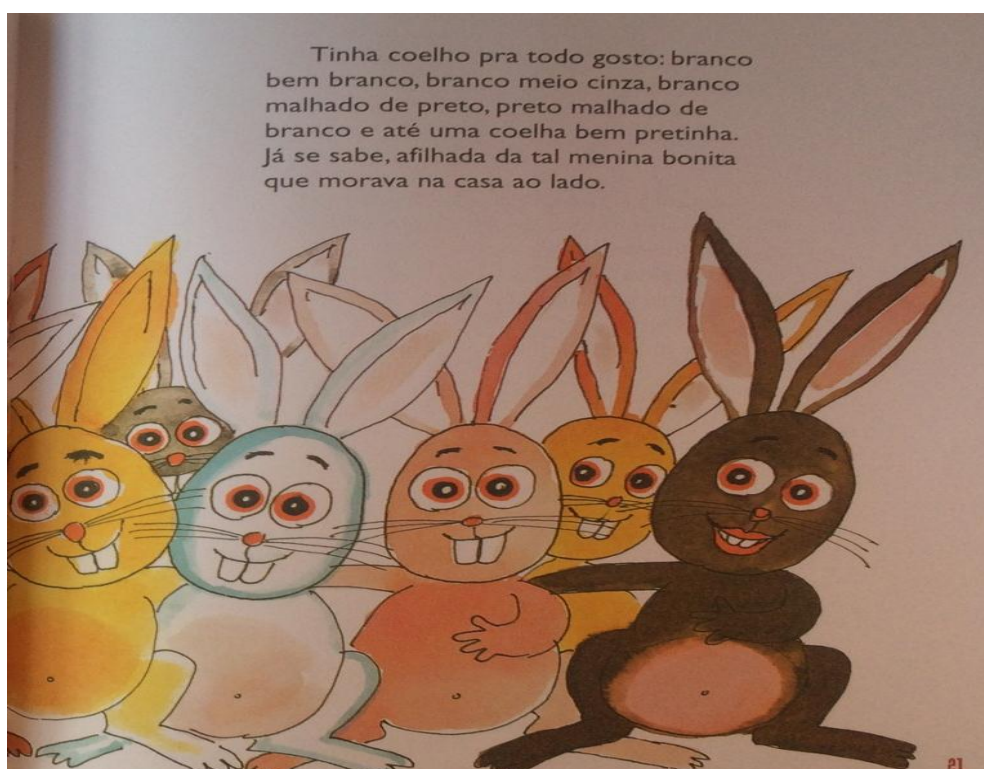
ANEXO D – MACHADO, Ana Maria. **Menina bonita do laço de fita**. 9. ed. São Paulo: Ática, 2011, p. 12-13.



ANEXO E – MACHADO, Ana Maria. **Menina bonita do laço de fita**. 9. ed. São Paulo: Ática, 2011, p.18-19.



ANEXO F – MACHADO, Ana Maria. **Menina bonita do laço de fita**. 9. ed. São Paulo: Ática, 2011, p. 21.



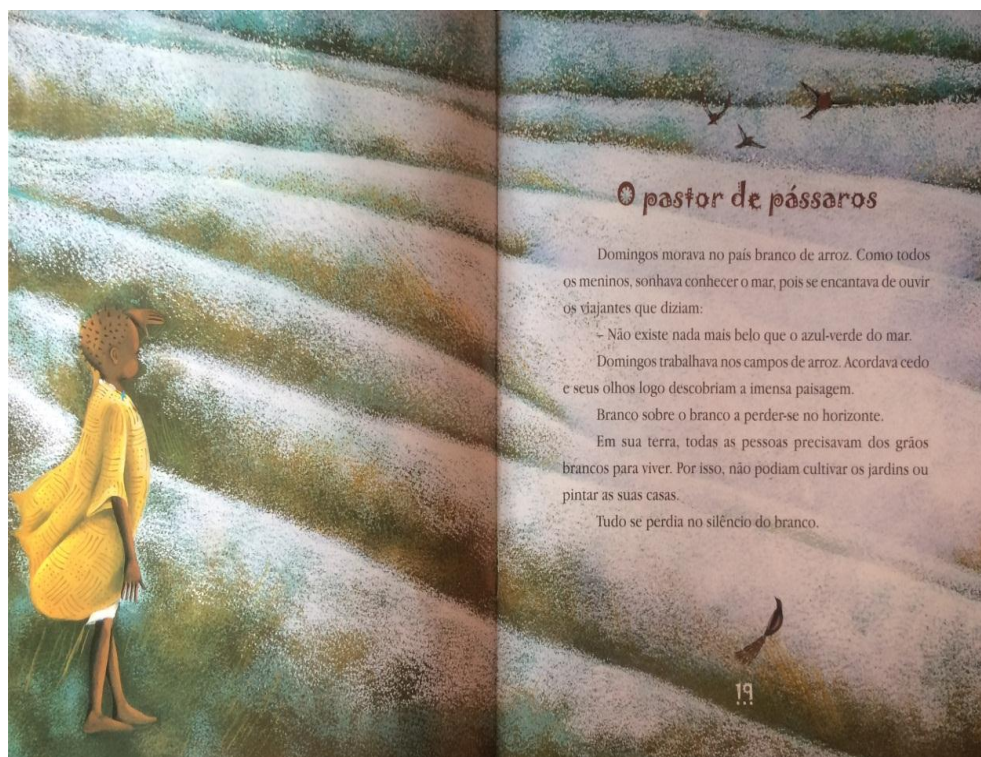
ANEXO G – PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Histórias trazidas por um cavalo marinho.** São Paulo: Paulinas, 2005, p. 6-7.



ANEXO H – PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Histórias trazidas por um cavalo marinho.** São Paulo: Paulinas, 2005, p.13.



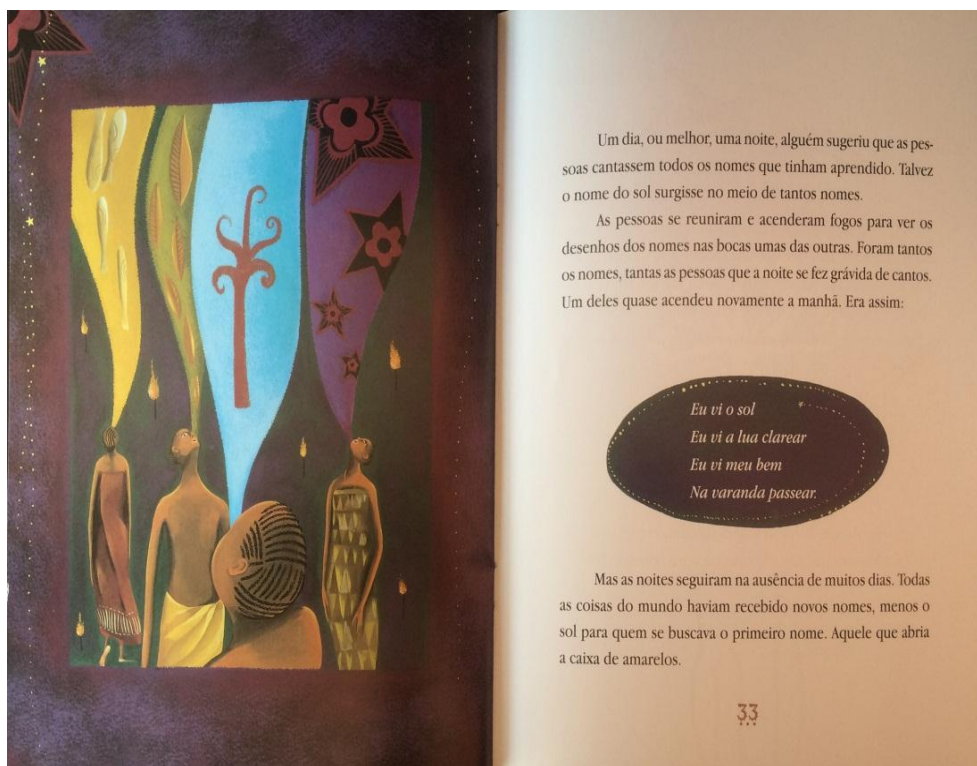
ANEXO I – PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Histórias trazidas por um cavalo marinho**. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 18-19.



ANEXO J – PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Histórias trazidas por um cavalo marinho**. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 28-29.



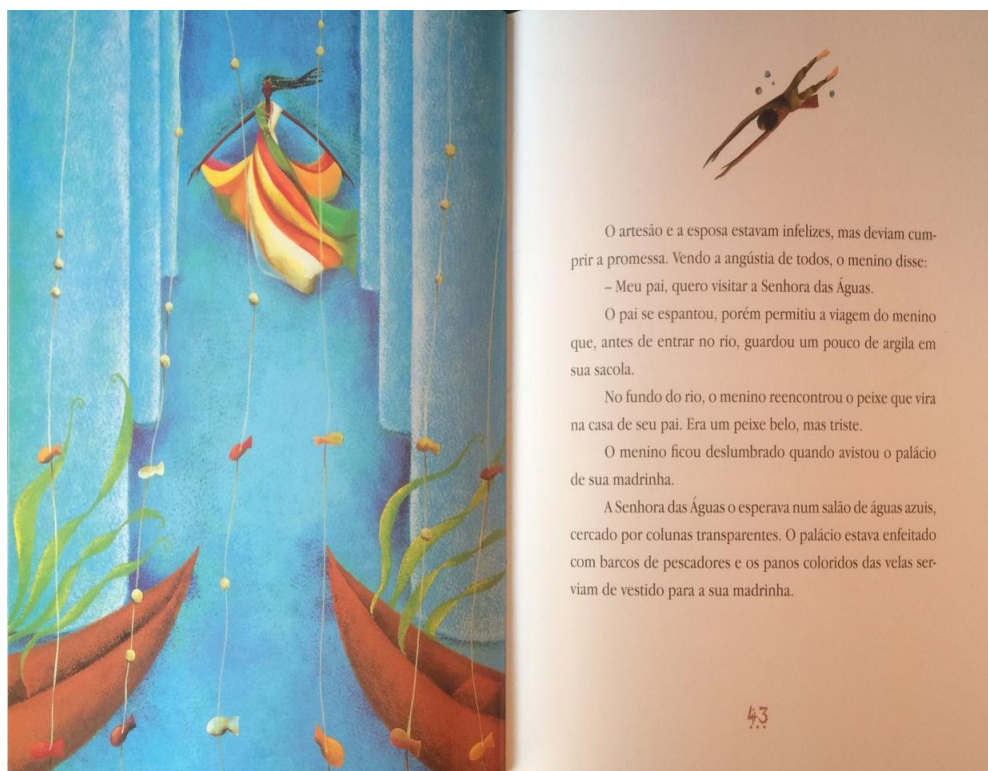
ANEXO K – PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Histórias trazidas por um cavalo marinho**. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 32-33.



ANEXO L – PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Histórias trazidas por um cavalo marinho**. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 36-37.



ANEXO M – PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Histórias trazidas por um cavalo marinho.** São Paulo: Paulinas, 2005, p. 42-43.



ANEXO N – PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Histórias trazidas por um cavalo marinho.** São Paulo: Paulinas, 2005, p. 44-45.

